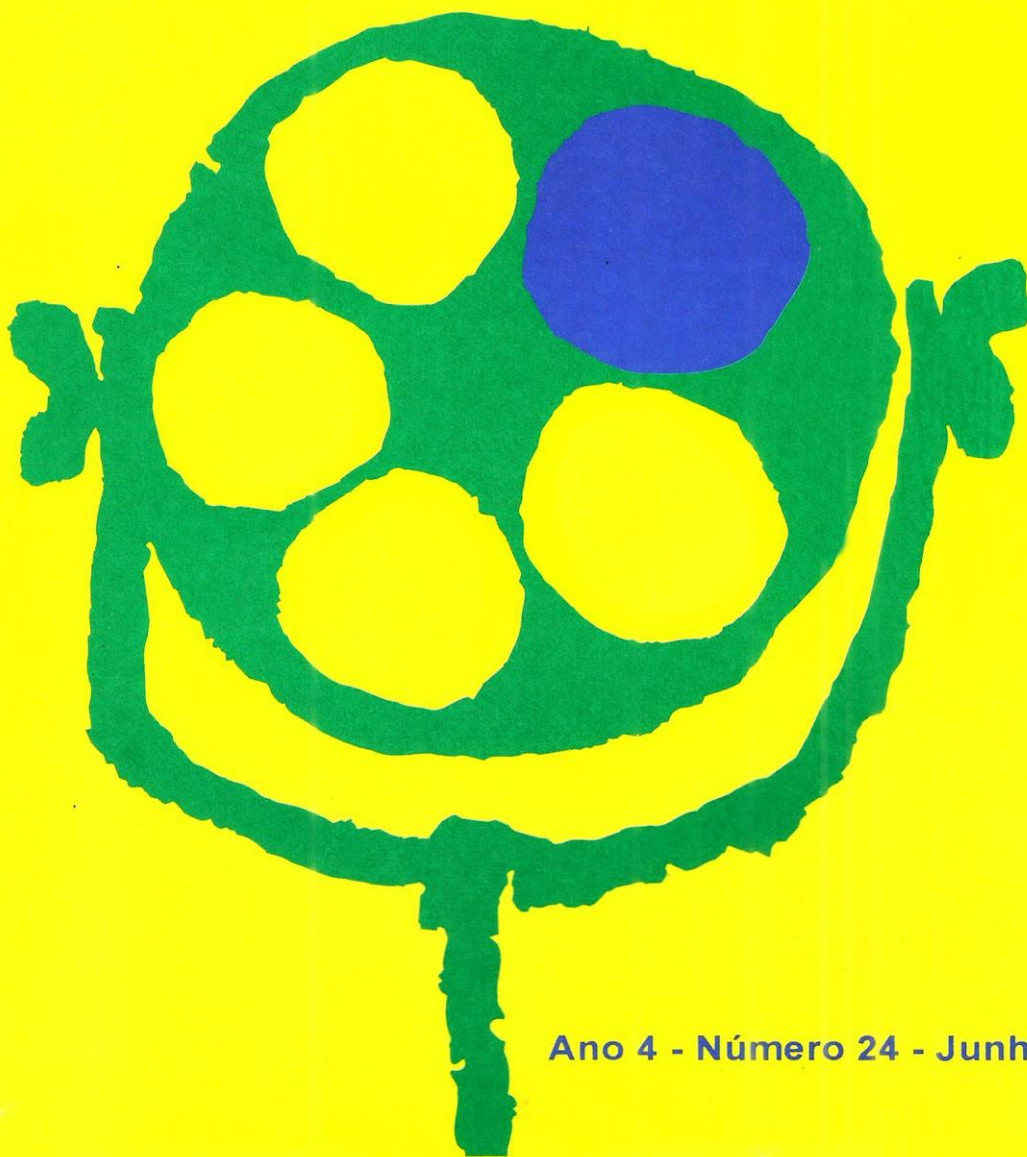


teatro da juventude

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 4 - Número 24 - Junho de 1999

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça
Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez



500 Anos de
Dramaturgia Brasileira

Teatro da Juventude

Ano 4 - número 24 - Junho de 1999

- Supervisão geral:** Tatiana Belinky
Editora: Erné Vaz Fregni
Revisão: Eliana Rocha
Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos
Editoreção eletrônica: Peter Kompier
Consultoria: Prof. Milton Andrade
Capa: Flávio Império (in memoriam.)
Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp
Tiragem: 7 mil exemplares
Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar, Sala 301 - Praça Júlio Prestes - São Paulo - SP - CEP 01028-907

A TEATRO DA JUVENTUDE está entrando numa nova fase, iniciada na edição passada, quando, a fim de comemorar os 500 anos do descobrimento e introduzir o jovem na história do Brasil por meio da dramaturgia essencial desse período, criamos a série “500 anos da Dramaturgia Brasileira”.

As manifestações teatrais no Brasil são notadas desde os primórdios de nossa colonização: a partir do padre José de Anchieta, apresentado na edição anterior, que se utilizava de representações cênicas para catequizar os índios, passando por autores como Joaquim Manoel de Macedo, Martins Pena e outros, que, pelas críticas aos costumes da corte, retrataram a sociedade de sua época. Marcando os melhores e piores momentos do país – da queda da aristocracia do café à ditadura da primeira metade do século XX, da repressão política e cultural à abertura democrática –, as peças oferecem uma excitante viagem no tempo e na nossa história. Ao publicá-las na TEATRO DA JUVENTUDE, temos a oportunidade de repensar o que fizemos nesses 500 anos, refletir sobre o presente e, quem sabe, planejar o que faremos no futuro.

Cada edição terá a apresentação de um profissional especializado no assunto. Neste número, contamos com o texto “Teatro brasileiro: uma criança está nascendo”, da mestra em dramaturgia Renata Pallottini. Romancista, poeta, professora de dramaturgia da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), com ensaios publicados sobre dramaturgia, Renata traça um panorama sobre a obra de Martins Pena, Joaquim Manoel de Macedo e José de Alencar, inserindo-os no contexto histórico do período.

A seção CARTAS deixou de ser publicada nesta edição devido ao elevado número de páginas ocupadas pelos textos, mas retornará no próximo número.

Boa viagem!

Erné Vaz Fregni

APRESENTAÇÃO

TEATRO BRASILEIRO: Uma criança está nascendo	8
Renata Pallottini	

TEXTOS

O NOVIÇO	11
Martins Pena	
A TORRE EM CONCURSO	41
Joaquim Manoel de Macedo	
O DEMÔNIO FAMILIAR	75
José de Alencar	

TEATRO BRASILEIRO: uma criança está nascendo

**Martins Pena, Joaquim Manoel de Macedo e José de Alencar:
três comediógrafos do real nascimento do teatro brasileiro.**

Renata Pallottini *

É unânime: embora se tenha de registrar, por razões de fidelidade histórica, a existência de dramaturgos desde a época do descobrimento, praticamente todos os estudiosos apontam o século XIX e o Romantismo como a época do real nascimento do teatro no Brasil.

Alguns dos melhores textos que datam a época, inclusive, se entrelaçam com a obra de poetas consagrados da Escola Romântica: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Paulo Eiró, entre outros.

Mas não são só os poetas que fazem a dramaturgia desse período. É preciso levar em conta a extraordinária capacidade de criação dos nossos comediógrafos: Martins Pena, Joaquim Manoel de Macedo, mais tarde José de Alencar, França Júnior, Artur Azevedo.

E é engraçado: de três obras de outras tantas desses escritores – Martins Pena, Macedo e Alencar – emergem três protagonistas jovens, que incluem desde o moço engenheiro Henrique até o moleque Pedro, passando por Carlos, o Noviço. É a juventude brasileira que surge, retratada na juventude do nosso teatro.

Seguindo a linha tradicional da comédia greco-latina, os jovens vêm à cena para redimir, limpar, vencer. São os introdutores da verdade, da sinceridade, da novidade. São, quase sempre, os heróis. Aos velhos, também tradicionalmente, está reservado o papel de amantes ridículos, ricos avaros, pais possessivos. As mulheres, nessa linha de criação, quase nunca têm verdadeira atividade: raramente conduzem a ação, raramente fazem alguma coisa pra valer. *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias, é, nesse e em outros sentidos, uma gloriosa exceção. Mas é que, realmente, esse drama é excepcional.

Porém, como se apresentam esses jovens ativos e realizadores (para o bem ou para o mal) na criação dos dramaturgos que pretendemos enfocar – Martins Pena, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar – e nas três peças focalizadas?

O noviço, esse texto cheio de frescor e alegria, é uma das principais obras de Luís Carlos Martins Pena, dramaturgo nascido no Rio de Janeiro em 1815 e morto prematuramente em Lisboa em 1848.

À parte alguns dramas escritos quase que por compromisso – era lugar-comum na época supor que a comédia fosse menos transcendente que o drama –, a obra de Martins Pena está centrada em algumas deliciosas comédias-quase-farsas (ou farsas, realmente), que nos dão, além de diversão e entretenimento, um precioso retrato da sociedade fluminense da época.

O noviço, comédia escrita provavelmente em 1845, quando o autor tinha trinta anos, está baseada num entrecho simples: Ambrósio, homem maduro, um aproveitador que veio do Maranhão para recomeçar sua vida amorosa, casou-se com Florência, viúva rica, que tem dois filhos, Emília e Juca, e um sobrinho, Carlos. Interessa a Ambrósio que Emília, Juca e Carlos entrem para a vida religiosa, para que possa, livremente, apoderar-se dos bens de toda a família. No entanto, Emília está apaixonada por Carlos, o noviço, que Ambrósio conseguiu encerrar em um convento.

Carlos, porém, é um personagem ativo, esperto e cheio de recursos. Quando começa a ação, o moço fugiu do convento e vem para casa a fim de encontrar-se com sua namorada, Emília. Na ausência de Ambrósio e Florência, Carlos recebe na casa uma provinciana, Rosa, vindo a saber que ela

era a verdadeira esposa de Ambrósio, que é, portanto, bigamo.

Valendo-se do que sabe e dos documentos que tem Rosa, Carlos pressiona o aproveitador e, depois de muitos quiproquós, característicos do teatro de Martins Pena, acaba conseguindo escapar à vida religiosa para a qual havia sido destinado e, ainda, desmascarando o falso tio, interesseiro e bigamo. Os jovens vencem a disputa. Carlos pode casar-se com Emília; Juquinha escapa ao convento, que seria também seu destino; Florência livra-se do aventureiro, que é preso, mas, evidentemente, perde o marido, a quem amava e em quem confiava. Também Rosa tem a perder neste desfecho: de nada lhe vale ser a legítima esposa daquele meliante. O marido é um criminoso e, como tal, será punido.

Vê-se que os *velhos*, ou seja, os adultos, são os grandes perdedores: também os religiosos do convento são enganados, e até ridicularizados. Florência, Rosa e Ambrósio, cada um à sua maneira e de acordo com suas características, são prejudicados. Apenas Carlos, Emília e Juca triunfam. É a constante do teatro de Martins Pena, e é tradição na qual ele bebe.

Também *A torre em concurso*, comédia de Joaquim Manuel de Macedo, retrata a vitória dos jovens, seja no amor, seja na realização profissional, agora, aqui, calcando os conflitos e suas soluções numa clave que enfatiza o nacionalismo fundado no bom senso.

Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882), escritor fluminense, consagrou-se na literatura brasileira não propriamente pelo teatro, mas por seu romance *A moreninha*, obra literária extremamente popular, retrato saboroso das relações e dos costumes brasileiros do Segundo Império.

Sua peça mais conhecida segue essa linha; enquanto Martins Pena criticava a hipocrisia e o oportunismo através de um personagem negativo que surge no ambiente acomodado da família fluminense, Macedo mostra desde logo, de maneira contundente, o sentimento de inferioridade e a ignorância de uma povoação da província. Nesse povoado, a igreja matriz está necessitada de reformas: faz falta uma nova torre que sustente o

sino do templo. Ingênuos e despreparados, os representantes do poder da cidadezinha decidem escolher para a obra um engenheiro, que deve ser, antes de mais nada.

“... *inglês de nação e ter vindo para o Brasil já barbado*”.

Pouco importava que fosse competente, que tivesse bons conhecimentos e bons planos; devido ao evidente sentimento de inferioridade dos governantes da cidadezinha (símbolo óbvio da nação), bastava que o engenheiro fosse estrangeiro para ser sacramentado como bom e capaz.

Henrique, jovem engenheiro local, opõe-se, como é natural, à decisão das autoridades. Ele representa o bom senso e a razão e, além do mais, tem ainda um bom motivo para desejar ser o construtor da torre: está apaixonado por Faustina,

filha do juiz de paz, e deseja triunfar para casar-se com ela.

Apresentam-se dois farsantes à cidadezinha, ambos dispostos a fingir que são ingleses e engenheiros, para locupletar-se à custa da ignorância dos matutos. Faz-se, naturalmente, um concurso para decidir quem ganhará o posto. E aqui Macedo aproveita a oportunidade do conflito para, novamente, criar um símile e criticar as eleições brasileiras da época, fraudulentas, falseadas e manipuladas.

Ao fim, dentro da confusão que se cria na apuração das eleições, fica-se sabendo que Henrique foi nomeado engenheiro da província e deve, portanto, construir a torre que era objeto da discórdia. Os farsantes são desmascarados, enquanto tudo termina bem para os jovens apaixonados, que se regozijam ao som da cançoneta final (a comédia tem características de musical).

A torre em concurso é uma peça eficiente como retrato de costumes, aguda na crítica ao provincianismo e à imoralidade política. Naturalmente, comporta todas as confusões amorosas e todos os bordões cômicos da época, mas salva-se pela leveza e pela graça ingênua. É, ainda, perfeitamente representável, garantindo sorrisos e, mais ainda, lições muito atuais sobre a psicologia e os costumes brasileiros.

“A juventude brasileira surge retratada na juventude do nosso teatro.”

José Martiniano de Alencar nasceu no Ceará em 1829 e faleceu no Rio de Janeiro em 1877. Sua carreira literária é brilhante; considerado o maior nome do indianismo brasileiro na ficção, por conta de seu romance *O guarani*, produziu ainda outras obras de caráter histórico apreciáveis: a bela novela poética *Iracema*, também indianista, e várias peças teatrais de mérito, já avançado em seu caminho para o realismo.

O demônio familiar é, com certeza, sua obra teatral mais bem-sucedida. Nela se conta a história de Pedro, moleque escravo, menino de uns treze anos, que leva a vida tentando arrumar o futuro de seus senhores: Eduardo, jovem médico, e sua irmã, Carlotinha. Para conseguir que os amos alcancem aquilo que a ele, Pedro, parece ser a melhor solução de vida, enreda, engana, intromete-se, leva e traz bilhetes e recados que, eventualmente, até entrega a destinatários trocados.

Quando, depois de vários incidentes, através dos quais se desenvolve a trama, as diabruras de Pedro são desmascaradas, sobrevem a grande lição de moral: Eduardo, indignado com painel de intrigas que o moleque, sempre cheio de boas intenções, havia composto, resolve castigá-lo exemplarmente dando-lhe a liberdade. Pedro era “o demônio familiar”, aquele espírito que os antigos acreditavam habitar uma casa e ser o responsável pela sua paz e tranqüilidade. Agora, livre, saberia o que é responsabilidade, erro e punição.

EDUARDO: Eu o corrijo, fazendo do autômato um homem; restituo-o à sociedade, porém expulso-o do seio da minha família e fecho-lhe para sempre a porta de minha casa. (A Pedro) Toma: é a tua carta de liberdade; ela será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recairão unicamente sobre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas ações. Livre, sentirás a necessidade do trabalho honesto, e apreciarás os nobres sentimentos que hoje não compreendes.

A dureza destas palavras, através das quais o moleque Pedro, uma criança, é atirado à rua, despertou uma crítica violenta, que julgou o

texto de Alencar uma premonição do que, depois, iria se realizar: o abandono total dos descendentes de africanos liberados, entregues à própria sorte e à miséria.

No entanto, a outra face da moeda não pode ser esquecida: Alencar preconizava a libertação dos escravos, acompanhada, é claro, da correspondente assunção da responsabilidade. O escravo era ainda, àquela altura (1857, ano da primeira representação), um ser comparável a um animal ou a um objeto, do qual o senhor podia dispor como quisesse. Entender de maneira correta a liberdade parece ter sido a intenção do dramaturgo.

A obra, polêmica desde o primeiro minuto, e que, na sua aparência de comédia de costumes, encerra já, à maneira realista, uma peça de tese, é muito interessante, seja pelo aspecto ideológico, seja pelo aspecto puramente

dramático. Pedro é um personagem rico, multifacetado, e um bom exemplo de caráter bem-intencionado porém malsucedido. Eduardo, seu amo, é um moço apaixonado que, ao final, vai conseguir realizar o seu amor por Henriqueta. Outros casamentos e acertos se realizarão; tudo termina bem, a rigor até para o próprio Pedro, que se vai empregar em casa do major.

Um personagem jovem foi castigado, mas, por obra de outro moço, este já na idade da razão, adulto e pugnando pela justiça. Os velhos, como sempre, são aliados do centro da ação, têm menor importância ou são meros coadjuvantes. Pedro nos dá a medida da irresponsabilidade juvenil e Eduardo é a imagem do moço responsável.

O noviço, *A torre em concurso* e *O demônio familiar* são portanto três exemplares do jovem teatro brasileiro do século passado, tempo de sua instauração e princípio de uma trajetória de grandes realizações.

* Renata Pallottini é poeta, romancista e tem publicado ensaios sobre dramaturgia, matéria da qual é professora na Escola de Comunicações e Arte (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

“As peças são três exemplos do jovem teatro brasileiro do século passado.”

O NOVIÇO

COMÉDIA EM 3 ATOS

Martins Pena

PERSONAGENS

Ambrósio

Florência - sua mulher.

Emília - sua filha.

Juca - 9 anos, dito.

Carlos - noviço da Ordem de São Bento.

Rosa - provinciana, primeira mulher de Ambrósio.

Padre-mestre dos noviços

Jorge

José - criado.

1 meirinho - que fala.

2 ditos, que não falam.

Soldados de Permanentes, etc., etc.

(A cena passa-se no Rio de Janeiro.)

ATO PRIMEIRO

(Sala ricamente adornada: mesa, consolos, mangas de vidro, jarras com flores, cortinas, etc., etc. No fundo, porta de saída, uma janela, etc., etc.)

AMBRÓSIO

(Só, de calça preta e chambre.) No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. Todo homem pode ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares. Qual o homem que, resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer-se? Em mim se vê o exemplo. Há oito anos, era eu pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. O como não importa; no bom resultado está o mérito... Mas um dia pode tudo mudar. Oh, que temo eu? Se em algum tempo tiver de responder pelos meus atos, o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres...

CENA II

(Entra Florência vestida de preto, como quem vai a festa.)

FLORÊNCIA

(Entrando.) Ainda despido, Sr. Ambrósio?

AMBRÓSIO

Ê cedo. *(Vendo o relógio.)* São nove horas, e o ofício de Ramos principia às dez e meia.

FLORÊNCIA

Ê preciso ir mais cedo para tomarmos lugar.

AMBRÓSIO

Para tudo há tempo. Ora dize-me, minha bela Florência...

FLORÊNCIA

O quê, meu Ambrosinho?

AMBRÓSIO

O que pensa tua filha do nosso projeto?

FLORÊNCIA

O que pensa não sei eu, nem disso se me dá; quero eu – e basta. E é o seu dever obedecer.

AMBRÓSIO

Assim é; estimo que tenhas caráter enérgico.

FLORÊNCIA

Energia tenho eu.

AMBRÓSIO

E atrativos, feiticeira...

FLORÊNCIA

Ai, amorzinho! *(À parte.)* Que marido!

AMBRÓSIO

Escuta-me, Florência, e dá-me atenção. Crê que ponho todo o meu pensamento em fazer-te feliz...

FLORÊNCIA

Toda eu sou atenção.

AMBRÓSIO

Dois filhos te ficaram do teu primeiro matrimônio. Teu marido foi um digno homem e de muito juízo; deixou-te herdeira de avultado cabedal. Grande mérito é esse...

FLORÊNCIA

Pobre homem!

AMBRÓSIO

Quando eu te vi pela primeira vez, não sabia que eras viúva rica. *(À parte.)* Se o sabia! *(Alto.)* Amei-te por simpatia.

FLORÊNCIA

Sei disso, vidinha.

AMBRÓSIO

E não foi o interesse que obrigou-me a casar contigo.

FLORÊNCIA

Foi o amor que nos uniu.

AMBRÓSIO

Foi, foi, mas agora, que me acho casado contigo, é de meu dever zelar essa fortuna que sempre desprezei.

FLORÊNCIA

(À parte.) Que marido!

AMBRÓSIO

(À parte.) Que tola! *(Alto.)* Até o presente tens gozado dessa fortuna em plena liberdade e a teu bel-prazer; mas daqui em diante talvez assim não seja.

FLORÊNCIA

E por quê?

AMBRÓSIO

Tua filha está moça e em estado de casar-se. Casar-se-á e terás um genro que exigirá a legítima de sua mulher, e desse dia principiarão as amofinações para ti, e intermináveis demandas. Bem sabes que ainda não fizeste inventário.

FLORÊNCIA

Não tenho tido tempo, e custa-me tanto aturar procuradores!

AMBRÓSIO

Teu filho também vai a crescer todos os dias e será preciso por fim dar-lhe a sua legítima... Novas demandas.

FLORÊNCIA

Não, não quero demandas.

AMBRÓSIO

É o que eu também digo; mas como preveni-las?

FLORÊNCIA

Faze o que entenderes, meu amorzinho.

AMBRÓSIO

Eu já te disse há mais de três meses o que era preciso fazermos para atalhar esse mal. Amas a tua

filha, o que é muito natural, mas amas muito mais a ti mesma...

FLORÊNCIA

O que também é muito natural...

AMBRÓSIO

Que dúvida! E eu julgo que podes conciliar esses dois pontos, fazendo Emília professar em um convento. Sim, que seja freira. Não terás nesse caso de dar legítima alguma, apenas um insignificante dote – e farás ação meritória.

FLORÊNCIA

Coitadinha! Sempre tenho pena dela; o convento é tão triste!

AMBRÓSIO

É essa compaixão mal-entendida! O que é esse mundo? Um pélogo de enganos e traições, um escolho em que naufragam a felicidade e as doces ilusões da vida. E o que é o convento? Porto de salvação e ventura, asilo da virtude, único abrigo da inocência e verdadeira felicidade... E deve uma mãe carinhosa hesitar na escolha entre o mundo e o convento?

FLORÊNCIA

Não, por certo...

AMBRÓSIO

A mocidade é inexperiente, não sabe o que lhe convém. Tua filha lamentar-se-á, chorará desesperada, não importa; obriga-a e dá tempo ao tempo. Depois que estiver no convento e acalmar-se esse primeiro fogo, abençoará o teu nome e, junto ao altar, no êxtase de sua tranqüilidade e verdadeira felicidade, rogará a Deus por ti. *(À parte.)* E a legítima ficará em casa...

FLORÊNCIA

Tens razão, meu Ambrosinho, ela será freira.

AMBRÓSIO

A respeito de teu filho direi o mesmo. Tem ele nove anos e será prudente criarmos-lo desde já para frade.

FLORÊNCIA

Já ontem comprei-lhe o hábito com que andarás vestido daqui em diante.

AMBRÓSIO

Assim não estranhará quando chegar à idade de entrar no convento; será frade feliz. *(À parte.)* E a legítima também ficará em casa...

FLORÊNCIA

Que sacrifícios não farei eu para ventura de meus filhos!

CENA III

(Entra Juca, vestido de frade, com chapéu desabado, tocando um assobio.)

FLORÊNCIA

Anda cá, filhinho. Como estás galante com esse hábito!

AMBRÓSIO

Juquinha, gostas desta roupa?

JUCA

Não, não me deixa correr, é preciso levantar assim... (*Arregaça o hábito.*)

AMBRÓSIO

Logo te acostumarás.

FLORÊNCIA

Filhinho, há-de ser um fradinho muito bonito.

JUCA

(*Chorando.*) Não quero ser frade!

FLORÊNCIA

Então, o que é isso?

JUCA

Hi, hi, hi... Não quero ser frade!

FLORÊNCIA

Menino!

AMBRÓSIO

Pois não te darei o carrinho que te prometi, todo bordado de prata, com cavalos de ouro.

JUCA

(*Rindo-se.*) Onde está o carrinho?

AMBRÓSIO

Já o encomendei; é coisa muito bonita: os arreios todos enfeitados de fitas e veludo.

JUCA

Os cavalos são de ouro?

AMBRÓSIO

Pois não, de ouro com os olhos de brilhantes.

JUCA

E andam sozinhos?

AMBRÓSIO

Se andam! De marcha e passo.

JUCA

Andam, mamãe?

FLORÊNCIA

Correm, filhinho.

JUCA

(*Saltando de contente.*) Como é bonito! E o carrinho tem rodas, capim para os cavalos, uma moça bem enfeitada?

AMBRÓSIO

Não lhe falta nada.

JUCA

E quando vem?

AMBRÓSIO

Assim que estiver pronto.

JUCA

(*Saltando e cantando.*) Eu quero ser frade, eu quero ser frade... (*Etc.*)

AMBRÓSIO

(*Para Florência.*) Assim o iremos acostumando...

FLORÊNCIA

Coitadinho, é preciso comprar-lhe o carrinho!

AMBRÓSIO

(*Rindo-se.*) Com cavalos de ouro?

FLORÊNCIA

Não.

AMBRÓSIO

Basta que se compre uma caixinha com soldados de chumbo.

JUCA

(*Saltando pela sala.*) Eu quero ser frade!

FLORÊNCIA

Está bom, Juquinha, serás frade; mas não grites tanto. Vai lá para dentro.

JUCA

(*Sai cantando.*) Eu quero ser frade... (*Etc.*)

FLORÊNCIA

Estas crianças...

AMBRÓSIO

Este levaremos com facilidade... De pequenino se torce o pepino... Cuidado me dá o teu sobrinho Carlos.

FLORÊNCIA

Já vai para seis meses que ele entrou como noviço no convento.

AMBRÓSIO

E queira Deus que decorra o ano inteiro para professar, que só assim ficaremos tranqüilos.

FLORÊNCIA

E se fugir do convento?

AMBRÓSIO

Lá isso não temo eu... Está bem recomendado. É preciso empregarmos toda a nossa autoridade para obrigá-lo a professar. O motivo, bem o sabes...

FLORÊNCIA

Mas olha que Carlos é da pele, é endiabrado.

AMBRÓSIO

Outros tenho eu domado... Vão sendo horas de sairmos, vou-me vestir. (*Sai pela esquerda.*)

CENA IV**FLORÊNCIA**

(*Só.*) Se não fosse este homem com quem casei-me segunda vez, não teria agora quem zelasse com tanto desinteresse a minha fortuna. É uma bela pessoa... Rodeia-me de cuidados e carinhos. Ora, digam lá que uma mulher não deve casar-se segunda vez... Se eu soubesse que havia de ser sempre tão feliz, casar-me-ia cinquenta.

CENA V

(*Entra Emília, vestida de preto, como querendo atravessar a sala.*)

FLORÊNCIA

Emília, vem cá.

EMÍLIA

Senhora?

FLORÊNCIA

Chega aqui. Ó menina, não deixarás este ar triste e lagrimoso em que andas?

EMÍLIA

Minha mãe, eu não estou triste. (*Limpa os olhos com o lenço.*)

FLORÊNCIA

Aí tem! Não digo? A chorar. De que chora?

EMÍLIA

De nada, não senhora.

FLORÊNCIA

Ora, isto é insuportável. Mata-se e amofina-se uma mãe extremosa para fazer a felicidade de sua filha, e como agradece esta? Arrepelando-se e chorando. Ora, sejam lá mãe e tenham filhos desobedientes...

EMÍLIA

Não sou desobediente. Far-lhe-ei a vontade; mas não posso deixar de chorar e sentir.
(*Aqui aparece à porta por onde saiu Ambrósio, em mangas de camisa, para observar.*)

FLORÊNCIA

E por que tanto chora a menina? Por quê?

EMÍLIA

Minha mãe...

FLORÊNCIA

O que tem de mal a vida de freira?

EMÍLIA

Será muito boa, mas é que não tenho inclinação nenhuma para ela.

FLORÊNCIA

Inclinação, inclinação! O que quer dizer inclinação? Terás, sem dúvida, por algum francelho freqüentador de bailes e passeios, jogador do *écarté* e dançador de polca? Essas inclinações é que perdem a muitas meninas. Esta cabecinha ainda está muito leve; eu é que sei o que te convém: serás freira.

EMÍLIA

Serei freira, minha mãe, serei! Assim como estou certa de que hei-de ser desgraçada.

FLORÊNCIA

Histórias! Sabes tu o que é o mundo? O mundo é... é... (*À parte.*) Já não me recordo o que me disse o Sr. Ambrósio que era o mundo. (*Alto.*) O mundo é... um... é... (*À parte.*) E esta? (*Vendo Ambrósio junto à porta.*) Ah, Ambrósio, dize aqui a esta estonteada o que é o mundo.

AMBRÓSIO

(*Adiantando-se.*) O mundo é um pélogo de enganos e traições, um escolho em que naufragam a felicidade e as doces ilusões da vida... E o convento é o porto de salvação e ventura, único abrigo de inocência e verdadeira felicidade... Onde está a minha casaca?

FLORÊNCIA

Lá em cima no sótão. (*Ambrósio sai pela direita. Florência, para Emília.*) Ouviste o que é o mundo, e o convento? Não sejas pateta, vem acabar de vestir-te, que são mais que horas. (*Sai pela direita.*)

CENA VI**EMÍLIA**

É minha mãe, devo-lhe obediência, mas este homem, meu padraço, como o detesto! Estou certa de que foi ele quem persuadiu a minha mãe que me metesse no convento. Ser freira? Oh, não, não! E Carlos, que tanto amo? Pobre Carlos, também te perseguem! E por que nos perseguem assim? Não sei. Como tudo mudou nesta casa, depois que minha mãe casou-se com este homem! Então não pensou ela na felicidade de seus filhos. Ai, ai!

CENA VII

(*Carlos, com hábito de noviço, entra assustado e fecha a porta.*)

EMÍLIA

(*Assustando-se.*) Ah, que é? Carlos!

CARLOS

Cala-te!

EMÍLIA

Meu Deus, o que tens, por que estás tão assustado? O que foi?

CARLOS

Onde está a minha tia, e o teu padraço?

EMÍLIA

Lá em cima. Mas o que tens?

CARLOS

Fugi do convento, e aí vêm eles atrás de mim.

EMÍLIA

Fugiste? E por que motivo?

CARLOS

Por que motivo? Pois faltam motivos para se fugir de um convento? O último foi o jejum em que vivo há sete dias... Vê como tenho esta barriga, vai a sumir-se. Desde sexta-feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena.

EMÍLIA

Coitado!

CARLOS

Hoje, já não podendo, questionei com o D. Abade. Palavras puxam palavras; dize tu, direi eu, e por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada, que o atirei por esses ares.

EMÍLIA

O que fizeste, louco?

CARLOS

E que culpa tenho eu, se tenho a cabeça esquentada? Para que querem violentar as minhas inclinações? Não nasci para frade, não tenho jeito nenhum para estar horas inteiras no coro a rezar com os braços encruzados. Não me vai o gosto para aí... Não posso jejuar: tenho, pelo menos três vezes ao dia, uma fome de todos os diabos. Militar é o que eu quisera ser; para aí chama-me a inclinação. Bordoadas, espadeiradas, rugas é que me regalam; esse é o meu gênio. Gosto de teatro, e de lá ninguém vai ao teatro, à exceção de Frei Maurício, que frequenta a platéia de casaca e cabeleira, para esconder a coroa.

EMÍLIA

Pobre Carlos, como terás passado estes seis meses de noviciado!

CARLOS

Seis meses de martírio! Não que a vida de frade seja má; boa ela é para quem a sabe gozar e que para ela nasceu; mas eu, priminha, eu que tenho para a tal vidinha negação completa, não posso!

EMÍLIA

E os nossos parentes, quando nos obrigam a seguir uma carreira para a qual não temos inclinação alguma, dizem que o tempo acostumar-nos-á.

CARLOS

O tempo acostumar! Eis aí por que vemos entre nós tantos absurdos e disparates. Este tem jeito para sapateiro: pois vá estudar medicina... Excelente médico! Aquele tem inclinação para cômico: pois não senhor, será político... Ora, ainda isso vá. Estoutro só tem jeito para caiador ou borrador: nada, é ofício que não presta... Seja diplomata, que borra tudo quanto faz. Aqueloutro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isso não se faz: seja tesoureiro de repartição, fiscal, e lá se vão os cofres da nação à garra... Essoutro tem uma grande carga de preguiça e indolência e só serviria para leigo de convento, no entanto vemos o bom do mandrião empregado público, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação.

EMÍLIA

Tens muita razão; assim é.

CARLOS

Este nasceu para poeta ou escritor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes coisas, mas não pode seguir a sua inclinação, porque poetas e escritores morrem de miséria, no Brasil... E assim [o] obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição pública e a copiar cinco horas por dia os mais soníferos papéis. O que acontece? Em breve matam-lhe a inteligência e fazem do homem pensante máquina estúpida, e assim se gasta uma vida! É preciso, é já tempo que alguém olhe para isso, e alguém que possa.

EMÍLIA

Quem pode nem sempre sabe o que se passa entre nós, para poder remediar; é preciso falar.

CARLOS

O respeito e a modéstia prendem muitas línguas, mas lá vem um dia que a voz da razão se faz ouvir, e tanto mais forte quanto mais comprimida.

EMÍLIA

Mas, Carlos, hoje te estou desconhecendo...

CARLOS

A contradição em que vivo tem-me exasperado! E como queres tu que eu não fale quando vejo, aqui, um péssimo cirurgião que poderia ser bom alveitar; ali, um ignorante general que poderia ser um excelente enfermeiro; acolá, um periodiqueiro que só serviria para arreeiro, tão desbocado e insolente é, etc., etc. Tudo está fora de seus eixos...

EMÍLIA

Mas que queres tu que se faça?

CARLOS

Que não se constanja ninguém, que se estudem os homens e que haja uma bem entendida e esclarecida proteção, e que, sobretudo, se despreze o patronato, que assenta o jumento nas bancas das academias e amarra o homem de talento à manjedoura. Eu, que quisera viver com uma espada à cinta e à frente do meu batalhão, conduzi-lo ao inimigo através da metralha, bradando: "Marcha... (*Manobrando pela sala, entusiasmado.*) Camaradas, coragem, calar baionetas! Marche, marche! Firmeza, avança! O inimigo fraqueia... (*Seguindo Emília, que recua, espantada.*) Avança!"

EMÍLIA

Primo, primo, que é isso? Fique quieto!

CARLOS

(*Entusiasmado.*) "Avança, bravos companheiros, viva a Pátria! Viva!" – e voltar vitorioso, coberto de sangue e

poeira... Em vez desta vida de agitação e glória, hei-de ser frade, revestir-me de paciência e humildade, encomendar defuntos... *(Cantando.) Requiescat in pace... a porta inferi! Amen...* O que seguirá disto? O ser eu péssimo frade, descrédito do convento e vergonha do hábito que visto. Falta-me a paciência.

EMÍLIA
Paciência, Carlos, preciso eu também ter, e muita. Minha mãe declarou-me positivamente que hei-de ser freira.

CARLOS
Tu, freira? Também te perseguem?

EMÍLIA
É meu padrasto ameaça-me.

CARLOS
Emília, aos cinco anos estava eu órfão, e tua mãe, minha tia, foi nomeada por meu pai sua testamenteira e minha tutora. Contigo cresci nesta casa, e à amizade de criança seguiu-se inclinação mais forte... Eu te amei, Emília, e tu também me amaste.

EMÍLIA
Carlos!

CARLOS
Vivíamos felizes, esperando que um dia nos uniríamos. Nesses planos estávamos, quando apareceu este homem, não sei donde, e que soube a tal ponto iludir tua mãe, que a fez esquecer-se de seus filhos que tanto amava, de seus interesses, e contrair segundas núpcias.

EMÍLIA
Desde então nossa vida tem sido tormentosa...

CARLOS
Obrigaram-me a ser noviço, e, não contentes com isso, querem-te fazer freira. Emília, há muito tempo que eu observo este teu padrasto. E sabes qual tem sido o resultado de minhas observações?

EMÍLIA
Não.

CARLOS
Que ele é um rematadíssimo velhaco.

EMÍLIA
Oh, estás bem certo disso?

CARLOS
Certíssimo! Esta resolução que tomaram, de fazer-te freira, confirma a minha opinião.

EMÍLIA
Explica-te.

CARLOS
Teu padrasto persuadia a minha tia que me obrigasse a ser frade para assim roubar-me, impunemente, a herança que meu pai deixou-me. Um frade não põe demandas...

EMÍLIA
É possível?

CARLOS
Ainda mais; querem que tu sejas freira para não te darem dote, se te casares.

EMÍLIA
Carlos, quem te disse isso? Minha mãe não é capaz!

CARLOS
Tua mãe vive iludida. Oh, que não possa eu desmascarar este tratante!...

EMÍLIA
Fala baixo!

CENA VIII *(Entra Juca.)*

JUCA
Mana, mamãe pergunta por você.

CARLOS
De hábito? Também ele? Ah!...

JUCA
(Correndo para Carlos.) Primo Carlos!

CARLOS
(Tomando-o no colo.) Juquinha! Então, prima, tenho ou não razão? Há ou não plano?

JUCA
Primo, você também é frade? Já lhe deram também um carrinho de prata com cavalos de ouro?

CARLOS
O que dizes?

JUCA
Mamãe disse que havia de me dar um muito dourado quando eu fosse frade. *(Cantando.)* Eu quero ser frade... *(Etc., etc.)*

CARLOS
(Para Emília.) Ainda duvidas? Vê como enganam esta inocente criança!

JUCA
Não enganam não, primo; os cavalos andam sozinhos.

CARLOS
(Para Emília.) Então?

EMÍLIA
Meu Deus!

CARLOS
Deixa o caso por minha conta. Hei-de fazer uma estralada de todos os diabos, verão...

EMÍLIA
Prudência!

CARLOS
Deixa-os comigo. Adeus, Juquinha, vai para dentro com tua irmã. *(Bota-o no chão.)*

JUCA

Vamos, mana. (*Sai cantando.*) Eu quero ser frade...
(*Emília o segue.*)

CENA IX**CARLOS**

(*Só.*) Hei-de descobrir algum meio... Oh, se hei-de! Hei-de ensinar a este patife, que casou-se com minha tia para comer não só a sua fortuna, como a de seus filhos. Que belo padraço!... Mas por ora tratemos de mim; sem dúvida no convento anda tudo em polvorosa... Foi boa cabeça! O D. Abade deu um salto de trampolim... (*Batem à porta.*) Batem? Mau! Serão eles? (*Batem.*) Espreitemos pelo buraco da fechadura. (*Vai espreitar.*) É uma mulher... (*Abre a porta.*)

CENA X**ROSA**

Dá licença?

CARLOS

Entre.

ROSA

(*Entrando.*) Uma serva de Vossa Reverendíssima.

CARLOS

Com quem tenho o prazer de falar?

ROSA

Eu, Reverendíssimo Senhor, sou uma pobre mulher. Ai, estou muito cansada...

CARLOS

Pois sente-se, senhora. (*À parte.*) Quem será?

ROSA

(*Sentando-se.*) Eu chamo-me Rosa. Há uma hora que cheguei do Ceará no vapor *Paquete do Norte*.

CARLOS

Deixou aquilo por lá tranqüilo?

ROSA

Muito tranqüilo, Reverendíssimo. Houve apenas no mês passado vinte e cinco mortes.

CARLOS

São Brás! Vinte e cinco mortes! E chama a isso tranqüilidade?

ROSA

Se Vossa Reverendíssima soubesse o que por lá vai, não se admiraria. Mas, meu senhor, isto são coisas que nos não pertencem; deixe lá morrer quem morre, que ninguém se importa com isso. Vossa Reverendíssima é cá da casa?

CARLOS

Sim senhora.

ROSA

Então é parente de meu homem?

CARLOS

De seu homem?

ROSA

Sim senhor.

CARLOS

E quem é seu homem?

ROSA

O Sr. Ambrósio Nunes.

CARLOS

O Sr. Ambrósio Nunes!...

ROSA

Somos casados há oito anos.

CARLOS

A senhora é casada com o Sr. Ambrósio Nunes, e isto há oito anos?

ROSA

Sim senhor.

CARLOS

Sabe o que está dizendo?

ROSA

Essa é boa!

CARLOS

Está em seu perfeito juízo?

ROSA

O Reverendíssimo ofende-me...

CARLOS

Com a fortuna! Conte-me isso, conte-me – como se casou, quando, como, em que lugar?

ROSA

O lugar foi na igreja.

CARLOS

Está visto.

ROSA

Quando, já disse, há oito anos.

CARLOS

Mas onde?

ROSA

(*Levanta-se.*) Eu digo a Vossa Reverendíssima. Sou filha do Ceará. Tinha eu meus quinze anos quando lá apareceu, vindo do Maranhão, o Sr. Ambrósio. Foi morar na nossa vizinhança. Vossa Reverendíssima bem sabe o que são vizinhanças... Eu o via todos os dias, ele também via-me; eu gostei, ele gostou e nos casamos.

CARLOS

Isso foi anda mão, fia dedo... E tem documentos que provem o que diz?

ROSA

Sim senhor, trago comigo a certidão do vigário que nos casou, assinada pelas testemunhas, e pedi logo duas, por causa das dúvidas. Podia perder uma...

CARLOS

Continue.

ROSA

Vivi dois anos com o meu marido muito bem. Passado esse tempo, morreu minha mãe. O Sr. Ambrósio tomou conta de nossos bens, vendeu-os e partiu para Montevideu a fim de empregar o dinheiro em um negócio, no qual, segundo dizia, havíamos de ganhar muito. Vai isso para seis anos, mas desde então, Reverendíssimo Senhor, não soube mais notícias dele.

CARLOS

Oh!

ROSA

Escrevi-lhe sempre, mas nada de receber resposta. Muito chorei, porque pensei que ele havia morrido.

CARLOS

A história vai interessando-me, continue.

ROSA

Eu já estava desenganada, quando um sujeito que foi aqui do Rio disse-me que meu marido ainda vivia e que habitava na Corte.

CARLOS

E nada mais lhe disse?

ROSA

Vossa Reverendíssima vai espantar-se do que eu disser...

CARLOS

Não me espanto, diga.

ROSA

O sujeito acrescentou que meu marido tinha-se casado com outra mulher.

CARLOS

Ah, disse-lhe isso?

ROSA

E muito chorei eu, Reverendíssimo; mas depois pensei que era impossível, pois um homem pode lá casar-se tendo a mulher viva? Não é verdade, Reverendíssimo?

CARLOS

A bigamia é um grande crime; o Código é muito claro.

ROSA

Mas, na dúvida, tirei as certidões do meu casamento, parti para o Rio, e, assim que desembarquei, indaguei onde ele morava. Ensinaaram-me e venho eu mesma perguntar-lhe que histórias são essas de casamentos.

CARLOS

Pobre mulher, Deus se compadeça de ti!

ROSA

Então é verdade?

CARLOS

Filha, a resignação é uma grande virtude. Quer fiar-se em mim, seguir meus conselhos?

ROSA

Sim senhor, mas que tenho eu a temer? Meu marido está com efeito casado?

CARLOS

Dê-me cá uma das certidões.

ROSA

Mas...

CARLOS

Fia-se ou não em mim?

ROSAAqui está. *(Dá-lhe uma das certidões.)***AMBRÓSIO***(Dentro.)* Desçam, desçam, que passam as horas.**CARLOS**

Aí vem ele.

ROSA

Meu Deus!

CARLOS

Tomo-a debaixo da minha proteção. Venha cá; entre neste quarto.

ROSA

Mas Reverendíssimo...

CARLOS

Entre, entre, senão abandono-a. *(Rosa entra no quarto à esquerda e Carlos cerra a porta.)*

CENA XI

CARLOS

(Só.) Que ventura, ou antes, que patifaria! Que tal? Casado com duas mulheres! Oh, mas o Código é muito claro... Agora verás como se rouba e se obriga a ser frade...

CENA XII

(Entra Ambrósio de casaca, seguido de Florência e Emília, ambas de véu de renda preta sobre a cabeça.)

AMBRÓSIO

(Entrando.) Andem, andem! Irra, essas mulheres a vestirem-se fazem perder a paciência!

FLORÊNCIA*(Entrando.)* Estamos prontas.**AMBRÓSIO**

(Vendo Carlos.) Oh, que fazes aqui? *(Carlos principia a passear pela sala de um para outro lado.)*

CARLOS

Não vê? Estou passeando; divirto-me.

AMBRÓSIO

Como é lá isso?

CARLOS*(Do mesmo modo.)* Não é da sua conta.**FLORÊNCIA**

Carlos, que modos são esses?

CARLOS

Que modos são? São os meus.

EMÍLIA*(À parte.)* Ele se perde!**FLORÊNCIA**

Estás doido?

CARLOS

Doido estava alguém quando... Não me faça falar...

FLORÊNCIA

Hem?

AMBRÓSIODeixe-o comigo. *(Para Carlos.)* Por que saíste do convento?**CARLOS**

Porque quis. Então não tenho vontade?

AMBRÓSIO

Isso veremos. Já para o convento!

CARLOS*(Rindo-se com força.)* Ah, ah, ah!**AMBRÓSIO**

Ri-se?

FLORÊNCIA*(Ao mesmo tempo.)* Carlos!**EMÍLIA**

Primo!

CARLOS

Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO*(Enfurecido.)* Ainda uma vez, obedece-me, ou...**CARLOS**

Que cara! Ah, ah!

*(Ambrósio corre para cima de Carlos.)***FLORÊNCIA***(Metendo-se no meio.)* Ambrosinho!**AMBRÓSIO**

Deixe-me ensinar a este malcriado...

CARLOS

Largue-o, tia, não tenha medo.

EMÍLIA

Carlos!

FLORÊNCIA

Sobrinho, o que é isso?

CARLOS

Está bom, não se amofinem tanto, voltarei para o convento.

AMBRÓSIO

Ah, já?

CARLOS

Já, sim senhor, quero mostrar a minha obediência.

AMBRÓSIO

E que não fosse...

CARLOS

Incorreria no seu desagrado? Forte desgraça!...

FLORÊNCIA

Principias?

CARLOS

Não senhora, quero dar uma prova de submissão ao senhor meu tio... É, meu tio, é... Casado com minha tia segunda vez... Quero dizer, minha tia é que se casou segunda vez.

AMBRÓSIO*(Assustando-se, à parte.)* O que diz ele?**CARLOS***(Que o observa.)* Não há dúvida...**FLORÊNCIA***(Para Emília.)* O que tem hoje este rapaz?**CARLOS**Não é assim, senhor meu tio? Venha cá, faça-me o favor, senhor meu tio. *(Travando-lhe o braço.)***AMBRÓSIO**

Tira as mãos.

CARLOSOra, faça-me o favor, senhor meu tio, quero-lhe mostrar uma coisa; depois farei o que quiser. *(Levando-o para a porta do quarto.)***FLORÊNCIA**

O que é isto?

AMBRÓSIO

Deixa-me!

CARLOSUm instante. *(Retendo Ambrósio com uma mão, com a outra empurra a porta e aponta para dentro, dizendo.)* Vê!**AMBRÓSIO***(Afirmando a vista.)* Oh! *(Volta para junto de Florência e de Emília, e as toma convulsivo pelo braço.)* Vamos, vamos, são horas!**FLORÊNCIA**

O que é?

AMBRÓSIO*(Forcejando por sair e levá-las consigo.)* Vamos, vamos!**FLORÊNCIA**

Sem chapéu?

AMBRÓSIOVamos, vamos! *(Sai, levando-as.)***CARLOS**Então, senhor meu tio? Já não quer que eu vá para o convento? *(Depois que ele sai.)* Senhor meu tio, senhor meu tio! *(Vai à porta, gritando.)*

CENA XIII

CARLOS

(*Só, rindo-se.*) Ah, ah, ah, agora veremos, e me pagarás... E minha tia também há-de pagá-lo, para não se casar na sua idade e ser tão assanhada. E o menino, que não se contentava com uma!...

ROSA

(*Entrando.*) Então, Reverendíssimo?

CARLOS

Então?

ROSA

Eu vi o meu marido um instante e fugiu. Ouvi vozes de mulheres...

CARLOS

Ah, ouviu? Muito estimo. E sabe de quem eram essas vozes?

ROSA

Eu tremo de adivinhar...

CARLOS

Pois adivinhe logo de uma assentada... Eram da mulher de seu marido.

ROSA

É então verdade? Pérfido, traidor! Ah, desgraçada! (*Vai a cair desmaiada e Carlos a sustém nos braços.*)

CARLOS

Desmaiada! Sra. D. Rosa? Fi-la bonita! Esta é mesmo de frade... Senhora, torne a si, deixe desses faniquitos! Olhe que aqui não há quem a socorra. Nada! E esta? Ó Juquinha! Juquinha! (*Juca entra, trazendo em uma mão um assobio de palha e tocando em outro.*) Deixa esses assobios sobre a mesa e vai lá dentro buscar alguma coisa para esta moça cheirar.

JUCA

Mas o quê, primo?

CARLOS

A primeira coisa que encontrares. (*Juca larga os assobios na mesa e sai correndo.*) Isto está muito bonito! Um frade com uma moça desmaiada nos braços. Valha-me Santo Antônio! O que diriam, se assim me vissem? (*Gritando-lhe ao ouvido.*) Olá! – Nada.

JUCA

(*Entra montado a cavalo em um arco de pipa, trazendo um galheteiro.*) Vim a cavalo para chegar mais depressa. Está o que achei.

CARLOS

Um galheteiro, menino?

JUCA

Não achei mais nada.

CARLOS

Está bom, dá cá o vinagre. (*Toma o vinagre e o*

chega ao nariz de Rosa.) Não serve; está na mesma. Toma... Vejamos se o azeite faz mais efeito. Isto parece-me salada... Azeite e vinagre. Ainda está mal temperada; venha a pimenta da Índia. Agora creio que não falta nada. Pior é essa; a salada ainda não está boa! Ai, que não tem sal. Bravo, está temperada! Venha mais sal... Agora sim.

ROSA

(*Tornando a si.*) Onde estou eu?

CARLOS

Nos meus braços.

ROSA

(*Afastando-se.*) Ah, Reverendíssimo!

CARLOS

Não se assuste. (*Para Juca.*) Vai para dentro. (*Juca sai.*)

ROSA

Agora me recordo... Pérfido, ingrato!

CARLOS

Não torne a desmaiar, que já não posso.

ROSA

Assim enganar-me! Não há leis, não há justiça?...

CARLOS

Há tudo isso, e de sobra. O que não há é quem as execute. (*Rumor na rua.*)

ROSA

(*Assustando-se.*) Ah!

CARLOS

O que será isto? (*Vai à janela.*) Ah, com São Pedro! (*À parte.*) O mestre de noviços seguido de meirinhos que me procuram... Não escapo...

ROSA

O que é, Reverendíssimo? De que se assusta?

CARLOS

Não é nada. (*À parte.*) Estou arranjado! (*Chega a janela.*) Estão indagando na vizinhança... O que farei?

ROSA

Mas o que é? O quê?

CARLOS

(*Batendo na testa.*) Oh, só assim... (*Para Rosa.*) Sabe o que é isto?

ROSA

Diga.

CARLOS

É um poder de soldados e meirinhos que vem prendê-la por ordem de seu marido.

ROSA

Jesus! Salve-me, salve-me!

CARLOS

Hei-de salvá-la, mas faça o que eu lhe disser.

ROSA

Estou pronta.

CARLOS

Os meirinhos entrarão aqui e hão-de levar por força alguma coisa – esse é o seu costume. O que é preciso é enganá-los.

ROSA

Como?

CARLOS

Vestindo a senhora o meu hábito, e eu o seu vestido.

ROSA

Oh!

CARLOS

Levar-me-ão preso; terá a senhora tempo de fugir.

ROSA

Mas...

CARLOS

Ta, ta, ta... Ande, deixe-me fazer uma obra de caridade, para isso é que somos frades. Entre para este quarto, dispa lá o seu vestido e mande-me, assim como a touca e xale. Ó Juca! Juca!
(Empurrando Rosa.) Não se demore. (Entra Juca.)
Juca, acompanha esta senhora e faz o que ela te mandar. Ande, senhora, com mil diabos! (Rosa entra no quarto à esquerda, empurrada por Carlos.)

CENA XIV**CARLOS**

(Só.) Bravo, esta é de mestre! (Chegando à janela.) Lá estão eles conversando com o vizinho do armário. Não tardarão a dar com o rato na ratoeira, mas o rato é esperto e os logrará. Então vem o vestido?

ROSA

(Dentro.) Já vai.

CARLOS

Depressa! O que me vale é ser o mestre de noviços catacego a trazer óculos. Cairá na esparrela. (Gritando.) Vem ou não?

JUCA

(Traz o vestido, touca e o xale.) Está.

CARLOS

Bom. (Despe o hábito.) Ora vá, senhor hábito. Bem se diz que o hábito não faz o monge. (Dá o hábito e o chapéu a Juca.) Toma, leva à moça. (Juca sai.) Agora é que são elas... Isto é mangas? Diabo, por onde se enfia esta geringonça? Creio que é por aqui... Bravo, acertei. Belíssimo! Agora a touca. (Põe a touca.) Vamos ao xale... Estou guapo, creio que farei a minha parte de mulher excelentemente. (Batem à porta.) São eles. (Com voz de mulher.) Quem bate?

MESTRE

(Dentro.) Um servo de Deus.

CARLOS

(Com a mesma voz.) Pode entrar quem é.

CENA XV**MESTRE**

(Entra.) Deus esteja nesta casa.

CARLOS

Humilde serva de Vossa Reverendíssima...

MESTRE

Minha senhora, terá a bondade de perdoar-me pelo incômodo que lhe damos, mas nosso dever...

CARLOS

Incômodos, Reverendíssimo Senhor?

MESTRE

Vossa Senhoria há-de permitir que lhe pergunte se o noviço Carlos, que fugiu do convento...

CARLOS

Psiu, caluda!

MESTRE

Hem?

CARLOS

Está ali...

MESTRE

Quem?

CARLOS

O noviço...

MESTRE

Ah!

CARLOS

É preciso surpreendê-lo...

MESTRE

Estes senhores oficiais de justiça nos ajudarão.

CARLOS

Muito cuidado. Este meu sobrinho dá-me um trabalho...

MESTRE

Ah, a senhora é sua tia?

CARLOS

Uma sua criada.

MESTRE

Tenho muita satisfação.

CARLOS

Não percamos tempo. Fiquem os senhores aqui do lado da porta, muito calados; eu chamarei o sobrinho. Assim que ele sair, não lhe dêem tempo de fugir; lancem-se de improviso sobre ele e levem-no à força.

MESTRE

Muito bem.

CARLOS

Diga ele o que disser, grite como gritar, não façam caso, arrastem-no.

MESTRE

Vamos a isso.

CARLOS

Fiquem aqui. (*Coloca-os junto à porta da esquerda.*) Atenção. (*Chamando para dentro.*) Psiu! Psiu! Saia cá para fora, devagarinho! (*Prevenção.*)

CENA XVI**ROSA**

(*Entrando, de hábito e chapéu.*) Já se foram? (*Assim que ela aparece, o mestre e os meirinhos se lançam sobre ela e procuram carregar até fora.*)

MESTRE

Está preso. Há-de ir. É inútil resistir. Assim não se foge... (*Etc., etc.*)

ROSA

(*Lutando sempre.*) Ai, ai, acudam-me! Deixem-me! Quem me socorre? (*Etc.*)

CARLOS

Levem-no, levem-no. (*Algazarra de vozes; todos falam ao mesmo tempo, etc. Carlos, para aumentar o ruído, toma um assobio que está sobre a mesa e toca. Juca também entra nessa ocasião, etc. Execução.*)

SEGUNDO ATO

(*Mesma sala do primeiro ato.*)

CENA I

(*Carlos, ainda vestido de mulher, está sentado, e Juca, à janela.*)

CARLOS

Juca, toma sentido; assim que avistares teu padraço lá no fim da rua, avisa-me.

JUCA

Sim, primo.

CARLOS

No que dará tudo isso? Qual será a sorte da minha tia? Que lição! Desanda tudo em muita pancadaria. E a outra, que foi para o convento?... Ah, ah, ah, agora é que me lembro dessa! Que confusão entre os frades, quando ela se der a conhecer!

(*Levantando-se.*) Ah, ah, ah, parece-me que estou vendo o D. Abade horrorizado, o mestre de noviços limpando os óculos de boca aberta, Frei Maurício, o folgazão, a rir-se às gargalhadas, Frei Sinfrônio, o austero, levantando os olhos para o céu, abismado, e os noviços todos fazendo roda, coçando o cachaço. Ah, que festa perco eu! Enquanto eu lá estive ninguém lembrou-se de dar-me semelhante divertimento. Estúpidos! Mas, o fim de tudo isto? O fim?...

JUCA

(*Da janela.*) Primo, aí vem ele!

CARLOS

Já? (*Chega à janela.*) É verdade. E com que pressa! (*Para Juca.*) Vai tu para dentro. (*Juca sai.*) E eu ainda deste modo, com este vestido... Se eu sei o que hei de fazer?... Sobe a escada... Dê no que der... (*Entra no quarto onde esteve Rosa.*)

CENA II

(*Entra Ambrósio; mostra no semblante alguma agitação.*)

AMBRÓSIO

Lá as deixei no Carmo. Entretidas com o ofício, não darão falta de mim. É preciso, e quanto antes, que eu fale com esta mulher. É ela, não há dúvida... Mas como soube que eu aqui estava? Quem lhe disse? Quem a trouxe? Foi o diabo, para a minha perdição. Em um momento pode tudo mudar; não se perca tempo. (*Chega à porta do quarto.*) Senhora, queira ter a bondade de sair cá para fora.

CENA III

(*Entra Carlos, cobrindo o rosto com um lenço. Ambrósio encaminha-se para o centro da sala, sem olhar para ele, e assim lhe fala.*)

AMBRÓSIO

Senhora, muito bem conheço as vossas intenções; porém previno-vos que muito vos enganastes.

CARLOS

(*Suspirando.*) Ambrósio! Ai, ai!

AMBRÓSIO

Há seis anos que vos deixei, tive para isso motivos muito poderosos...

CARLOS

(*À parte.*) Que tratante!

AMBRÓSIO

E o meu silêncio, depois desse tempo, devia ter-vos feito conhecer que nada mais existe de comum entre nós.

CARLOS

(*Fingindo que chora.*) Hi, hi, hi...

AMBRÓSIO

O pranto não me comove. Jamais podemos viver juntos... Fomos casados, é verdade, mas que importa?

CARLOS

(*No mesmo.*) Hi, hi, hi...

AMBRÓSIO

Estou resolvido a viver separado de vós.

CARLOS*(À parte.)* E eu também...**AMBRÓSIO**E, para esse fim, empreguei todos os meios, todos, entendeis-me? *(Carlos cai de joelhos aos pés de Ambrósio e agarra-se às pernas dele, chorando.)*Não valem súplicas. Hoje mesmo deixareis esta cidade; senão, serei capaz de um grande crime. O sangue não me aterra, e ai de quem me resiste! Levantai-vos e parti. *(Carlos puxa as pernas de Ambrósio, dá com ele no chão e levanta-se, rindo-se.)* Ai!**CARLOS**

Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO*(Levanta-se muito devagar, olhando muito admirado para Carlos, que se ri.)* Carlos! Carlos!**CARLOS**

Senhor meu tio! Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO

Mas então o que é isto?

CARLOS

Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO

Como te achas aqui assim vestido?

CARLOS

Este vestido, senhor meu tio... Ah, ah!

AMBRÓSIO

Maroto!

CARLOS

Tenha-se lá! Olha que eu chamo por ela.

AMBRÓSIO

Ela quem, brejeiro?

CARLOS

Sua primeira mulher.

AMBRÓSIO

Minha primeira mulher? É falso.

CARLOS

É falso?

AMBRÓSIO

É.

CARLOSE será também falsa esta certidão do vigário da freguesia de... *(Olhando para a certidão.)*Maranguape, no Ceará, em que se prova que o senhor meu tio recebeu-se... *(Lendo.)* em santo matrimônio, à face a Igreja, com D. Rosa Escolástica, filha de Antônio Lemos, etc., etc.? Sendo testemunhas, etc.**AMBRÓSIO**

Dá-me esse papel!

CARLOS

Devagar...

AMBRÓSIO

Dá-me esse papel!

CARLOS

Ah, o senhor meu tio encrespa-se. Olhe que a tia não está em casa, e eu sou capaz de lhe fazer o mesmo que fiz ao D. Abade.

AMBRÓSIO

Onde está ela?

CARLOS

Em lugar que aparecerá quando eu ordenar.

AMBRÓSIO

Ainda está naquele quarto, não teve tempo de sair.

CARLOSPois vá ver. *(Ambrósio sai, apressado.)*

CENA IV

CARLOS*(Só.)* Procure bem. Deixa estar, meu espertalhão, que agora te hei-de eu apertar a corda na garganta. Estás em meu poder; queres roubar-nos... *(Gritando.)* Procure bem; talvez esteja dentro das gavetinhas do espelho. Então? Não acha?

CENA V

AMBRÓSIO*(Entrando.)* Estou perdido!**CARLOS**

Não achou?

AMBRÓSIO

O que será de mim?

CARLOS

Talvez se escondesse em algum buraquinho de rato.

AMBRÓSIO*(Caindo sentado.)* Estou perdido, perdido! Em um momento tudo se transformou. Perdido para sempre!**CARLOS**

Ainda não, porque eu posso salvá-lo.

AMBRÓSIO

Tu?

CARLOS

Eu, sim.

AMBRÓSIO

Carlinho!

CARLOS

Já?

AMBRÓSIO

Carlinho!

CARLOS

Ora vejam como está terno!

AMBRÓSIO

Por tua vida, salva-me!

CARLOS

Eu salvarei, mas debaixo de certas condições...

AMBRÓSIO

E quais são elas?

CARLOS

Nem eu nem o primo Juca queremos ser frades...

AMBRÓSIO

Não serão.

CARLOS

Quero casar-me com minha prima...

AMBRÓSIO

Casará.

CARLOS

Quero a minha legítima...

AMBRÓSIO

Terás a tua legítima.

CARLOS

Muito bem.

AMBRÓSIO

E tu me prometes que nada dirás à tua tia do que sabes?

CARLOSQuanto a isso pode estar certo. *(À parte.)*

Veremos...

AMBRÓSIO

Agora dize-me, onde ela está?

CARLOS

Não posso, o segredo não é meu.

AMBRÓSIO

Mas dá-me a tua palavra de honra que ela saiu desta casa?

CARLOS

Já saiu, palavra de mulher honrada.

AMBRÓSIO

E que nunca mais voltará?

CARLOSNunca mais. *(À parte.)* Isto é, se quiserem ficar com ela lá no convento, em meu lugar.**AMBRÓSIO**

Agora dá-me esse papel.

CARLOS

Espere lá; o negócio não vai assim. Primeiro hão-de cumprir-se as condições.

AMBRÓSIO

Carlinho, dá-me esse papel!

CARLOS

Não pode ser.

AMBRÓSIO

Dá-mo, por quem és!

CARLOS

Pior é a seca.

AMBRÓSIOEis-me a teus pés. *(Ajoelha-se; neste mesmo tempo**aparecem à porta Florência e Emília, as quais caminham para ele pé ante pé.)***CARLOS**

Isso é teima, levante-se!

AMBRÓSIO

Não me levantarei enquanto mo não deres. Para que o queres tu? Farei tudo quanto quiseres, nada me custará para servir-te. Minha mulher fará tudo quanto ordenares; dispõe dela.

FLORÊNCIA

A senhora pode dispor de mim, pois não...

AMBRÓSIOAh! *(Levanta-se, espavorido.)***CARLOS***(À parte.)* Temo-la!**FLORÊNCIA***(Para Ambrósio.)* Que patifaria é essa? Em minha casa e às minhas barbas, aos pés de uma mulher! Muito bem!**AMBRÓSIO**

Florência!

FLORÊNCIAUm dardo que te parta! *(Voltando-se para Carlos.)*

E quem é a senhora?

CARLOS*(Com a cara baixa.)* Sou uma desgraçada!**FLORÊNCIA**Ah, é uma desgraçada... Seduzindo um homem casado! Não sabe que... *(Carlos, que encara com ela, que rapidamente tem suspenso a palavra e, como assombrada, principia a olhar para ele, que ri-se.)* Carlos! Meu sobrinho!**EMÍLIA**

O primo!

CARLOS

Sim, tiazinha; sim, priminha.

FLORÊNCIA

Que mascarada é essa?

CARLOS

É uma comédia que ensaiávamos para sábado de Aleluia.

FLORÊNCIA

Uma comédia?

AMBRÓSIO

Sim, era uma comédia, um divertimento, uma surpresa. Eu e o sobrinho arranjávamos isso... Bagatela, não é assim, Carlinho? Mas então vocês não ouviram o ofício até o fim? Quem pregou?

FLORÊNCIA*(À parte.)* Isto não é natural... Aqui há coisa.**AMBRÓSIO**

A nossa comédia era mesmo sobre isso.

FLORÊNCIA

O que está o senhor a dizer?

CARLOS

(*À parte.*) Perdeu a cabeça. (*Para Florência.*) Tia, basta que saiba que era uma comédia. E antes de principiar o ensaio o tio deu-me a sua palavra que eu não seria frade. Não é verdade, tio?

AMBRÓSIO

É verdade. O rapaz não tem inclinação, e para que obrigá-lo? Seria crueldade.

FLORÊNCIA

Ah!

CARLOS

E que a prima não seria também freira, e que se casaria comigo.

FLORÊNCIA

É verdade, Sr. Ambrósio?

AMBRÓSIO

Sim, para que constranger estas duas almas? Nasceram um para o outro; amam-se. É tão bonito ver um tão lindo par!

FLORÊNCIA

Mas, Sr. Ambrósio, e o mundo, que o senhor dizia que era um pélogo, um sorvedouro e não sei o que mais?

AMBRÓSIO

Oh, então eu não sabia que esses dois pombinhos se amavam, mas agora que o sei, seria horrível barbaridade. Quando se fecham as portas de um convento sobre um homem, ou sobre uma mulher que leva dentro do peito uma paixão como ressentem estes dois inocentes, torna-se o convento abismo incomensurável de acerbos males, fonte perene de horríssimas desgraças, perdição do corpo e da alma; e o mundo, se nele ficassem, jardim ameno, suave encanto da vida, tranqüila paz da inocência, paraíso terrestre. E assim sendo, mulher, querias tu que sacrificasse tua filha e teu sobrinho?

FLORÊNCIA

Oh, não, não.

CARLOS

(*À parte.*) Que grande patife!

AMBRÓSIO

Tua filha, que faz parte de ti?

FLORÊNCIA

Não falemos mais nisso. O que fizeste está muito bem feito.

CARLOS

E em reconhecimento de tanta bondade, faço cessão de metade dos meus bens em favor do senhor meu tio e aqui lhe dou a escritura. (*Dá-lhe a certidão de Rosa.*)

AMBRÓSIO

(*Saltando para tomar a certidão.*) Caro sobrinho! (*Abraça-o.*) E eu, para demonstrar o meu desinteresse, rasgo esta escritura. (*Rasga, e à parte.*) Respiro!

FLORÊNCIA

Homem generoso! (*Abraça-o.*)

AMBRÓSIO

(*Abraçando-a e à parte.*) Mulher toleirona!

CARLOS

(*Abraçando Emilia.*) Isto vai de roda...

EMÍLIA

Primo!

CARLOS

Priminha, seremos felizes!

FLORÊNCIA

Abençoada seja a hora em que eu te escolhi para meu esposo! Meus caros filhos, aprendei comigo a guiar-vos com prudência na vida. Dois anos estive viúva e não me faltaram pretendentes. Viúva rica... Ah, são vinte cães a um osso. Mas eu tive juízo e critério; soube distinguir o amante interesseiro do amante sincero. Meu coração falou por este homem honrado e probo.

CARLOS

Acertadíssima escolha!

FLORÊNCIA

Chega-te para cá, Ambrosinho, não te envergonhes; mereces os elogios que te faço.

AMBRÓSIO

(*À parte.*) Estou em brasas...

CARLOS

Não se envergonhe, tio. Os elogios são merecidos. (*À parte.*) Está em talas...

FLORÊNCIA

Ouve o que diz o sobrinho? Tens modéstia? É mais uma qualidade. Como sou feliz!

AMBRÓSIO

Acabemos com isso. Os elogios assim à queima-roupa perturbam-me.

FLORÊNCIA

Se os merece...

AMBRÓSIO

Embora.

CARLOS

Oh, o tio merece, pois não. Olhe, tia, aposto eu que o tio Ambrósio em toda a sua vida só tem amado a tia...

AMBRÓSIO

Decerto! (*À parte.*) Quer fazer-me alguma.

FLORÊNCIA

Ai, vida da minha alma!

AMBRÓSIO

(*À parte.*) O patife é muito capaz...

CARLOS

Mas nós, os homens, somos tão falsos – assim dizem as mulheres – , que não admira que o tio...

AMBRÓSIO

(*Interrompendo-o.*) Carlos, tratemos da promessa que te fiz.

CARLOS

É verdade; tratemos da promessa. (*À parte.*) Tem medo que se pela!

AMBRÓSIO

Irei hoje mesmo ao convento falar ao D. Abade, e dir-lhe-ei que temos mudado de resolução a teu respeito. E de hoje a quinze dias, senhora, espero ver esta sala brilhantemente iluminada e cheia de alegres convidados para celebrarem o casamento de nosso sobrinho Carlos com minha cara enteada. (*Aqui entra pelo fundo o Mestre dos noviços, seguido dos Meirinhos e permanentes, encaminhando-se para a frente do teatro.*)

CARLOS

Enquanto assim praticardes, tereis em mim um amigo.

EMÍLIA

Senhor, ainda que não possa explicar a razão de tão súbita mudança, aceito a felicidade que me propondes, sem raciocinar. Darei a minha mão a Carlos, não só para obedecer a minha mãe, como porque muito o amo.

CARLOS

Cara priminha, quem será capaz agora de arrancar-me dos teus braços?

MESTRE

(*Batendo-lhe no ombro.*) Estais preso. (*Espanto dos que estão em cena.*)

CENA VI**CARLOS**

O que é lá isso? (*Debatendo-se logo que o agarram.*)

MESTRE

Levai-o.

CARLOS

Deixem-me!

FLORÊNCIA

Reverendíssimo, meu sobrinho...

MESTRE

Paciência, senhora. Levem-no.

CARLOS

(*Debatendo-se.*) Larguem-me, com todos os diabos!

EMÍLIA

Primo!

MESTRE

Arrastem-no.

AMBRÓSIO

Mas, senhor...

MESTRE

Um instante... Para o convento, para o convento.

CARLOS

Minha tia, tio Ambrósio! (*Sai arrastado. Emília cai sentada em uma cadeira; o Padre-Mestre fica em cena.*)

CENA VII**FLORÊNCIA**

Mas, senhor, isto é uma violência!

MESTRE

Paciência...

FLORÊNCIA

Paciência, paciência? Creio que tenho tido bastante. Ver assim arrastar meu sobrinho, como se fosse um criminoso?

AMBRÓSIO

Espera, Florência, ouçamos o Reverendíssimo. Foi, sem dúvida, por ordem do Sr. D. Abade que Vossa Reverendíssima veio prender nosso sobrinho?

MESTRE

Não tomara sobre mim tal trabalho, se não fora por expressa ordem do D. Abade, a quem devemos todos obediência. Vá ouvindo como esse moço zombou de seu Mestre. Disse-me a tal senhora, pois tal a supunha eu... Ora, fácil foi enganar-me... Além de ter má vista, tenho muito pouca prática de senhoras...

AMBRÓSIO

Sabemos disso.

MESTRE

Disse-me a tal senhora que o noviço Carlos estava naquele quarto.

AMBRÓSIO

Naquele quarto?

MESTRE

Sim senhor, e ali mandou-nos esperar em silêncio. Chamou pelo noviço, e, assim que ele saiu, lançamo-nos sobre ele e à força o arrastamos para o convento.

AMBRÓSIO

(*Assustado.*) Mas quem, senhor, a quem?

MESTRE

A quem?

FLORÊNCIA

Que trapalhada é essa?

AMBRÓSIO

Depressa!

MESTRE

Cheguei ao convento, apresentei-me diante do D. Abade, com o noviço prisioneiro, e então... Ah!

AMBRÓSIO

Por Deus, mais depressa!

MESTRE

Ainda me corou de vergonha. Então conheci que tinha sido vilmente enganado.

AMBRÓSIO

Mas quem era o noviço preso?

MESTRE

Uma mulher vestida de frade.

FLORÊNCIA

Uma mulher?

AMBRÓSIO

(*À parte.*) É ela!

MESTRE

Que vergonha, que escândalo!

AMBRÓSIO

Mas onde está essa mulher? Para onde foi? O que disse? Onde está? Responda!

MESTRE

Tende paciência. Pintar-vos a confusão em que por alguns instantes estive o convento é quase impossível. O D. Abade, ao conhecer que o noviço preso era uma mulher, pelos longos cabelos que ao tirar o chapéu lhe caíram sobre os ombros, deu um grito de horror. Toda a comunidade acorreu e grande foi então a confusão. Um gritava: Sacrilégio! Profanação! Outro ria-se, este interrogava, aquele respondia ao acaso... Em menos de dois segundos a notícia percorreu todo o convento, mas alterada e aumentada. No refeitório dizia-se que o diabo estava no coro, dentro dos canudos do órgão; na cozinha, julgava-se que o fogo lavrava nos quatro ângulos do edifício; qual, pensava que D. Abade tinha caído da torre abaixo; qual, que fora arrebatado para o céu. Os sineiros, correndo para as torres, puxavam como energúmenos pelas cordas dos sinos; os porteiros fecharam as portas com terrível estrondo: os resposos soaram de todos os lados, e a algazarra dos noviços dominava esse ruído infernal, causado por uma única mulher. Oh, mulheres!

AMBRÓSIO

Vossa Reverendíssima faz o seu dever; estou disso bem certo.

FLORÊNCIA

Mas julgamos necessário declarar a Vossa Reverendíssima que estamos resolvidos a tirar o nosso sobrinho do convento.

MESTRE

Nada tenho eu com a resolução. Vossa Senhoria entender-se-á a esse respeito com D. Abade.

FLORÊNCIA

O rapaz não tem inclinação nenhuma para frade.

AMBRÓSIO

E seria uma crueldade violentar-lhe o gênio.

MESTRE

O dia em que o Sr. Carlos sair do convento será para mim dia de descanso. Há doze anos que sou Mestre de noviços e ainda não tive para doutrinar rapaz mais endiabrado. Não se passa um só dia em que se não tenha de lamentar alguma travessura desse moço. Os noviços, seus companheiros, os irmãos leigos e os domésticos do convento temem-no como se teme a um touro bravo. Com todos moteja e a todos espanca.

FLORÊNCIA

Foi sempre assim, desde pequeno.

MESTRE

E se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida em que se requer tranqüilidade de gênio?

FLORÊNCIA

Oh, não foi por meu gosto, meu marido é que persuadiu-me.

AMBRÓSIO

(*Com hipocrisia.*) Julguei assim fazer um serviço agradável a Deus.

MESTRE

Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios. Sirva-o cada um com seu corpo e alma, porque cada um responderá pelas suas obras.

AMBRÓSIO

(*Com hipocrisia.*) Pequei, Reverendíssimo, pequei, humilde peço perdão.

MESTRE

Esse moço foi violentamente constrangido e o resultado é a confusão em que está a casa de Deus.

FLORÊNCIA

Mil perdões, Reverendíssimo, pelo incômodo que lhe temos dado.

MESTRE

Incômodos? Para eles nascemos nós... Passam desapercibidos, e demais, ficam de muros para dentro. Mas hoje houve escândalo, e escândalo público.

AMBRÓSIO

Escândalo público?

FLORÊNCIA

Como assim?

MESTRE

O noviço Carlos, depois de uma contenda com o

D. Abade, deu-lhe uma cabeçada e o lançou por terra.

FLORÊNCIA

Jesus, Maria, José!

AMBRÓSIO

Que sacrilégio!

MESTRE

E fugiu ao merecido castigo. Fui mandado em seu alcance... Requisitei força pública, e aqui chegando, encontrei uma senhora.

FLORÊNCIA

Aqui, uma senhora?

MESTRE

E que se dizia sua tia.

FLORÊNCIA

Ai!

AMBRÓSIO

Era ele mesmo.

FLORÊNCIA

Que confusão, meu Deus!

AMBRÓSIO

Mas essa mulher, essa mulher? O que é feito dela?

MESTRE

Uma hora depois, que tanto foi preciso para acalmar a agitação, o D. Abade perguntou-lhe como ela ali se achava vestida com o hábito da Ordem.

AMBRÓSIO

E ela que disse?

MESTRE

Que tinha sido traída por um frade, que, debaixo do pretexto de a salvar, trocara o seu vestido pelo hábito que trazia.

AMBRÓSIO

E nada mais?

MESTRE

Nada mais; e fui encarregado de prender de novo a todo custo o noviço Carlos. E tenho cumprido a minha missão. O que ordenam a este servo de Deus?

AMBRÓSIO

Espere, Reverendíssimo, essa mulher já saiu do convento?

MESTRE

No convento não se demoram mulheres.

AMBRÓSIO

Que caminho tomou? Para onde foi? O que disse ao sair?

MESTRE

Nada sei.

AMBRÓSIO

(À parte.) O que me espera?

FLORÊNCIA

(À parte.) Aqui há segredo...

MESTRE

Às vossas determinações...

FLORÊNCIA

Uma serva de Vossa Reverendíssima.

MESTRE

(Para Florência.) Quanto à saída de seu sobrinho do convento, com o D. Abade se entenderá.

FLORÊNCIA

Nós o procuraremos. *(Mestre sai e Florência acompanha-o até à porta; Ambrósio está como abismado.)*

CENA VIII**EMÍLIA**

(À parte.) Carlos, Carlos, o que será de ti e de mim?

AMBRÓSIO

(À parte.) Se ela agora aparece! Se Florência desconfia... Estou metido em boas! Como evitar, como? Oh, decididamente estou perdido. Se a pudesse encontrar... Talvez súplicas, ameaças, quem sabe? Já não tenho cabeça. Que farei? De uma hora para outra aparece-me ela... *(Florência bate-lhe no ombro.)* Ei-la! *(Assustando-se.)*

FLORÊNCIA

Agora nós. *(Para Emília.)* Menina, vai para dentro. *(Vai-se Emília.)*

CENA IX**AMBRÓSIO**

(À parte.) Temos trovoadas grossas...

FLORÊNCIA

Quem era a mulher que estava naquele quarto?

AMBRÓSIO

Não sei.

FLORÊNCIA

Senhor Ambrósio, quem era a mulher que estava naquele quarto?

AMBRÓSIO

Florência, já te disse, não sei. São coisa de Carlos.

FLORÊNCIA

Sr. Ambrósio, quem era a mulher que estava naquele quarto?

AMBRÓSIO

Como queres que eu to diga, Florencinha?

FLORÊNCIA

Ah, não sabe? Pois bem, então explique-me: por que razão mostrou-se tão espantado, quando Carlos o levou à porta daquele quarto e mostrou-lhe quem estava dentro?

AMBRÓSIO

Pois eu espantei-me?

FLORÊNCIA

A ponto de levar-me quase de rastos para a igreja, sem chapéu, lá deixar-me e voltar para casa apressado.

AMBRÓSIO

Qual! Foi por...

FLORÊNCIA

Não estude uma mentira, diga depressa.

AMBRÓSIO

Pois bem, direi. Eu conheço essa mulher.

FLORÊNCIA

Ah! E então quem é ela?

AMBRÓSIO

Queres saber quem é ela? É muito justo, mas aí é que está o segredo.

FLORÊNCIA

Segredos comigo?

AMBRÓSIO

Oh, contigo não pode haver segredo, és a minha mulherzinha. (*Quer abraçá-la.*)

FLORÊNCIA

Tenha-se lá; quem era a mulher?

AMBRÓSIO

(*À parte.*) Não sei o que te diga...

FLORÊNCIA

Vamos!

AMBRÓSIO

Essa mulher... Sim, essa mulher que há pouco estava naquele quarto foi amada por mim.

FLORÊNCIA

Por ti?

AMBRÓSIO

Mas nota que digo: foi amada; e o que foi, já não é.

FLORÊNCIA

Seu nome?

AMBRÓSIO

Seu nome? Que importa o nome? O nome é uma voz com que se dão a conhecer as coisas... Nada vale, o indivíduo é tudo... Tratemos do indivíduo. (*À parte.*) Não sei como continuar.

FLORÊNCIA

Então, e que mais?

AMBRÓSIO

Amei essa mulher. Amei, sim, amei. Essa mulher foi por mim amada, mas então ainda não te conhecia. Oh, e quem ousará criminar a um homem por embelezar-se de uma estrela antes de ver a lua, quem? Ela era a estrela e tu és a lua. Sim, minha Florencinha, tu és a minha lua cheia e eu sou teu satélite.

FLORÊNCIA

Oh, não me convence assim...

AMBRÓSIO

(*À parte.*) O diabo que convença a uma mulher! (*Alto.*) Florencinha, encanto da minha vida, estou diante de ti como diante do confessionário, com uma mão sobre o coração e com a outra... Onde queres que eu ponha a outra?

FLORÊNCIA

Ponha lá onde quiser...

AMBRÓSIO

Pois bem, com ambas sobre o coração, dir-te-ei: só tu és o meu único amor, minhas delícias, minha vida... (*À parte.*) e minha burra!

FLORÊNCIA

Se eu pudesse acreditar!...

AMBRÓSIO

Não podes porque não queres. Basta um bocado de boa vontade. Se fiquei aterrorizado ao ver essa mulher, foi por prever os desgostos que terias, se aí a visses.

FLORÊNCIA

Se teme que eu a veja, é porque ainda a ama.

AMBRÓSIO

Amá-la, eu? Ah, desejava que ela estivesse mais longe de mim do que o cometa que apareceu no ano passado.

FLORÊNCIA

Oh, meu Deus, se eu pudesse crer!

AMBRÓSIO

(*À parte.*) Está meio convencida...

FLORÊNCIA

Se eu o pudesse crer! (*Rosa entra vestida de frade, pelo fundo, pára e observa.*)

AMBRÓSIO

(*Com animação.*) Estes raios brilhantes e aveludados de teus olhos ofuscam o seu olhar acanhado e esgateado. Estes negros e finos cabelos varrem da minha idéia as suas emaranhadas melenas cor de fogo. Esta mãozinha torneada (*pega-lhe a mão.*), este colo gentil, esta cintura flexível e delicada fazem-me esquecer os grosseiros encantos dessa mulher que... (*Nesse momento dá com os olhos em Rosa; vai recuando pouco a pouco.*)

FLORÊNCIA

O que tens? De que te espantas?

ROSA

(*Adiantando-se.*) Senhora, este homem pertence-me.

FLORÊNCIA

E quem é Vossa Reverendíssima?

ROSA

(*Tirando o chapéu, que faz cair os cabelos.*) Sua primeira mulher.

FLORÊNCIA

Sua primeira mulher?

ROSA

(Dando-lhe a certidão.) Leia. *(Para Ambrósio.)*

Conheceis-me, senhor? Há seis anos que nos não vemos, e quem diria que assim nos encontraríamos? Nobre foi o vosso proceder!... Oh, para que não enviastes um assassino para esgotar o sangue destas veias e arrancar a alma deste corpo? Assim devíeis ter feito, porque então eu não estaria aqui para vingar-me, traidor!

AMBRÓSIO

(À parte.) O melhor é deitar a fugir. *(Corre para o fundo. Prevenção.)*

ROSA

Não o deixem fugir! *(Aparecem à porta Meirinhos, os quais prendem Ambrósio.)*

MEIRINHO

Está preso!

AMBRÓSIO

Ai! *(Corre por toda a casa, etc. Enquanto isso se passa, Florência tem lido a certidão.)*

FLORÊNCIA

Desgraçada de mim, estou traída! Quem me socorre? *(Vai para sair, encontra-se com Rosa.)* Ah, para longe, para longe de mim! *(Recuando.)*

ROSA

Senhora, a quem pertencerá ele? *(Execução.)*

ATO TERCEIRO

(Quarto em casa de Florência: mesa, cadeiras, etc., etc., armário, uma cama grande com cortinados, uma mesa pequena com um castiçal com vela acesa. É noite.)

CENA I

(Florência deitada, Emília sentada junto dela, Juca vestido de calça, brincando com um carrinho pela sala.)

FLORÊNCIA

Meu Deus, meu Deus, que bulha faz este menino!

EMÍLIA

Maninho, estás fazendo muita bulha a mamãe...

FLORÊNCIA

Minha cabeça! Vai correr lá para dentro...

EMÍLIA

Anda, vai para dentro, vai para o quintal. *(Juca sai com o carrinho.)*

FLORÊNCIA

Parece que me estala a cabeça... São umas marteladas aqui nas fontes. Ai, que não posso! Morro desta!...

EMÍLIA

Minha mãe, não diga isso, seu incômodo passará.

FLORÊNCIA

Passará? Morro, morro... *(Chorando.)* Hi... *(Etc.)*

EMÍLIA

Minha mãe!

FLORÊNCIA

(Chorando.) Ser assim traída, enganada! Meu Deus, quem pode resistir? Hi, hi!

EMÍLIA

Para que tanto se aflige? Que remédio? Ter paciência e resignação.

FLORÊNCIA

Um homem em quem havia posto toda a minha confiança, que eu tanto amava... Emília, eu o amava muito!

EMÍLIA

(À parte.) Coitada!

FLORÊNCIA

Enganar-me deste modo! Tão indignamente, casado com outra mulher. Ah, não sei como não arrebento...

EMÍLIA

Tranqüilize-se, minha mãe.

FLORÊNCIA

Que eu supunha desinteressado... Entregar-lhe todos os meus bens, assim iludir-me... Que malvado, que malvado!

EMÍLIA

São horas de tomar o remédio. *(Toma uma garrafa de remédio, deita-o em uma xícara e dá a Florência.)*

FLORÊNCIA

Como os homens são falsos! Uma mulher não era capaz de cometer ação tão indigna. O que é isso?

EMÍLIA

O cozimento que o doutor receitou.

FLORÊNCIA

Dá cá. *(Bebe.)* Ora, de que servem esses remédios? Não fico boa; a ferida é no coração...

EMÍLIA

Há-de curar-se.

FLORÊNCIA

Olha, filha, quando eu vi diante de mim essa mulher, senti uma revolução que te não sei explicar... um atordoamento, uma zoada, que há oito dias me tem pregado nesta cama.

EMÍLIA

Eu estava no meu quarto, quando ouvi gritos na sala. Saí apressada e no corredor encontrei-me com meu padraço...

FLORÊNCIA

Teu padraço?

EMÍLIA

... que, passando como uma flecha por diante de mim, dirigiu-se para o quintal e, saltando o muro, desapareceu. Corri para a sala...

FLORÊNCIA

E aí encontrei-me banhada em lágrimas. Ela já tinha saído, depois de ameaçar-me. Ah, mas eu hei-de ficar boa para vingar-me!

EMÍLIA

Sim, é preciso ficar boa, para vingar-se.

FLORÊNCIA

Hei-de ficar. Não vale a pena morrer por um traste daquele!

EMÍLIA

Que dúvida!

FLORÊNCIA

O meu procurador disse-me que o tratante está escondido, mas que já há mandado de prisão contra ele. Deixa estar. Enganar-me, obrigar-me a que te fizesse freira, constringer a inclinação de Carlos...

EMÍLIA

Oh, minha mãe, tenha pena do primo... O que não terá ele sofrido, coitado!

FLORÊNCIA

Já esta manhã mandei falar ao D. Abade por pessoa de consideração, e além disso, tenho uma carta que lhe quero remeter, pedindo-lhe que me faça o obséquio de aqui mandar um frade respeitável para de viva voz tratar comigo este negócio.

EMÍLIA

Sim, minha boa mãezinha.

FLORÊNCIA

Chama o José.

EMÍLIA

José! José! E a mamãe julga que o primo poderá estar em casa hoje?

FLORÊNCIA

És muito impaciente... Chama o José.

EMÍLIA

José!

CENA II**JOSÉ**

Minha senhora...

FLORÊNCIA

José, leva esta carta ao convento. Onde está o Sr. Carlos, sabes?

JOSÉ

Sei, minha senhora.

FLORÊNCIA

Procura pelo Sr. D. Abade e lha entrega de minha parte.

JOSÉ

Sim, minha senhora.

EMÍLIA

Depressa! (*Sai José.*)

FLORÊNCIA

Ai, ai!

EMÍLIA

Tomara vê-lo já!

FLORÊNCIA

Emília, amanhã lembra-me para pagar as soldadas que devemos ao José e despedi-lo do nosso serviço. Foi metido aqui em casa pelo tratante, e só por esse fato já desconfio dele... Lé com lé, cré com cré... Nada; pode ser algum espião que tenhamos em casa...

EMÍLIA

Ele parece-me bom moço.

FLORÊNCIA

Também o outro parecia-me bom homem. Já não me fio em aparências.

EMÍLIA

Tudo pode ser.

FLORÊNCIA

Vai ver aquilo lá por dentro como anda, que minhas escravas pilhando-me de cama fazem mil diabruras.

EMÍLIA

E fica só?

FLORÊNCIA

Agora estou melhor, e se precisar de alguma coisa, tocarei a campainha. (*Sai Emília.*)

CENA III**FLORÊNCIA**

(*Só.*) Depois que mudei a cama para este quarto que foi do sobrinho Carlos, passo melhor... No meu, todos os objetos faziam-me recordar aquele pérfido. Ora, os homens são capazes de tudo, até de terem duas mulheres... E três, e quatro, e duas dúzias... Que demônios! Há oito dias que estou nesta cama; antes tivesse morrido. E ela, essa mulher infame, onde estará? E outra que tal... Oh, mas que culpa tem ela? Mais tenho eu, já que fui tão tola, tão tola, que casei-me sem indagar quem ele era. Queira Deus que este exemplo aproveite a muitas incautas! Patife, agora anda escondido... Ai, estou cansada... (*Deita-se.*) Mas não escapará da cadeia... seis anos de cadeia... assim me disse o procurador. Ai, minha cabeça! Se eu pudesse dormir um pouco. Ai, ai, as mulheres neste mundo... estão sujeitas... a... muito... ah! (*Dorme.*)

CENA IV

(Carlos entra pelo fundo, apressado; traz o hábito roto e sujo.)

CARLOS

Não há grades que me prendam, nem muros que me retenham. Arrombei grades, saltei muros e eis-me aqui de novo. E lá deixei parte do hábito, esfolei os joelhos e as mãos. Estou em belo estado! Ora, para que ateimam comigo? Por fim, lanço fogo ao convento e morrem todos os frades assados, e depois queixem-se. Estou no meu antigo quarto, ninguém me viu entrar. Ah, que cama é esta? É da tia... estará... Ah, é ela... e dorme... mudou de quarto? O que se terá passado nesta casa há oito dias? Estive preso, incomunicável, a pão e água. Ah, frades! Nada sei. O que será feito da primeira mulher do senhor meu tio, desse grande patife? Onde estará a prima? Como dorme! Ronca que é um regalo! *(Batem palmas.)* Batem! Serão eles, não tem dúvida. Eu acabo por matar um frade...

MESTRE

(Dentro.) Deus esteja nesta casa.

CARLOS

É o Padre-Mestre! Já deram pela minha fugida...

MESTRE

(Dentro.) Dá licença?

CARLOS

Não sou eu decerto que ta hei-de dar. Escondam-nos, mas de modo que ouça o que ele diz... Debaixo da cama... *(Esconde-se.)*

MESTRE

(Dentro, batendo com força.) Dá licença?

FLORÊNCIA

(Acordando.) Quem é? Quem é?

MESTRE

(Dentro.) Um servo de Deus.

FLORÊNCIA

Emília! Emília! *(Toca a campainha.)*

CENA V**EMÍLIA**

(Entrando.) Minha mãe...

FLORÊNCIA

Lá dentro estão todos surdos? Vai ver quem está na escada batendo. *(Emília sai pelo fundo.)* Acordei sobressaltada... Estava sonhado que o meu primeiro marido enforcava o segundo, e era muito bem enforcado...

CENA VI

(Entra Emília com o Padre-Mestre.)

EMÍLIA

Minha mãe, é o Sr. Padre-Mestre. *(À parte.)* Ave de agouro!

FLORÊNCIA

Ah!

MESTRE

Desculpe-me, minha senhora.

FLORÊNCIA

O Padre-Mestre é que me há-de desculpar se assim o recebo. *(Senta-se na cama.)*

MESTRE

Oh, esteja a seu gosto. Já por lá sabe-se dos seus incômodos. Toda a cidade o sabe. Tribulações deste mundo...

FLORÊNCIA

Emília, oferece uma cadeira ao Reverendíssimo.

MESTRE

Sem incômodo. *(Senta-se.)*

FLORÊNCIA

O Padre veio falar comigo por mandado do Sr. D. Abade?

MESTRE

Não, minha senhora.

FLORÊNCIA

Não? Pois eu lhe escrevi.

MESTRE

Aqui venho pelo mesmo motivo que já vim duas vezes.

FLORÊNCIA

Como assim?

MESTRE

Em procura do noviço Carlos. Ah, que rapaz!

FLORÊNCIA

Pois tornou a fugir?

MESTRE

Se tornou! É indomável! Foi metido no cárcere a pão e água.

EMÍLIA

Desgraçado!

MESTRE

Ah, a menina lastima-o? Já me não admira que ele faça o que faz.

FLORÊNCIA

O Padre-Mestre dizia...

MESTRE

Que estava no cárcere a pão e água, mas o endemoniado arrombou as grades, saltou na horta, vingou o muro da cerca que deita para a rua e pôs-se em panos.

FLORÊNCIA

Que doido! E para onde foi?

MESTRE

Não sabemos, mas julgamos que para aqui se dirigiu.

FLORÊNCIA

Posso afiançar a Vossa Reverendíssima que por cá ainda não apareceu. (*Carlos bota a cabeça para fora e puxa pelo vestido de Emília.*)

EMÍLIA

(*Assustando-se.*) Ai!

FLORÊNCIA

O que é, menina?

MESTRE

(*Levantando-se.*) O que foi?

EMÍLIA

(*Vendo Carlos.*) Não foi nada, não senhora... Um jeito que dei no pé.

FLORÊNCIA

Tem cuidado. Assente-se, Reverendíssimo. Mas como lhe dizia, o meu sobrinho cá não apareceu; desde o dia que o Padre-Mestre o levou preso ainda não o vi. Não sou capaz de faltar à verdade.

MESTRE

Oh, nem tal suponho. E demais, Vossa Senhoria, como boa parenta que é, deve contribuir para a sua correção. Esse moço tem revolucionado todo o convento, e é preciso um castigo exemplar.

FLORÊNCIA

Tem muita razão; mas eu já mandei falar ao Sr. D. Abade para que meu sobrinho saísse do convento.

MESTRE

E o D. Abade está a isso resolvido. Nós todos nos temos empenhado. O Sr. Carlos faz-nos loucos... Sairá do convento; porém antes será castigado.

CARLOS

Veremos...

FLORÊNCIA

(*Para Emília.*) O que é?

EMÍLIA

Nada, não senhora.

MESTRE

Não por ele, que estou certo de que não se emendará, mas para exemplo dos que lá ficam. Do contrário, todo o convento abalava.

FLORÊNCIA

Como estão resolvidos a despedir meu sobrinho do convento, e o castigo que lhe querem impor é tão-somente exemplar, e ele precisa de pouco, dou a minha palavra a Vossa Reverendíssima que, assim que ele aqui aparecer, mandarei agarrá-lo e levar para o convento.

CARLOS

Isso tem mais que se lhe diga...

MESTRE

(*Levantando-se.*) Mil graças, minha senhora.

FLORÊNCIA

Isto mesmo terá a bondade de dizer ao Sr. D.

Abade, a cujas orações me recomendo.

MESTRE

Serei fiel cumpridor. Dê-me as suas determinações.

FLORÊNCIA

Emília, conduz o Padre-Mestre.

MESTRE

(*Para Emília.*) Minha menina, muito cuidado com o senhor seu primo. Não se fie nele; julgo capaz de tudo. (*Sai.*)

EMÍLIA

(*Voltando.*) Vá encomendar defuntos!

CENA VII

(*Emília, Florência e Carlos debaixo da cama.*)

FLORÊNCIA

Então, que te parece teu primo Carlos? É a terceira fugida que faz. Isto assim não é bonito.

EMÍLIA

É para que o prendem?

FLORÊNCIA

Prendem-no porque ele foge.

EMÍLIA

E ele foge porque o prendem.

FLORÊNCIA

Belo argumento! É mesmo dessa cabeça. (*Carlos puxa pelo vestido de Emília...*) Mas o que tens tu?

EMÍLIA

Nada, não senhora.

FLORÊNCIA

Se ele aqui aparecer hoje, há-de ter paciência, irá para o convento, ainda que seja amarrado. É preciso quebrar-lhe o gênio. Estás a mexer-te?

EMÍLIA

Não senhora.

FLORÊNCIA

Queira Deus que ele se emende... Mas que tens tu, Emília, tão inquieta?

EMÍLIA

São cócegas nas solas dos pés.

FLORÊNCIA

Ah, isso são cãibras. Bate com o pé, assim estás melhor.

EMÍLIA

Vai passando.

FLORÊNCIA

O sobrinho é estouvado, mas nunca te dará os desgostos que me deu o Ambró... – nem quero pronunciar o nome. E tu não te aquietas? Bate com o pé.

EMÍLIA

(*Afastando-se da cama.*) Não posso estar quieta no mesmo lugar. (*À parte.*) Que louco!

FLORÊNCIA

Estou arrependida de ter escrito. (*Entra José.*)
Quem vem aí?

CENA VIII**EMÍLIA**

É o José.

FLORÊNCIA

Entregaste a carta?

JOSÉ

Sim, minha senhora, e o Sr. D. Abade mandou comigo um reverendíssimo, que ficou na sala à espera.

FLORÊNCIA

Fá-lo entrar. (*Sai o criado.*) Emília, vai para dentro. Já que um reverendíssimo teve o incômodo de cá vir, quero aproveitar a ocasião e confessar-me. Posso morrer...

EMÍLIA

Ah!

FLORÊNCIA

Anda, vai para dentro e não te assustes. (*Sai Emília.*)

CENA IX**FLORÊNCIA**

(*Só.*) A ingratidão daquele monstro assassinou-me. Bom é ficar tranqüila com a minha consciência.

CENA X

(*Ambrósio, com hábito de frade, entra seguindo José.*)

JOSÉ

Aqui está, senhora.

AMBRÓSIO

(*À parte.*) Retira-te e fecha a porta. (*Dá-lhe dinheiro.*)

JOSÉ

(*À parte.*) Que lá se avenham... A paga cá está.

CENA XI**FLORÊNCIA**

Vossa Reverendíssima pode aproximar-se. Queira assentar-se. (*Senta-se.*)

AMBRÓSIO

(*Fingindo que tosse.*) Hum, hum, hum... (*Carlos espreita debaixo da cama.*)

FLORÊNCIA

Escrevi para que viesse uma pessoa falar-me e Vossa Reverendíssima quis ter a bondade de vir.

AMBRÓSIO

Hum, hum, hum...

CARLOS

(*À parte.*) O diabo do frade está endefluxado.

FLORÊNCIA

E era para tratarmos do meu sobrinho Carlos, mas já não é preciso. Aqui estive o Padre-Mestre, sobre isso falamos, está tudo justo, e sem dúvida Vossa Reverendíssima já está informado.

AMBRÓSIO

(*O mesmo.*) Hum, hum, hum...

FLORÊNCIA

Vossa Reverendíssima está constipado; talvez o frio da noite...

AMBRÓSIO

(*Disfarçando a voz.*) Sim, sim...

FLORÊNCIA

Muito bem.

CARLOS

(*À parte.*) Não conheci esta voz no convento...

FLORÊNCIA

Mas para que Vossa Reverendíssima não perdesse de todo o seu tempo, se quisesse ter a bondade de ouvir-me em confissão...

AMBRÓSIO

Ah! (*Vai fechar as portas.*)

FLORÊNCIA

Que faz, senhor? Fechar a porta? Ninguém nos ouve.

CARLOS

(*À parte.*) O frade tem más tentações...

AMBRÓSIO

(*Disfarçando a voz.*) Por cautela.

FLORÊNCIA

Assente-se. (*À parte.*) Não gosto muito disto... (*Alto.*) Reverendíssimo, antes de principirmos a confissão, julgo necessário informar-lhe que eu fui casada duas vezes; a primeira com um santo homem, e a segunda, com um demônio.

AMBRÓSIO

Hum, hum, hum...

FLORÊNCIA

Um homem sem honra e sem fé em Deus, um malvado. Casou-se comigo quando ainda tinha mulher viva! Não é verdade, Reverendíssimo, que este homem vai direitinho para o inferno?

AMBRÓSIO

Hum, hum, hum...

FLORÊNCIA

Oh, mas enquanto não vai para o inferno, há-de pagar nesta vida. Há uma ordem de prisão contra ele e o malvado não ousa aparecer.

AMBRÓSIO

(*Levantando-se e tirando o capuz.*) E quem vos disse que ele não ousa aparecer?

FLORÊNCIA

(Fugindo da cama.) Ah!

CARLOS

(À parte.) O senhor meu tio!

AMBRÓSIO

Podeis gritar, as portas estão fechadas. Preciso de dinheiro e muito dinheiro para fugir desta cidade, e dar-mo-eis, senão...

FLORÊNCIA

Deixai-me! Eu chamo por socorro!

AMBRÓSIO

Que me importa? Sou criminoso, serei punido. Pois bem, cometerei outro crime, que me pode salvar. Dar-me-eis tudo quanto possuíis: dinheiro, jóias, tudo! E desgraçada de vós, se não me obedecéis! A morte!...

FLORÊNCIA

(Corre por toda a casa, gritando.) Socorro, socorro! Ladrão, ladrão! Socorro! *(Escuro.)*

AMBRÓSIO

(Seguindo-a.) Silêncio, silêncio, mulher!

CARLOS

O caso está sério! *(Vai saindo debaixo da cama no momento que Florência atira com a mesa no chão. Ouvem-se gritos fora: Abra, abra! Florência, achando-se só e no escuro, senta-se no chão, encolhe-se e cobre-se com uma colcha.)*

AMBRÓSIO

(Procurando.) Para onde foi? Nada vejo. Batem nas portas! O que farei?

CARLOS

(À parte.) A tia calou-se e ele aqui está.

AMBRÓSIO

(Encontra-se com Carlos e agarra-lhe o hábito.) Ah, mulher, estais em meu poder. Estas portas não tardarão a ceder; salvai-me, ou mato-te!

CARLOS

(Dando-lhe uma bofetada.) Tome lá, senhor meu tio!

AMBRÓSIO

Ah! *(Cai no chão.)*

CARLOS

(À parte.) Outra vez para a concha. *(Mete-se debaixo da cama.)*

AMBRÓSIO

(Levantando-se.) Que mão! Continuam a bater. Onde esconder-me? Que escuro! Deste lado vi um armário... Ei-lo! *(Mete-se dentro.)*

CENA XII

(Entram pelo fundo quatro homens armados, Jorge trazendo uma vela acesa. Claro.)

JORGE

(Entrando.) Vizinha, vizinha, o que é? O que foi? Não vejo ninguém... *(Dá com Florência no canto.)* Quem está aqui?

FLORÊNCIA

Ai, ai!

JORGE

Vizinha, somos nós...

EMÍLIA

(Dentro.) Minha mãe, minha mãe! *(Entra.)*

FLORÊNCIA

Ah, é o vizinho Jorge! E estes senhores? *(Levantando-se, ajudada por Jorge.)*

EMÍLIA

Minha mãe, o que foi?

FLORÊNCIA

Filha!

JORGE

Estava na porta de minha loja, quando ouvi gritar: Socorro, socorro! Conheci a voz da vizinha e acudi com estes quatro amigos.

FLORÊNCIA

Muito obrigado, vizinho; ele já se foi.

JORGE

Ele quem?

FLORÊNCIA

O ladrão.

TODOS

O ladrão!

FLORÊNCIA

Sim, um ladrão vestido de frade, que me queria roubar e assassinar.

EMÍLIA

(Para Florência.) Minha mãe!

JORGE

Mas ele não teve tempo de sair. Procuremos.

FLORÊNCIA

Espere, vizinho, deixe-me sair primeiro. Se o encontrarem, dêem-lhe uma boa arrojada e levem-no preso. *(À parte.)* Há-de me pagar! Vamos, menina.

EMÍLIA

(Para Florência.) É Carlos, minha mãe, é o primo!

FLORÊNCIA

Qual o primo! É ele, teu padraсто.

EMÍLIA

É o primo!

FLORÊNCIA

É ele, é ele. Vem. Procurem-no bem, vizinhos, e pau nele. Anda, anda. *(Sai com Emília.)*

CENA XIII**JORGE**

Amigos, cuidado! Procurem tudo; o ladrão ainda não saiu daqui. Venham atrás de mim. Assim que ele aparecer, uma boa maçada de pau, e depois pés e mãos amarrados, e guarda do Tesouro com ele... Sigam-me. Aqui não está; vejamos atrás do armário. (*Vê.*) Nada. Onde se esconderia? Talvez debaixo da cama. (*Levantando o rodapé.*) Oh, cá está ele! (*Dão bordoadas.*)

CARLOS

(*Gritando.*) Ai, ai, não sou eu, não sou ladrão, ai, ai!

JORGE

(*Dando.*) Salta para fora, ladrão, salta!

CARLOS

(*Sai para fora, gritando.*) Não sou ladrão, sou de casa!

JORGE

A ele, amigos! (*Perseguem Carlos de bordoadas por toda a cena. Por fim mete-se atrás do armário e atira com ele no chão. Gritos: Ladrão!.*)

CENA XIV**JORGE**

(*Só.*) Eles que o sigam; eu já não posso. O diabo esfolou-me a canela com o armário. (*Batendo na porta.*) Ó vizinha, vizinha?

FLORÊNCIA

(*Entrando.*) Então vizinho?

JORGE

Estava escondido debaixo da cama.

FLORÊNCIA

Não lhe disse?

JORGE

Demos-lhe uma boa maçada de pau e fugiu por aquela porta, mas os amigos foram-lhe no alcance.

FLORÊNCIA

Muito obrigada, vizinho, Deus lhe pague.

JORGE

Estimo que a vizinha não tivesse maior incômodo.

FLORÊNCIA

Obrigada. Deus lhe pague. Deus lhe pague.

JORGE

Boa noite, vizinha; mande levantar o armário que caiu.

FLORÊNCIA

Sim senhor. Boa noite. (*Sai Jorge.*)

CENA XV**FLORÊNCIA**

Pagou-me!

EMÍLIA

(*Chorando.*) Então, minha mãe, não lhe disse que era o primo Carlos?

FLORÊNCIA

É continuas a teimar?

EMÍLIA

Se eu o vi atrás da cama!

FLORÊNCIA

Ai, pior, era o teu padraсто.

EMÍLIA

Se eu o vi!

FLORÊNCIA

Se eu lhe falei!... É boa teima!

CENA XVI**JUCA**

(*Entrando.*) Mamãe, aquela mulher do papá quer lhe falar.

FLORÊNCIA

O que quer essa mulher comigo, o que quer? (*Resoluta.*) Diga que entre. (*Sai Juca.*)

EMÍLIA

A mamãe vai afligir-se no estado em que está?

FLORÊNCIA

Bota aqui duas cadeiras. Ela não tem culpa. (*Emília chega uma cadeira. Florência, sentando-se.*)

Vejamos o que quer. Chega mais esta cadeira para aqui. Bem, vai para dentro.

EMÍLIA

Mas se...

FLORÊNCIA

Anda; uma menina não deve ouvir a conversa que vamos ter. Farei tudo para persegui-lo! (*Emília sai.*)

CENA XVII

(*Entra Rosa. Já vem de vestido.*)

ROSA

Dá licença?

FLORÊNCIA

Pode entrar. Queira ter a bondade de sentar-se.

ROSA

(*Senta-se.*) Minha senhora, a nossa posição é bem extraordinária...

FLORÊNCIA

E desagradável no último ponto.

ROSA

Ambas casadas com o mesmo homem...

FLORÊNCIA

E ambas com igual direito.

ROSA

Perdoe-me, minha senhora, nossos direitos não são

iguais, sendo eu a primeira mulher...

FLORÊNCIA

Oh, não falo desse direito, não o contesto. Direito de persegui-lo, quero eu dizer.

ROSA

Nisso estou de acordo.

FLORÊNCIA

Fui vilmente atraíçoada...

ROSA

E eu indignamente insultada...

FLORÊNCIA

Atormentei meus filhos...

ROSA

Contribuí para a morte de minha mãe...

FLORÊNCIA

Estragou grande parte da minha fortuna...

ROSA

Roubou-me todos os meus bens...

FLORÊNCIA

Oh, mas hei de vingar-me!

ROSA

(Levantando-se.) Havemos de vingarmo-nos, senhora, e para isso aqui me acho.

FLORÊNCIA

(Levantando-se.) Explique-se..

ROSA

Ambas fomos traídas pelo mesmo homem, ambas servimos de degrau à sua ambição. E por ventura somos disso culpadas?

FLORÊNCIA

Não.

ROSA

Quando lhe dei eu a minha mão, poderia prever que ele seria um traidor? E vós, senhora, quando lhe destes a vossa, que vos uníeis a um infame?

FLORÊNCIA

Oh, não!

ROSA

E nós, suas desgraçadas vítimas, nos odiaremos mutuamente, em vez de ligarmo-nos, para de comum acordo perseguirmos o traidor?

FLORÊNCIA

Senhora, nem eu, nem vós temos culpa do que se tem passado. Quisera viver longe de vós; vossa presença aviva meus desgostos, porém farei um esforço – aceito o vosso oferecimento – unamo-nos e mostraremos ao monstro o que podem duas mulheres quando se querem vingar.

ROSA

Eu contava convosco.

FLORÊNCIA

Agradeço a vossa confiança.

ROSA

Sou provinciana, não possuo talvez a polidez da Corte, mas tenho paixões violentas e resoluções prontas. Aqui trago uma ordem de prisão contra o pérfido, mas ele se esconde. Os oficiais de justiça andam em sua procura.

FLORÊNCIA

Aqui esteve há pouco.

ROSA

Quem?

FLORÊNCIA

O traidor.

ROSA

Aquí? Em vossa casa? E não vos assegurastes dele?

FLORÊNCIA

E como?

ROSA

Ah, se eu aqui estivesse...

FLORÊNCIA

Fugiu, mas levou uma maçada de pau.

ROSA

E onde estará ele agora, onde?

AMBRÓSIO

(Arrebenta uma tábua do armário, põe a cabeça para fora.) Ai que abafó!

AS DUAS

(Assustadas.) É ele!

AMBRÓSIO

(Com a cabeça de fora.) Oh, diabo, cá estão elas!

FLORÊNCIA

É ele! Como te achas aí?

ROSA

Estava espreitando-nos!

AMBRÓSIO

Qual espreitando! Tenham a bondade de levantar este armário.

FLORÊNCIA

Para quê?

AMBRÓSIO

Quero sair... Já não posso... Abafó, morro!

ROSA

Ah, não podes sair? Melhor.

AMBRÓSIO

Melhor?

ROSA

Sim, melhor, porque estás em nosso poder.

FLORÊNCIA

Sabes que estávamos ajustando o meio de nos vingarmos de ti, maroto?

ROSA

E tu mesmo te entregaste... Mas como?...

FLORÊNCIA

Agora já adivinho. Bem dizia Emília; foi Carlos

quem levou as bordoadas. Ah, patife, mais essa!

ROSA

Pagará tudo por junto.

AMBRÓSIO

Mulheres, vejam lá o que fazem!

FLORÊNCIA

Não me metes medo, grandíssimo mariola!

ROSA

Sabes que papel é este? É uma ordem de prisão contra ti que vai ser executada. Foge agora!

AMBRÓSIO

Minha Rosinha, tira-me daqui!

FLORÊNCIA

O que é lá?

AMBRÓSIO

Florecinha, tem compaixão de mim!

ROSA

Ainda falas, patife?

AMBRÓSIO

Ai, que grito! Ai, ai!

FLORÊNCIA

Podes gritar. Espera um bocado. *(Sai.)*

ROSA

A justiça de Deus te castiga.

AMBRÓSIO

Escuta-me, Rosinha, enquanto aquele diabo está lá dentro: tu és a minha cara mulher; tira-me daqui que eu te prometo...

ROSA

Promessas tuas? Queres que eu acredite nelas? *(Entra Florência trazendo um pau de vassoura.)*

AMBRÓSIO

Mas eu juro que desta vez...

ROSA

Juras? E tu tens fé em Deus para jurares?

AMBRÓSIO

Rosinha da minha vida, olha que...

FLORÊNCIA

(Levanta o pau e dá-lhe na cabeça.) Toma, maroto!

AMBRÓSIO

(Escondendo a cabeça.) Ai!

ROSA

(Rindo-se.) Ah, ah, ah!

FLORÊNCIA

Ah, pensavas que o caso havia de ficar assim? Anda, bota a cabeça de fora!

AMBRÓSIO

(Principia a gritar.) Ai! *(Etc.)*

ROSA

(Procura pela casa um pau.) Não acho também um pau...

FLORÊNCIA

Grita, grita, que eu já chorei muito. Mas agora hei-

de arrebentar-te esta cabeça. Bota essa cara sem-vergonha de fora!

ROSA

(Tira o travesseiro da cama.) Isto serve?

FLORÊNCIA

Patife! Homem desalmado!

ROSA

Zombaste, agora pagarás.

AMBRÓSIO

(Botando a cabeça de fora.) Ai, que morro! *(Dão-lhe.)*

ROSA

Toma lá!

AMBRÓSIO

(Escondendo a cabeça.) Diabos!

ROSA

Chegou nossa vez.

FLORÊNCIA

Verás como se vingam duas mulheres...

ROSA

Traídas...

FLORÊNCIA

Enganadas...

ROSA

Por um tratante...

FLORÊNCIA

Digno da força.

ROSA

Anda, bota a cabeça de fora!

FLORÊNCIA

Pensavas que havíamos de chorar sempre?

AMBRÓSIO

(Bota a cabeça de fora.) Já não posso! *(Dão-lhe.)* Ai, que me matam! *(Esconde-se.)*

ROSA

É para o teu ensino.

FLORÊNCIA

(Fazendo sinais para Rosa.) Está bom, basta, deixá-lo. Vamos chamar os oficiais de justiça.

ROSA

Nada! Primeiro hei-de lhe arrebentar a cabeça. Bota a cabeça de fora. Não queres?

FLORÊNCIA

(Fazendo sinais.) Não, minha amiga, por nossas mãos já nos vingamos. Agora a Justiça.

ROSA

Pois vamos. Um instantinho, meu olho, já voltamos.

FLORÊNCIA

Se quiser, pode sair e passear. Podemos sair, que ele não foge. *(Colocam-se juntas do armário, silenciosas.)*

AMBRÓSIO

(*Botando a cabeça de fora.*) As fúrias já se foram.
Fscangalharam-me a cabeça! Se eu pudesse fugir...
(*As duas dão-lhe.*)

FLORÊNCIA

Por que não foges?

ROSA

Podes muito bem.

AMBRÓSIO

Demônios! (*Esconde-se.*)

FLORÊNCIA

Só assim teria vontade de rir. Ah, ah!

ROSA

Há seis anos que me não rio de tão boa vontade!

FLORÊNCIA

Então, maridinho?

ROSA

Vidinha, não queres ver tua mulher?

AMBRÓSIO

(*Dentro.*) Demônios, fúrias, centopéias! Diabos!
Corujas! Ai, ai! (*Gritando sempre.*)

CENA XVIII**EMÍLIA**

(*Entrando.*) O que é? Riem-se?

FLORÊNCIA

Vem cá, menina, vem ver como se deve ensinar aos homens.

CENA XIX

(*Entra Carlos preso por soldados, etc., seguido de Jorge.*)

JORGE

(*Entrando adiante.*) Vizinha, o ladrão foi apanhado.

CARLOS

(*Entre os soldados.*) Tia!

FLORÊNCIA

Carlos!

EMÍLIA

O primo! (*Ambrósio bota a cabeça de fora e espia.*)

JORGE

É o ladrão.

FLORÊNCIA

Vizinho, este é o meu sobrinho Carlos.

JORGE

Seu sobrinho? Pois foi quem levou a coça.

CARLOS

Ainda cá sinto...

FLORÊNCIA

Coitado! Foi um engano, vizinho.

JORGE

(*Para os meirinhos.*) Podem largá-lo.

CARLOS

Obrigado. Priminha! (*Indo para ela.*)

EMÍLIA

Pobre primo!

FLORÊNCIA

(*Para Jorge.*) Nós já sabemos como foi o engano, neste armário; depois lhe explicarei. (*Ambrósio esconde-se.*)

JORGE

(*Para os soldados.*) Sinto o trabalho que tiveram... E como não é mais preciso, podem se retirar.

ROSA

Queiram ter a bondade de esperar. Senhores oficiais de justiça, aqui lhes apresento este mandado de prisão, lavrado contra um homem que se oculta dentro daquele armário.

TODOS

Naquele armário?

MEIRINHO

(*Que tem lido o mandado.*) O mandado está em forma.

ROSA

Tenham a bondade de levantar o armário. (*Os oficiais de justiça e os quatro homens levantam o armário.*)

FLORÊNCIA

Abram. (*Ambrósio sai muito pálido, depois de abrirem o armário.*)

CARLOS

O senhor meu tio!

EMÍLIA

Meu padraсто!

JORGE

Senhor Ambrósio!

MEIRINHO

Estais preso.

ROSA

Levai-o.

FLORÊNCIA

Para a cadeia.

AMBRÓSIO

Um momento. Estou preso, vou passar seis anos na cadeia... Exultai, senhoras. Eu me deveria lembrar, antes de me casar com duas mulheres, que basta só uma para fazer o homem desgraçado. O que diremos de duas? Reduzem-no ao estado em que me vejo. Mas não sairei daqui sem ao menos vingar-me em alguém. (*Para os meirinhos.*) Senhores, aquele moço fugiu do convento depois de assassinar um frade.

CARLOS

O que é lá isso? (*Mestre de Noviços entra pelo fundo.*)

AMBRÓSIO

Senhores, denuncio-vos um criminoso.

MEIRINHO

É verdade que tenho aqui uma ordem contra um noviço...

MESTRE

... Que já de nada vale. (*Prevenção.*)

TODOS

O Padre-Mestre!

MESTRE

(*Para Carlos.*) Carlos, o D. Abade julgou mais

prudente que lá não voltasses. Aqui tens a permissão por ele assinada para saíres do convento.

CARLOS

(*Abraçando-o.*) Meu bom Padre-Mestre, este ato reconcilia-me com os frades.

MESTRE

E vós, senhoras, esperai da justiça dos homens o castigo deste malvado. (*Para Carlos e Emília.*) E vós, meus filhos, sede felizes, que eu pedirei para todos (*ao público.*) indulgência!

AMBRÓSIO

Oh, mulheres, mulheres! (*Execução.*)

FIM

A TORRE EM CONCURSO

COMÉDIA BURLESCA EM TRÊS ATOS

Joaquim Manoel de Macedo

PERSONAGENS

João Fernandes - juiz de paz
 Atanásio - subdelegado
 Manuel Gonçalves - influência do lugar
 Bonifácio - escrivão
 Batista
 Diniz
 Henrique
 Germano
 Pantaleão
 Guilherme - oficial do corpo policial
 Crespim
 Pascoal
 Um votante
 O sineiro - (não fala.)
 Ana - irmã de J. Fernandes
 Faustina - filha de J. Fernandes
 Felícia - sobrinha de J. Fernandes
 Senhoras, povo e policiais

A cena é passada em um concurso de uma das províncias.

ATO PRIMEIRO

(Praça de uma acanhada povoação do interior; casas térreas e de rótulas aos lados; à direita um sobrado com janelas de peitoril, e em frente um jardim com grades baixas de pau, estendendo-se até um terço da cena, e, parecendo prolongar-se para dentro; uma rua à esquerda; duas ao fundo e no meio destas uma igreja de triste aparência, vista de lado; por falta de torre está o sino preso em quatro estacas a um lado da igreja.)

CENA PRIMEIRA

(Bonifácio, tendo na mão um grande papel; João Fernandes, Manuel Gonçalves, Atanásio, Diniz, Batista, Henrique, Germano, Ana, Faustina e Felícia, às janelas do sobrado; outras senhoras às janelas das diversas casas, povo na praça, destacando-se em dois grupos.)

JOÃO FERNANDES

Silêncio! Pouca bulha! Vai ser lido o edital. Senhor escrivão, ande, leia em voz alta e bem espevitada.

BONIFÁCIO

A heróica Junta encarregada pelo povo deste curato da obra da torre da igreja, tendo concluído a subscrição patriótica para o fim declarado, em sessão solene hoje celebrada, decretou e manda que se cumpra tão inteiramente como nela se contém a seguinte lei: "Art. 1º Fica criada uma torre para a igreja deste curato, porquanto é uma vergonha que o sino esteja metido em uma gaiola de pau. - Art. 2º Abre-se um concurso para o lugar de engenheiro da torre, debaixo das seguintes condições: - Parágrafo 1º A obra começará antes do dia da cerração da velha e ficará pronta para a Aleluia do ano que vem. - Parágrafo 2º O engenheiro há de ser inglês de nação e ter vindo para o Brasil já barbado. - Parágrafo 3º Não havendo no curato quem saiba a língua inglesa, exige-se que o engenheiro se faça entender ainda que seja em português estrangeirado. - Parágrafo 4º Serão juizes do concurso o juiz de paz em exercício, o subdelegado, os inspetores de quarteirão e os membros da Junta. - Art. 3º São revogadas todas as leis em contrário. E para que

chegue ao conhecimento de todos, serão este edital e cópias dele afixados na porta da igreja, e nas paredes dos pousos das estradas mais concorridas. Curato da Serra das Batatas, 4 de janeiro de 1852. Assinados, os heróicos senhores capitão de ordenanças João Fernandes, juiz de paz e presidente da Junta na falta do Reverendíssimo Vigário, que está com maleitas, e do padre coadjutor que caiu do cavalo a semana passada; Atanásio Mendes, subdelegado, Manoel Gonçalves, Diniz Antônio Luiz e Batista Fagundes, membros da Junta. E eu abaixo assinado, que escrevi, Bonifácio Maria Pinto, escrivão do juízo de paz e da subdelegacia; agente do correio do curato; alferes da guarda nacional; curador de muitos menores; procurador perpétuo de cinco irmandades; com casa de hotel, e de secos e molhados, ferragens, e botica homeopática, etc., etc., Bonifácio Maria Pinto.” Está conforme. (*Desce do banco no meio de aplausos.*)

VOZES

Viva a heróica Junta!... viva!... viva!...

GERMANO

(*Vindo à frente.*) Peço a palavra!

JOÃO FERNANDES

Aí vem este maldito procurador meter embargos! A tal gente da chicana é capaz de se levantar até contra o padre-nosso!...

MANUEL GONÇALVES

Homem, ela há de ter sempre o seu respeito pelo menos ao *venha a nós*.

GERMANO

Nessa coisa a que os senhores chamam lei, exige-se que o engenheiro seja inglês; tal disposição me parece um insulto aos arquitetos nacionais, e uma injustiça aos das outras nações.

ATANÁSIO

E que temos nós com arquitetos?... Não precisamos de arquitetos para a nossa torre; queremos um engenheiro, um engenheiro, ouviu?!...

VOZES

Apoiado! Apoiado!

BATISTA

(*A Atanásio.*) Veja... veja... a gente do Manuel Gonçalves e do malvado Diniz não deu apoiados a Vossa Senhoria!!!

ATANÁSIO

(*A Batista.*) São uns brejeiros, compadre; não se lembra da guerra que nos fizeram na última eleição?...

GERMANO

(*Rindo.*) Tem razão; tem razão; fora com os arquitetos, mas por que não querem os senhores

um engenheiro nacional?...

MANUEL GONÇALVES

É boa!... Porque todos eles juntos não valem o mindinho de um engenheiro inglês; porque... sim, porque também um sino de Braga é por força melhor do que todas as campanhas rachadas que possam fundir na Ponta da Areia, na província do Rio de Janeiro... e tenho dito!... (*Olhando desapontado.*) e tenho dito!... (*A Diniz.*) Olhe, senhor Diniz, não me deram nenhum apoiado!...

DINIZ

Apoiadíssimo!... (*A Manuel Gonçalves.*) São as cabalas do tratante do Batista!...

GERMANO

Também tem razão!... não temos na pátria coisa alguma que preste; mas que predileção é essa pelos ingleses?... Pois se um francês...

ATANÁSIO

Francês! O ano passado um ourives francês empurrou-me uma corrente de papagaio jurando que era um cordão de ouro da Califórnia!...

GERMANO

Portanto, nada de engenheiro francês; mas se um italiano...

JOÃO FERNANDES

Abrenuncio!... nunca me há de esquecer que um mascate italiano vendeu à minha mana um corte de alpaca avariada por seda do grande tom. (*Para o sobrado.*) Não foi assim, sinhá Aninha?...

ANA

Tal e qual; o mascate era falso como Judas Iscariote.

JOÃO FERNANDES

Está na lei, há de se cumprir. Queremos um engenheiro inglês para fazer a torre, e também para concertar o alambique da minha engenhoca, que se desarranjou o ano passado. Senhor escrivão, ande...

HENRIQUE

Um momento: perderei palavras, mas cumprirei o meu dever. Estais fazendo loucuras! Eu já vos disse que o presidente da província vai contemplar-me no número dos engenheiros dela, e encarregar-me da direção das obras da nossa igreja, e em tal caso...

MANUEL GONÇALVES

Homem, você é eleitor influente de alguma freguesia?...

HENRIQUE

Não; e que tem isso?...

MANUEL GONÇALVES

Pois se não é influência eleitoral, como diabo quer que o presidente faça caso de você?...

ATANÁSIO

Olhem quem quer fazer a torre! Está doido!...
Fora!...

VOZES

Fora! Fora!... Ah! Ah! Ah!

HENRIQUE

Quero, sim! Nasci neste lugar; deve, portanto, ser-me grato prestar-lhe os meus serviços como engenheiro que sou. Em uma palavra, senhores, a obra que com razão desejais há de ser executada e sê-lo-á por mim a despeito de vossa anglomania.

FAUSTINA

(*A Ana.*) Titia, como o senhor Henrique fala bem, e com tanta graça!...

ANA

Desde pequenino foi sempre assim cheio de fósforos.

JOÃO FERNANDES

Tenha paciência, meu Henrique, nós não podemos resistir aos ímpetos do nosso patriotismo. Senhor Bonifácio, cumpra a lei e viva a torre!... (*Bonifácio vai pregar o edital; entusiasmo geral.*)

TODOS

Viva! Viva!... (*João Fernandes canta; segue o coro e ao som dele retiram-se todos.*)

JOÃO FERNANDES

A nossa torre famosa
Há de tão alta subir
Como o foguete que vai
Entre as nuvens se sumir.

Há de ser tal maravilha
Que para a glória mais certa,
O sino de Candelária
Ficará de boca aberta.

TODOS

Que glória p'ra vossa terra,
Que glória p'ra nós também,
Quando os sinos repicarem
Pela aleluia que vem!...
(*Vão-se todos.*)

CENA II

(*Faustina, no jardim; Felícia à janela, observando e ocultando-se.*)

FELÍCIA

Esta minha prima vive regando flores todo o santo dia; desconfio muito que ela quer colher um cravo... mas não é do seu jardim. (*Oculto-se.*)

FAUSTINA

Agora é um milagre quando me acho só. Tenho de um lado minha tia com olhos de velha que ainda quer casar, e do outro minha prima com olhos de

moça que já foi casada... mas... (*Observando.*)
Creio que vejo uma sombrazinha ali naquela janela... isto é um tormento! (*Rega, e examina as flores, e observa a janela.*) Desta vez enganei-me... esqueceram-se felizmente de mim; estou só; mas de que me serve estar só e regando flores, se o senhor Henrique parece que prefere as suas questões de torre à minha companhia! Se ele ouvisse a minha voz talvez viesse... eu sei que uma moça chamar um homem é feio; mas também cantar não é chamar. Experimentemos.

FELÍCIA

Olhem que esta roceirazinha é esperta como um frade velho!

FAUSTINA

Sou namorada
Das minhas flores;
Não tenho inveja
De outros amores.

Lá lá lá lá lá
Lá lá lá lá lá

Doce favônio
Mimo das flores,
Vem dar alento
Aos meus amores.

Lá lá lá lá lá
Lá lá lá lá lá

FELÍCIA

Oh que inocência!
Que amor de flores!
Mas eu não creio
Nestes amores.

Lá lé li ló lu
Lá lé li ló lu

No tal favônio
Mimo das flores
Está o segredo
Destes amores.

Lá lé li ló lu
Lá lé li ló lu

CENA III

(*Faustina, regando flores; Felícia, observando; Henrique.*)

FAUSTINA

Lá vem ele... como é bonito! Mas eu não chamei pessoa alguma.

FELÍCIA

Entra em cena o ilustríssimo senhor Favônio.
(*Oculto-se.*)

HENRIQUE

Minha bela Faustina, ouvi teu canto e corri...

FAUSTINA

(Fingindo que se retira.) Ah! Se eu soubesse não tinha cantado...

HENRIQUE

Oh! Como você é má! Porém, que é isso?... Quer se ir embora?...

FAUSTINA

Pois então?... Se eu ficasse, podiam pensar que eu estava aqui de propósito esperando pelo senhor, e isso me faria morrer de vergonha...

HENRIQUE

Por quem é, Dona. Faustina, escute duas palavras somente... não seja cruel, escute...

FAUSTINA

Está bem, mas há de ser com a condição de falar pouco e depressa...

FELÍCIA

(Da janela.) Já se viu um diabinho como esta minha prima!... É doutora de borla e capelo na ciência do namoro!

HENRIQUE

Posso ter a certeza de que sua tia não virá interromper-nos?...

FAUSTINA

Pode, ela foi contar a roupa suja que vai para o rio, e minha tia quando se mete na roupa suja fica presa duas horas, pelo menos.

HENRIQUE

Ainda bem; há dois dias que não nos falamos a sós, e eu tinha tanta coisa para lhe dizer!... Mas quer ver?... Agora que meus olhos se embebem no seu rosto, as reflexões adormecem no meu espírito, o coração somente pode falar, e o coração não sabe e não quer dizer, senão estas únicas palavras: Faustina! Eu a amo... sempre... cada vez mais...

FAUSTINA

Sim... no entanto, consente que minha tia lhe lance uns olhos de basilisco e lhe diga finezas que fazem frios e febre!

HENRIQUE

Sua tia! É possível que me suponha namorado de uma velha tão feia?...

FAUSTINA

Não; não; mas se fosse moça, senhor Henrique; por exemplo, moça e bonita como minha prima...

HENRIQUE

Temos outra! Dona Faustina, você é capaz de ter ciúmes do sexo feminino em peso!

FELÍCIA

(Da janela.) Até que enfim entrou a minha pessoa na discussão; pois agora vou ouvir de mais perto.

(Retira-se e desce para a cena.)

FAUSTINA

(Exaltando-se.) O senhor é capaz de negar que olha para a minha prima com olhos requebrados?...

HENRIQUE

Esta ainda é pior! Faustina, eu nunca tive olhos requebrados na minha vida!

FAUSTINA

Como eu sou da roça, sacrifica-me à outra que voltou boneca da cidade... talvez seja sua namorada antiga...

HENRIQUE

Esta moça vê estrelas ao meio-dia! Dona Faustina, tenha juízo...

FAUSTINA

(Irritando-se.) E ainda em cima chama-me doida! Um homem que ainda ontem esteve pisando os pés de minha prima por baixo da mesa!

FELÍCIA

(À parte.) Que mentira! Coitado do pobre rapaz!

HENRIQUE

Eu pisar o pé de sua prima! Juro que não... nunca me lembrei de tal... só se foi por acaso...

FAUSTINA

(Exasperada.) Por acaso!... Oh! Então é verdade! O traidor o confessa... Meu Deus!... Ah!... Creio que vou desmaiar... *(Enfraquecendo.)*

HENRIQUE

Faustina... oh!... Eu vou saltar por cima desta grade...

FAUSTINA

(Tornando a si.) Não salte, não; espere... eu já me sinto melhor.

FELÍCIA

(À parte.) Espichou-se completamente; não me case eu mais nunca, senão arranjo um faniquito melhor do que minha prima.

HENRIQUE

Faustina, palavra de honra que não pisei o pé de sua prima.

FAUSTINA

Mas não é verdade que ela é uma moça encantadora...

HENRIQUE

Qual! É uma feia... uma desenxabida...

FELÍCIA

Que tratante! Jurou-me ontem que eu era um anjo do céu!...

HENRIQUE

Mas você, Faustina, seria capaz de ter ciúmes de sua própria irmã!

FAUSTINA

O senhor quer ouvir uma cantiga que minha madrinha me ensinou, quando eu era pequenina?...

HENRIQUE

Ainda o pergunta?... Você, quando canta, encanta.

FAUSTINA

Moça esperta, quando ama,
Não se fia de ninguém;
Das amigas desconfia,
E da própria irmã também.

Uma tia, mesmo velha,
Pode às vezes fazer mal;
Quanto às primas não se fala:
Quem diz prima, diz rival.

HENRIQUE

Excelentemente! A sua cantiga é exagerada nas idéias; mas assim mesmo gosto dela.

FAUSTINA

(Abaixando os olhos.) Foi minha madrinha que me ensinou.

FELÍCIA

(Mostrando-se.) Ah! Minha prima, foi pena que sua madrinha não abrisse um colégio de meninas!... *(Confusão dos dois.)*

FAUSTINA

Ah! Estou perdida!

HENRIQUE

Minha senhora...

FELÍCIA

Qual perdida! Sosseguem ambos que lhes não quero mal, e nem mesmo a quem me achou tão feia e tão desenxabida...

HENRIQUE

(À parte.) Misericórdia! Pequei pela língua... Estou horrivelmente comprometido...

FELÍCIA

Minha bela roceira, as que voltam bonecas da cidade nem sempre são más; andem... deixem-se de vexames... o que eu ouvi há pouco já sabia há mais tempo; um dia depois da minha chegada a este lugar, adivinhei logo que vocês eram namorados.

FAUSTINA

Eu nunca duvidei da sua habilidade, prima; mas olhe que era preciso ser muito entendida nestas matérias para...

FELÍCIA

Pois então?... É verdade que sou moça, mas também é verdade que sou viúva, e portanto devo ter experiência nestes negócios. E de mais, Faustina, não te lembras de que eu já fui deputada, e passei quase uma legislatura inteira no Rio de Janeiro?... Ah! Meu belo, meu querido Rio de Janeiro! Todas vocês

me lastimaram quando, há cinco anos e aos quinze de idade, me viram casada com um velho de cinqüenta; em breve, porém, meu marido foi eleito deputado, e tive de acompanhá-lo à corte; que brilhante destino! Ah! Tu não sabes que vida passa uma augusta e digníssima! Basta dizer-te que a mulher do deputado dança a valsa com os colegas do marido, a polca com os senadores, a *schottisch* com os ministros, e jogos de prendas com os conselheiros de Estado; que vida! Que vida passei! Mas ah! Meu marido, que era sempre ministerial, morreu de indigestão no terceiro ano da legislatura, e por consequência suspenderam-me o subsídio, e fui obrigada a voltar para a província... mas... a que veio isto? Ah! Sim; para provar a minha experiência; pois bem: com ela adivinhei que vocês se amavam; que a minha tia antes quer o senhor Henrique para marido do que para sobrinho, e que, portanto, os atrapalha consideravelmente; visto que meu tio é escravo de sua irmã, porque espera ser seu herdeiro, e já está de posse de sua fortuna e do seu testamento.

HENRIQUE

Sim, adivinhou, sabe tudo; cumpre agora que nos proteja, e que conseguindo desacreditar-me na opinião de sua tia...

FELÍCIA

Eu já tenho um meio seguro e infalível para isso.

FAUSTINA

Qual?

FELÍCIA

(Rindo-se.) O senhor Henrique e eu nos fingiremos loucamente apaixonados um pelo outro à vista de minha tia e...

FAUSTINA

Olhe, prima: qualquer outra lembrança que você tiver há de ser por força melhor do que essa.

FELÍCIA

Eu logo vi que você não havia de gostar. Inventarei outro meio... confiem em mim; dou-lhes minha palavra que hei de hoje mesmo enganar minha tia... Oh! Se hei de! Tenho antipatia às velhas que atrapalham as moças... contem comigo e...

ANA

(Dentro.) Meninas!...

FAUSTINA

Fuja, senhor Henrique; aí vem minha tia...

HENRIQUE

Adeus!... *(Partindo.)* Oh! Que maldita velha!... *(Vai-se.)*

FELÍCIA

Vamos para dentro, enquanto ela não chega. *(Vão-se.)*

CENA IV**CRESPIM**

(Só, vestido de grande casaca vermelha, calças grandes, botas, etc.) Ai! Tenho andado com um cavalo de aluguel. Não vou para adiante nem que me serrem *(Pausa.)* Ora... em consciência eu sou um grandíssimo tolo! Mamede Paiva Rodrigues era por todos conhecido como um algoz dos atores, e apesar disso cai em engajar-me com ele em uma companhia volante; sou tolo ou não?... Chegamos a uma vila; anuncia-se *Inês de Castro*, e eu sujeito-me a fazer o papel de Dom Afonso, quando me competia o de Dom Pedro; sou tolo ou não?... Chega a noite do espetáculo, e vestem-me, como me acho... como um palhaço de cavalhadas, e empurram-me para a cena – havia povo na platéia como formiga! – e apenas abro a boca, e digo com ênfase: “Basta, príncipe, basta!”, rebenta uma pateada composta de assobios, estalos, batatas e o diabo! No meu caráter de Dom Afonso, eu não podia aturar semelhante patifaria: corro para um lado; e o Mamede com um pontapé atira-me outra vez na cena; mas, escapando pelo outro, deixo *Inês de Castro* sem poder morrer por falta de Dom Afonso, e corro, há dois dias, como um preto quilombola! Então... franqueza... sou tolo ou não?... *(Pausa.)* Mas é preciso que eu tome um partido... é indispensável arranjar a vida... *(Olhando.)* Que monte de casas velhas será este?... Olhem onde está enforcado o sino da igreja... Oh! Lá!... Um cartaz! Haverá teatro aqui?... *(Lê.)* Ah! Ah! Ah! A gente desta terra é ainda mais tola do que eu! Mas oh! Que idéia! Se não há aqui quem entenda inglês, por que não me farei eu engenheiro da Grã-Bretanha? Já tenho sido rei, bispo, ministro, lacaio e até urso, por que não serei godemi, quando me acho *in extremis*?... Ora viva! Dê no que der, vou apresentar-me à heróica Junta... Oh! Iesse, mim ficar uma engenheira muito godemi... Eia! Coragem! Saia o que sair! *(Canta.)*

Bravo! Bravo! Finalmente,
A fortuna me festeja,
Mim agora estar godemi,
A pobre vida de ator
Excomungada que seja;
Mim agora estar godemi,
Vai faze torre d’igreja,
E há de come bifisteque,
Bebe copa de cerveja.
Vai faze torre d’igreja
E há de come bifisteque,
Bebe copa de cerveja.

Toca a procurar a ilustríssima Junta... mas estas roupas? Ah! Sim; serei um lorde inglês... lorde... lorde... ora! Lorde Gimbo, porque é exatamente Gimbo o que eu quero... Vamos... *(Vai-se.)*

CENA V

(O Sineiro aparece, vai dar no sino o sinal do meio-dia e retira-se; João Fernandes, apressado; logo depois Ana.)

JOÃO FERNANDES

O meu estômago já me havia anunciado a hora do meio-dia, antes mesmo de soarem estas badaladas consoladoras! Sinhá Aninha! Sinhá Aninha! Dê-me um caldo depressa...

ANA

Que é isso? Que gritos são estes?...

JOÃO FERNANDES

É que eu estalo de fome, se me não dá um caldo depressa; deixei vaga a presidência da Junta... e... dê-me um caldo, sinhá Aninha!

ANA

Pois você desamparou a presidência da Junta assim, sem mais nem menos?... Senhor João Fernandes, você é indigno da irmã que tem, e da honra que lhe fizeram!

JOÃO FERNANDES

Pois se eu estou estalando de fome, senhora! Olhe: tenho uma dor aqui no vazio... dê-me um caldo, sinhá Aninha!

ANA

Marche a ocupar o seu posto, e não me envergonhe mais! *(Vai-se.)*

JOÃO FERNANDES

É esta? Sou capaz de abdicar a presidência! Esta velha pensa que todas as presidências matam a fome! Ah! Meus pecados! Que eu não tenha remédio, senão aturar esta mulher visto que devo ser seu herdeiro... Oh! Que fome! Que fome de quinze dias! *(Canta.)*

Que dor no vazio!
Que fome! Que fome!
Já deu meio-dia,
E a gente não come!
Estou que não posso,
Que fome! Que fome!
(Vai-se.)

CENA VI**PASCOAL**

(Só; vestido de nítzia amarela.) Alferes Guilherme Lamego Fúria, por alcunha o Fura-Tripas! Fúria e

Fura-Tripas!... Nunca me há de esquecer este nome. *(Pausa.)* Está decidido que eu nasci com a sina de cachorro; entrei no mundo pela porta do teatro, sendo puxa-vistas, e um dia que pretendi elevar-me a comparsa, o público recebeu-me com tais aplausos de infantaria, que abandonei o teatro... vim dar comigo nesta província, fiz-me capanga de um potentado, e capanga esperava acabar meus dias; mas se eu já disse que tenho sina de cachorro! Há três dias houve uma eleição na freguesia; meu amo estava na oposição, e a coisa ia perder-se, porque em cada porta de igreja havia dois soldados de baioneta calada, já se sabe, para garantir a liberdade do voto, e não queriam deixar entrar um magote de votantes de meu amo; mas eu levo os votantes comigo, chego a uma porta, atiro-me de improviso aos soldados, e tapa em um, pontapé em outro, dou com os votantes dentro; acode, porém, o alferes Faria, por alcunha Fura-Tripas, e não se ouve mais que – mata o Pascoal! e foge Pascoal! – Obedeci a este último grito, furtei o cavalo de um votante; mas o sendeiro rebentou no caminho, e fez-me viajar a pé dois dias, e eis-me aqui com uma fome de timbaleiro e no estado mais poético do mundo, isto é, sem vintém. Pois se eu tenho sina de cachorro! *(Pausa.)* Mas eu hei de achar por força quem me dê de comer. *(Chamando.)* Oh! Lá! Não há gente nesta alde... nesta cidade? Porém, que é isto?... *(Lê o edital.)* Esta é de tirar o chapéu!... Este povo está pedindo de mãos postas que manguem com ele, e eu com a fome que sinto, se soubesse um dedo de inglês... Mas para quê, se aqui ninguém o sabe?... Ora, eu vou fazer a torre, está dito; o que só me atrapalha é esta nízia amarela... e que tem a nízia?... Direi que, além de engenheiro, sou também filósofo inglês... sou o mister... mister, deve ser um nome de arrepiar os cabelos... mister... Protocrotrofroblington... está direito... vou procurar a tal Junta de tolos... *(Canta.)*

Eu sou sublime engenheiro
Mestre de torres preclaro;
Faço palácios brincando,
E nos teatros sou raro;
Quando risco um monumento,

Sempre é coisa de espavento.
Pirâmides fiz já cinqüenta;
Obeliscos mais de cem;
Aquedutos dúzia e meia,
Arcos muito mais além;
Que engenheiro! Que talento!
Sou dos gênios o portento!
(Vai-se.)

CENA VII

(Ana, Faustina e Felícia.)

ANA

Meninas, vamos tomar o fresco no jardim; a heróica Junta parece que vai até a noite; nem ao menos aparece o senhor Henrique para conversar com a gente; ai! ai! Quem ama não tem sossego.

FELÍCIA

Minha tia, o senhor Henrique esteve aqui ainda há pouco conversando com Faustina.

FAUSTINA

(À Felícia.) Prima, você quer me deitar a perder?...

ANA

Deveras?... então foi só com Faustina que ele conversou?...

FELÍCIA

Ah! Não; creio que foi comigo também.

ANA

Seguramente o pobre moço veio ver se me encontrava; ai! ai! Meninas! Quem ama não tem sossego; mas sobre o que conversavam vocês?...

FELÍCIA

Faustina, em que foi que nós conversamos?... Anda, responde à nossa tia.

FAUSTINA

(À parte, para Felícia.) Felícia... pelo amor de Deus!

FELÍCIA

Eis outra vez o senhor Henrique... ainda bem; ele dirá em que conversamos.

CENA VIII

(Os precedentes e Henrique.)

HENRIQUE

Esta ninguém acredita! *(À parte.)* Pior! Esperava consolar-me encontrando-me com a primavera e venho esbarrar-me com o inverno! *(Às senhoras.)* Boa tarde, minhas senhoras!

ANA

Então que aconteceu, senhor Henrique?... Chegue cá para perto e conte novidades à gente que lhe quer bem. *(À parte.)* Ai! Ai! Quem ama não tem sossego, já estou com o coração taque-taque-tique-tique!!

HENRIQUE

Que há de ser?... Acaba de apresentar-se à tal heróica Junta um tratante que diz ser engenheiro inglês, e que é tão engenheiro como as minhas botas e fala inglês tão bem como o meu cavalo; entretanto, o charlatão foi levado em triunfo a jantar no Hotel do Bonifácio; que gente! Que loucura!

ANA

Senhor Henrique, não falemos agora em negócios políticos.

FELÍCIA

E tanto mais que minha tia quer saber sobre que estive o senhor conversando com Faustina inda há pouco.

HENRIQUE

(*Rindo.*) Falávamos dos nossos primeiros anos e nos embebíamos loucamente nas recordações do passado. Não foi isso?...

ANA

Havia de ser; porque é a nossa balda; quando eu e Faustina estamos sós, levamos horas esquecidas a conversar sobre os felizes tempos da nossa infância. Isto faz tanta saudade!

FAUSTINA

(*A Felícia.*) Ora esta! Minha tia nunca conversou comigo em semelhante coisa!

FELÍCIA

(*A Faustina.*) Cala a boca, tola!

HENRIQUE

É muito natural; as senhoras deviam ter brincado juntas bastantes vezes em pequeninas...

ANA

Ai, senhor Henrique! Não zombe de quem lhe quer bem! Eu confesso que sou dez anos mais velha do que Faustina...

FAUSTINA

(*Querendo falar.*) Dez anos...

FELÍCIA

(*A Faustina.*) Cala essa boca, tola!

ANA

Não falemos em idades. Eu sinto que a minha mocidade não pode durar muitos anos mais... Sou uma flor que suspira por ser colhida com medo de murchar no pé... Ai! Ai! Quem ama não tem sossego! Mas, senhor Henrique, eu andava doida por encontrá-lo sem testemunhas masculinas para lhe dizer uma coisa que trago há quinze dias no coração, e há três na garganta.

HENRIQUE

Estou às suas ordens, minha senhora. (*À parte.*) Já se viu uma sanguessuga como esta maldita velha!...

ANA

(*Olhando para uma rosa.*) Não posso conter-me... que linda rosa! Dizem que a moça que oferece uma rosa é como se oferecesse o seu coração... Ai! Ai! Quem ama não tem sossego! (*Tira a rosa e oferece-a a Henrique.*) Faça de conta que esta rosa sou eu.

FAUSTINA

(*À parte.*) Deus permita que aquela rosa se transforme em cravo de defunto.

FELÍCIA

(*À parte.*) Se minha tia não fosse tão velha, eu já devia estar envergonhada do papel que estou aqui representando!

HENRIQUE

(*Recebendo a rosa.*) Agradecido! (*À parte.*) Esta mulher é uma praga! (*A Ana.*) Mas disse que desejava confiar-me...

FAUSTINA

(*À parte.*) Pior! O senhor Henrique parece que está receoso de que minha tia se engasgue com o que traz há três dias na garganta!

ANA

Não sei como lho diga! Ai!... Ai!... quem ama não tem sossego! Mas ainda bem que os segredos do coração se lêem nos olhos, e o senhor pode, sem que eu fale, adivinhar o meu segredo.

HENRIQUE

Ah! Minha senhora! Sou de uma estupidez incrível em matéria de segredos do coração...

FAUSTINA

(*À parte.*) Anda! Bem feito.

ANA

Ingrato! Escute pois a explicação de meu segredo. (*Cantam.*)

ANA

O segredo que eu tenho no seio
Pode crer que é de muito valor;
Tem um nome que em - a - principia,
E acaba com - o- or - or.

FAUSTINA

Não perceba o que diz minha tia;
Seja rude esta vez por favor;
Não decifre a charada da velha:
Não me mate, dizendo-lhe - amor.

HENRIQUE

Quando a velha me pede ternuras,
Vejo a moça abrasada em furor;
Quero rir-me da teima da velha,
Mas receio os ciúmes do amor.

FELÍCIA

Que terrível mania de velha!
Isto é mais que mania, é furor;
Todo rugas, velhinho, caduco,
Há de ser engraçado este amor!

ANA

(*Depois de um grande suspiro.*) Ai! Ai! Quem ama não tem sossego!

CENA IX

(*Os precedentes e Germano.*)

GERMANO

Henrique! Henrique! Estás perdendo o melhor

da festa.

HENRIQUE

Que há?...

GERMANO

Um novo concorrente que se apresentou...

HENRIQUE

Inglês?...

GERMANO

Creio que tão inglês como o primeiro; apenas foi este para o hotel, chega o segundo, e, o que é melhor, divide-se a Junta em dois partidos: o Manuel Gonçalves com sua gente sustenta o charlatão de casaca vermelha, e o Atanásio com os inspetores de quartirão e a súcia concomitante defendem a causa do segundo tratante, que veio vestido de nízia amarela. Vermelho e amarelo são os nomes dos dois partidos, que por sinal estão a ponto de dilacerar-se.

HENRIQUE

E os dois charlatães?...

GERMANO

Ainda não se encontraram. Oh! Temos touros de palanque!

HENRIQUE

Mas como já têm partidos esses homens?... Já se pode julgar qual deles é o de mais merecimento?...

GERMANO

Ora que puerilidade!... Quando os partidos não têm idéias, e só se agitam pela ambição e pelos ciúmes dos potentados, bastam para suas divisas e bandeiras uma casaca vermelha e uma nízia amarela, e dois charlatães vestindo-as.

HENRIQUE

Mas isso é uma vergonha para o nosso pobre curato!

GERMANO

Qual!... Deixa-te disso; o nosso pobre curato é, em ponto pequeno, a imagem de uma grande cidade, cujo nome não quero dizer: as casacas vermelhas e nízias amarelas abundam por toda a parte.

ANA

Eu não entendi uma só palavra do que disse este procurador. Ai! Ai! Quem ama não tem sossego!

VOZES

(*Dentro.*) Viva! Viva!

GERMANO

Ei-los aí! Excelente! Excelente! Ah! Ah! Ah!...

FAUSTINA

Meu Deus, eu tenho medo de tantos homens juntos!...

ANA

Vamos para dentro, meninas. Adeus, senhor Henrique... Ai! Ai! Quem ama não tem sossego!
(*As senhoras entram.*)

CENA X

(*Ana, Faustina, Felícia e senhoras às janelas e portas; Henrique e Germano no meio da cena; João Fernandes, que fica ainda no meio; Bonifácio, que anda de um para outro lado; Manuel Gonçalves, Diniz e o seu grupo a um lado com Crespim no centro; Atanásio, Batista e o seu grupo do outro lado com Pascoal no centro. Entusiasmo geral. Crespim e Pascoal são abraçados e quase carregados.*)

DINIZ

(*Na frente dos seus.*) Viva o godemi da casaca vermelha!

MANUEL GONÇALVES

(*E os seus.*) Viva! Viva!

BATISTA

(*Na frente dos seus.*) Viva o godemi da nízia amarela!...

ATANÁSIO

(*E os seus.*) Viva!... Viva!... (*João Fernandes vitória a todos.*)

CRESPIM

(*À parte.*) Não há nada neste mundo como a opinião pública!...

PASCOAL

(*À parte.*) Estou sendo pela primeira vez na minha vida objeto do entusiasmo popular! Olhem que há muito povo tolo!...

JOÃO FERNANDES

Atenção!... Gritem baixo!... (*À parte.*) Estou com uma fome!...

PASCOAL

(*À parte.*) O pior é que está aí outro inglês... estou vendo que isto acaba em viva de pau... pois se eu tenho sina de cachorro!...

JOÃO FERNANDES

Senhor Bonifácio, veja se esta gente me deixa falar que eu já não posso mais! (*Bonifácio trata de aquietar os grupos.*)

CRESPIM

(*À parte.*) Dizem que tenho um inglês pela proa; mas ninguém aqui o entende, e eu vou asseverar que o inglês não é inglês e eu sim.

JOÃO FERNANDES

Então posso falar ou não, povo de uma figa?... (*Serena o sussurro.*) Em nome da heróica Junta eu, capitão João Fernandes, declaro... declaro... (*Correndo a Bonifácio.*) Senhor escrivão, senhor Bonifácio, que diabo hei de declarar que já me não lembra?...

BONIFÁCIO

(*A João Fernandes.*) Declare simplesmente que estão aí dois engenheiros ingleses, e ponha-se nas escolhas, porque vossa senhoria não vai adiante

com o discurso.

JOÃO FERNANDES

(*A Bonifácio.*) Fique sempre aqui ao pé de mim para me acudir, se eu errar. (*Ao povo.*) Declaro... simplesmente... que estão aí dois engenheiros ingleses, e ponha-se nas escolhas, porque vossa senhoria...

BONIFÁCIO

(*A João Fernandes.*) Basta, homem, que já é demais!...

JOÃO FERNANDES

Eu nunca fui presidente na minha vida... estou muito vexado... muito vexado... e com muita fome!...

DINIZ

Proponho que os dois ingleses conversem um com o outro!

VOZES

Apoiado! Apoiado! (*Afastam-se os grupos, deixando os dois em frente.*)

CRESPIM

(*À parte.*) Agora aqui é que vai a gata aos filhoses!...

PASCOAL

(*À parte.*) Aperta-te, Pascoal! Pois se eu tenho sina de cachorro!...

CRESPIM

(*À parte.*) Aquele que está ali feito godemi é o Pascoal puxa-vistas!!!

PASCOAL

(*À parte.*) Aquele inglês é o Crespim!!!

JOÃO FERNANDES

Andem, obedçam ao povo!

CRESPIM

(*À parte.*) Agora sou eu gente. (*A Pascoal.*) Ui god bai come esse?...

PASCOAL

(*À parte.*) Bravo! Estou salvo. (*A Crespim.*) Estring uors ui grande bai!

HENRIQUE

(*Rindo muito.*) Senhores, estes homens não são ingleses; são dois tratantes; eu falo o inglês e juro que eles o entendem tanto como o senhor capitão João Fernandes!

MANUEL GONÇALVES

O senhor é um homem suspeito, e está furioso de inveja; estes dois sábios engenheiros falam tão perfeitamente o inglês, que nós ainda não lhe entendemos palavra!

VOZES

Apoiado! Apoiado!

CRESPIM

Oh! Iess; mim star Inglis!

ATANÁSIO

Fora o invejoso!...

VOZES

Fora! Fora! (*Germano toma o braço de Henrique, e ambos se afastam, rindo.*)

CRESPIM

(*A Pascoal.*) Fates misburi iesse, etc. (*Fala imitando o inglês.*)

VOZES

Bravo!... Bravo!...

PASCOAL

(*A Crespim.*) Oh! Fiu plise, etc. (*Fala imitando o inglês.*)

VOZES

Bravíssimo!... Viva!...

(*Crespim e Pascoal exaltam-se, falando a fingir-se ingleses, e acabam gritando e falam ao mesmo tempo, até sufocar-se e no meio das exclamações do povo.*)

VOZES

Viva! Viva! (*Uns abraçam Crespim, outros a Pascoal.*)

JOÃO FERNANDES

Oh! Que torre! Que torre, minha gente! Estou quase doido de alegria! Até já me passou a fome. (*A Crespim.*) Como é a graça de V. Excia?...?

CRESPIM

Lorde Gimbo; mim star fidalga n'Inglaterra.

JOÃO FERNANDES

Fidalgo!... Logo se conhece pela cara... tem mesmo cara de fidalgo! (*A Pascoal.*) E V. Excia., como se acha?...

PASCOAL

(*À parte.*) Diabo! Engoli o nome que tinha inventado! Mas lá vai outro. (*A João Fernandes.*) Matracoat: mim star filósafa e engenheira extraordinária...

JOÃO FERNANDES

Senhor lorde Gimbo, o senhor também é capaz de consertar um alambique de engenhoca?...

CRESPIM

Oh! Iesse, mim saber faz lambique de engenhoque verruel.

JOÃO FERNANDES

Um alambique verruel!... Há de ser invenção nova.

DINIZ

(*E os seus.*) Viva o godemi da casaca vermelha! Viva!...

MANUEL GONÇALVES

Oh! Triunfo por fim daquele indigno Atanásio!

ATANÁSIO

(*A Pascoal.*) Senhor Ma... Matro... Macota...

PASCOAL

Oh! Mim non star Macota, star de nome mister Matracoat...

ATANÁSIO

Pois bem, senhor mestre Macatrapoá, diga-nos as suas habilidades, não se deixe ficar por baixo...

CRESPIM

Oh! Mister Matracoat ser um grande estúpida!

PASCOAL

Mim ser engenheira de torre grande, e filósofa superior; mim fale todes línguos, e sabe todes coses deste munde; mim saber tude... tude... mim conheça quem não tenha juíza... e saber onde estar juíza de cada uma...

JOÃO FERNANDES

Que poço de ciência! Pois o juízo não está sempre na cabeça, monsiú!...

PASCOAL

Non! Este ser uma idée estúpida.

CRESPIM

Oh! Mister Matracoat estar muite cavalo!

ATANÁSIO

Que sabedoria! Senhor Catapoá, diga, onde está o juízo do senhor capitão João Fernandes?...

JOÃO FERNANDES

(Sorvendo uma pitada.) É verdade... diga... diga...

PASCOAL

Capitam tem sua juíza no nariz. *(Risadas.)*

JOÃO FERNANDES

E tem razão! Eu sempre digo a sinhá Aninha que o meu nariz é uma coisa muito preciosa.

BATISTA

E eu? E eu?... quero saber, onde está o meu juízo; faça favor...

PASCOAL

Tu, homem?...

BATISTA

Tu?... Veja como fala! Saiba que eu sou eleitor e tenente da guarda nacional, e portanto tenho senhoria.

PASCOAL

Oh! Tu não tem juíza em parte nenhuma, homem!

BATISTA

Insolente! Não respeita um dos chefes do seu partido! Pois, passo-me para o partido vermelho! *(Vai para o outro grupo.)*

ATANÁSIO

Compadre! Olhe que isso é não ter princípios políticos!...

BATISTA

Faço o que muitos têm feito, e é assim que se arranja a vida; estou passado! *(Manoel Gonçalves e os seus abraçam-no.)*

DINIZ

Sim?... Pois eu não fico em um partido que abre os braços a semelhante malvado!... *(Passa para o outro grupo.)* Declaro que mudei de cor, estou amarelo!... *(Atanásio e os seus abraçam-no.)*

BATISTA

Viva o godemi da casaca vermelha!... *(Aplausos dos seus.)*

DINIZ

Viva o godemi da nízia amarela!... *(Aplausos dos seus.)*

MANUEL GONÇALVES

Ninguém aqui pode ficar neutro... senhor capitão João Fernandes...

JOÃO FERNANDES

Eu sou do partido que ficar de cima, que assim é que faz muita gente do meu conhecimento...

MANUEL GONÇALVES

Nada... ou um ou outro... vamos... quem viva?...

JOÃO FERNANDES

Viva a casaca vermelha!... *(Aplausos de uns.)*

ATANÁSIO

Senhor capitão! Olhe que eu sou o subdelegado!... Sustente a nízia amarela...

JOÃO FERNANDES

(À parte.) Estes malvados hoje me afogam! *(A Pascoal.)* O senhor também sabe consertar um alambique de engenhoca?...

PASCOAL

Oh! Iesse! Mim conserta lambique...

JOÃO FERNANDES

Viva a nízia amarela!... *(Aplauso dos outros.)*

BATISTA

O senhor não sabe o que diz!... *(Puxando-o.)*

JOÃO FERNANDES

Viva o godemi da casaca vermelha!...

DINIZ

(Puxando-o.) Senhor capitão, tenha palavra!...

JOÃO FERNANDES

Viva o godemi da nízia amarela!... *(Batista puxa-o.)* Casaca vermelha!... *(Diniz puxa-o.)* Nízia amarela!... *(Batista puxa-o.)* Casaca!... *(Diniz puxa-o.)* Nízia...

ANA

(Da janela.) Não rasguem a casaca do mano Joãozinho.

JOÃO FERNANDES

Acuda-me, sinhá Aninha, senão estes homens me matam!

CANTO GERAL**ATANÁSIO E OS SEUS**

Viva e reviva o godemi

Que traz a nítzia amarela!...

PASCOAL

Oh! Iesse! mim quer viva,
P'ra faz torre muito bela.

MANUEL GONÇALVES e os seus

Viva e reviva o godemi,
Que traz casaca vermelha!...

CRESPIM

Oh! Iesse! mim quer viva,
P'ra fazer torre sem parelha.

BATISTA

(*Puxando João Fernandes.*) Quem viva?...

JOÃO FERNANDES

Vermelho?

DINIZ

(*Puxa-o.*) Quem viva?...

JOÃO FERNANDES

Amarelo! (*Batista puxa-o.*) Me deixem!...

DINIZ

(*E os seus.*) Que gostos!...

JOÃO FERNANDES

Me larguem!... (*Batista puxa-o.*)

BATISTA

Que belo!...

TODOS

Bravo! Bravo! Nós teremos
Uma torre de babel!

CRESPIM e PASCOAL

Oh! Iesse! Iesse! Iesse!
oh! Iesse! Verruel!...

ATO II

(*A mesma decoração do ato primeiro.*)

CENA PRIMEIRA

FELÍCIA

(*Só.*) Estou a braços com a mais difícil empresa; vou entrar em luta com minha tia para fazer triunfar os direitos que tem a prima Faustina sobre o coração do senhor Henrique. Arrancar um noivo a uma velha é mil vezes mais dificultoso do que separar um naufrago da última tábuca do navio despedaçado, a que se agarrou com esperança de salvamento; mas eu hei de mostrar que já fui parlamentar, e creio que o verdadeiro é cortar logo a discussão, decidindo de uma vez o negócio. Por mais que eu afirme e jure, minha tia não admitirá nunca que o senhor Henrique possa deixar de morrer de amores por ela; pois, então, ponha-se a questão tão às claras, que a evidência penetre no espírito da velha, como um raio de sol no ninho de uma coruja. A

tempestade é certa, mas também o golpe é decisivo. Vamos a isto e já. (*Indo à porta.*) Minha tia! Oh! Minha tia!

CENA II

(*Felícia e Ana.*)

FELÍCIA

(*À parte.*) Realmente minha tia tem uma cara mais própria para desmamar crianças do que para arranjar marido.

ANA

Que queres, menina?... Ai! Ai! Quem ama não tem sossego; pensei que era o senhor Henrique que estava procurando por mim.

FELÍCIA

(*À parte.*) É teimosa como um velho galo da Índia; mas eu vou dar-lhe um desengano certo.

ANA

Chamaste-me com um ar de mistério, que me pareceu que se tratava de algum segredo de amor: que temos?...

FELÍCIA

Ai! Ai! Minha tia, quem ama não tem sossego!

ANA

Oh! Será possível que estejas como eu atacada do mal das ternuras?... Olha, menina, toma cuidado: a paixão, quando se desenvolve cá pelo interior da gente, é como uma febre sem remissão; digo-te eu, que estou apaixonada até a ponta dos cabelos.

FELÍCIA

Ah! Não, minha tia, não é por mim que me sinto aflita... A quem eu lastimo... é... olhe, não é a mim... também não lhe direi a quem seja... mas é uma de nós duas...

ANA

Então sou eu, tola! Ai! Ai! Quem ama não tem sossego! Dize depressa, que estou com o coração quase sai-não-sai pela garganta fora; por que me lastimas tu?

FELÍCIA

Pois bem... eu falo... sinto bastante dar-lhe um desgosto; mas não consentirei que minha tia, sendo uma senhora cheia de encantos e graça, esteja empregando tão mal o seu amor. O senhor Henrique é um pérfido... um monstro...

ANA

Que é lá isso?... Veja como fala, ouviu! A senhora minha sobrinha trouxe da corte uma ponta de língua que faça-me favor!...

FELÍCIA

Ainda em cima vossa mercê toma a defesa daquele ingrato... fermentado... traidor...

ANA

Oh! Senhora! Quer ouvir uma coisa?... Tenha mais respeito ao seu futuro tio; lembre-se de que é um homem de quem há de tomar a benção!

FELÍCIA

Meu futuro tio! Coitada da titia! Um homem que zomba de vossa mercê, que a ilude, e que na sua ausência se diverte ridicularizando o seu amor!...

ANA

Já se viu que língua de serpente enfezada! Entendo... entendo, minha senhora; fez suas fosquinhas ao meu Henrique, e como levou de tábua, vem agora fazer intrigas; não pega a lábia! Ninguém é capaz de tirar-me da cabeça a certeza de que sou amada. (*À parte e abanando-se com desespero.*) Que mulherzinha do diabo!...

FELÍCIA

Minha tia, eu posso dar-lhe provas do que digo, provas evidentes... irrecusáveis...

ANA

(*Batendo o pé.*) Não quero saber de provas! Sou amada e muito amada. E que tais?... Querem roubar-me o meu Henriquezinho; pois não há de ser tu quem tal consiga; porque, apesar de teres vindo da corte como uma macaquinha enfeitada, és uma feiarrona de fazer arrepiar os cabelos!...

FELÍCIA

(*À parte.*) Feia! Espera, velha teimosa, que tu me pagas. (*A Ana.*) Minha tia pode dizer o que quiser; mas a verdade é que o senhor Henrique bebe os ares pela prima Faustina, e até lhe prometeu casamento; por sinal que ambos me pediram para proteger os seus amores.

ANA

É falso, boca venenosa! Vocês todas estão rebentando de inveja, porque o meu Henrique não ama senão a mim...

FELÍCIA

Pois experimente, minha tia.

ANA

Experimentar o quê, tentação do demônio?...

FELÍCIA

Esconda-se aqui perto. Eu chamo Faustina, o senhor Henrique aparecerá bem depressa e eu lhe asseguro que há de ouvir bocadinhos de ouro.

ANA

Já disse que não quero saber de provas nem de experiências! Sou amada, e está dito. Ai! Ai! Quem ama não tem sossego.

FELÍCIA

Ah! Isso então é outro caso... minha tia tem medo de ouvir com os seus ouvidos, e de ver com os seus olhos...

ANA

Medo!... Pois se eu tenho certeza da minha felicidade!

FELÍCIA

Se a minha tia é capaz, experimente: em dez minutos ficará terrivelmente desenganada.

ANA

Sim?... Pois estou pronta; mas há de ser com a condição de eu te puxar as orelhas, se me não convenceres do que dizes.

FELÍCIA

Concordo: esconda-se atrás destes arbustos e verá. (*À parte.*) Até que enfim! Custou, mas sempre caiu. (*Cantam.*)

FELÍCIA

A titia anda enganada, - coitada!
Da traição não teme o dano, - engano!
Já não há homem constante, - amante!
Quem diz homem, diz tirano, - insano!

ANA

Este amor em vão trabalhes, - e malhes!
Do meu peito não se esvai, - não sai!
Já... depressa má sobrinha, - daninha
Para a corte volta, vai - ah! ai!

FELÍCIA

Amor é teimoso, - manhoso
Na luta se atira, - conspira
E por fim ovante - tratante
Delícias inspira - é mentira.

ANA

Amor é teimoso, - formoso
Na luta se atira, - delira,
E por fim ovante - brilhante
Delícias inspira - e respira.

ANA

(*Escondendo-se atrás dos arbustos.*) Ai! Ai! Menina; quem ama não tem sossego.

FELÍCIA

(*Vendo Ana escondida.*) Bem, o essencial está feito; agora o que resta é fácil e correrá naturalmente como a água do rio. (*Vai à porta.*) Não se perca tempo; oh prima Faustina! Prima!

CENA III

(*Felícia, Ana escondida, Faustina.*)

FAUSTINA

Onde está nossa tia?...

FELÍCIA

Foi visitar a vizinha; e tu, em vez de aproveitares o tempo para conversar com o senhor Henrique, te deixas ficar metida lá dentro, como uma freira! Está-se vendo que ainda não sabes o que é amor.

FAUSTINA

Oh se sei! O amor não se aprende, ou é somente a natureza que o ensina, e por isso aqui na roça sente-se mais profundo e realmente o amor do que lá pela sua corte. Mas eu pensava que ainda estavas com a nossa tia. Em que te falou ela?...

FELÍCIA

Ora... em que haveria de ser? Falou-me no seu Henrique.

FAUSTINA

No seu Henrique! No seu!... Ah! Que se ela não fosse minha tia, eu havia de lhe dizer que não se adiantasse tanto.

ANA

(*À parte.*) Olhem o que ela está dizendo!...

FELÍCIA

Entretanto, Faustina, pelo que lhe ouvi dizer, o senhor Henrique a ama apaixonadamente e receio...

FAUSTINA

E eu não receio nada; olha, é a única mulher que não me causa ciúmes; quem é que teria um gosto bastante estragado para se apaixonar por minha tia?...

FELÍCIA

(*À parte.*) Excelente! Excelente!...

ANA

(*À parte.*) Oh! Que atrevida!... e quem fala?... Uma mulher que tem uma carinha de dor de barriga!... Deixem estar que eu a ensinarei.

FELÍCIA

Faustina, é preciso aproveitar a ocasião. Não tens algum sinal para chamar o senhor Henrique?

FAUSTINA

A única coisa que posso fazer é cantar para ver se ele me ouve.

FELÍCIA

Pois anda, canta.

ANA

(*À parte.*) Não tem vergonha de cantar com aquela voz de taboca rachada.

FAUSTINA

Olha, Felícia, eu sinto grande vexame de fazer estas coisas; mas tu tens uns modos que obrigam a gente...

FELÍCIA

Sim... já sei... porém, canta... anda. (*Faustina canta.*)

FAUSTINA

Favônio da minha rosa.
Da minha rosa mais bela,
Se és fiel no teu amor,
Vence da sorte o rigor,
Que assim longe te detém,

De saudade murcha a rosa,

Ah! Favônio, corre, vem!

O favônio é puro amor;

Mas ai que murcha de dor

Pelas saudades que tem.

Favônio, se amas a rosa,

Ah! Depressa, corre! Vem!

CENA IV

(*As precedentes e Henrique.*)

FELÍCIA

Lá vem o favônio. Oh! Que magia tem o perfume desta rosa!

ANA

(*À parte.*) Já me doem as cadeiras de estar tanto tempo curvada. Ai! Ai! Quem ama não tem sossego!...

HENRIQUE

Faustina, minha bela Faustina! Eis-me aqui aos teus pés!

ANA

(*À parte.*) Ai zelos!... Estou com uma fogueira no coração!...

FELÍCIA

Conversem, conversem, enquanto não chega minha tia. (*A Ana.*) Então, minha tia, está ouvindo?...

ANA

(*À parte.*) Já escapei de desmaiar de raiva sete vezes.

FAUSTINA

Senhor Henrique, confesso que estava agora ansiosa por vê-lo aparecer para acabar de todo com as minha dúvidas...

HENRIQUE

De que dúvidas quer falar?... que há?... (*À parte.*) Querem ver que temos novo acesso de ciúmes!... Estou-me convencendo de que o ciúme é moléstia crônica da minha noiva.

FAUSTINA

A prima Felícia esteve ainda há pouco conversando com minha tia e ouviu-lhe coisas tais a seu respeito, que foi obrigada a reconhecer que o senhor anda zombando de mim, e que me sacrifica a...

HENRIQUE

Faça ponto aí, Dona Faustina; você cada vez se mostra mais injusta comigo; você... eu não sei... isto quase que faz rir!... Pois deveras chegou um instante só a admitir a possibilidade de que eu amasse sua tia?... Ora esta!...

FAUSTINA

Sim senhor... sim senhor... um homem é capaz de

tudo; é capaz até de apaixonar-se por uma estaca enfeitada com um vestido e uma touca.

ANA

(*À parte.*) Então!... Estou já como uma cobra! Eu caio em cima daquela maitaca, e pelo menos arranco-lhe o nariz.

HENRIQUE

Ao pé de ti, minha bela Faustina, poderia eu ter olhos para uma mulher... velha...

ANA

(*À parte.*) Ah! Malvado!

HENRIQUE

Desajeitada...

ANA

(*À parte.*) Oh! Perverso!

HENRIQUE

Feia...

ANA

(*À parte.*) Ladrão e assassino!

HENRIQUE

Uma mulher a quem eu respeito somente por ser sua tia!...

FELÍCIA

(*À Ana.*) Então, minha tia, que diz a isto?

ANA

(*À Felícia.*) Estou como uma bomba; espera que eu estouro já.

FELÍCIA

(*Recuando.*) E eu de longe.

FAUSTINA

Pois bem; estou decidida; não posso mais viver assim no meio destas dúvidas que me desesperam; exijo absolutamente que o senhor desengane a minha tia, e que lhe diga em face que não a ama, que a despreza, que...

HENRIQUE

Prometo, juro que lho direi hoje mesmo.

ANA

(*Aparecendo.*) Pois diga já... diga... miserável, homem indigno!...

FAUSTINA

(*Recuando, aterrada.*) Oh!... Meu Deus!...

FELÍCIA

(*Correndo a ela.*) Sio! Sio! Nada de desmaios por ora; ainda não é ocasião.

FAUSTINA

(*A Felícia.*) Deixa-me; tu me atraíste.

ANA

(*Em furor.*) Fale, diga, meu senhor! Faça a vontade, obedeça às ordens da sua Dulcinéia del Toboso; ande; insulte-me! Diga que me aborrece, que me atraíste por causa deste milagrezinho de cera... desta hipócrita... sonsa dos sete tornozelos...

HENRIQUE

Minha senhora, pois que tudo ouviu, poupou-me ao menos o desgosto de lhe dizer uma verdade que a contraria. Nunca dei à senhora o menor sinal de amor, e nem poderia dá-lo, porque amo ardentemente sua sobrinha, aspiro à glória de chamá-la minha esposa, e por isso mesmo revolta-me ver a injustiça com que ela, a mais formosa das criaturas, acaba de ser tratada.

ANA

(*Com violência crescente.*) E ainda em cima quer tomar-me contas?... Quem é o senhor na ordem das coisas senão uma coisa nenhuma?... Culpa tive eu de esquecer-me da minha nobre prosápia e de abaixar os olhos sobre um triste bichinho da terra! Bichinho?... Um bichão venenoso! Uma serpente... um *scelerato* que destruiu a paz da minha vida (*Enterrecendo-se.*), e que me abandona agora sem piedade, deixando-me transformados o coração em fornalha de fogo, a alma em fonte de suspiros, e os olhos em dois rios de lágrimas... (*Pausa, e depois avança e brada.*) Mas pelo menos não serei a única desgraçada (*A Faustina.*) Oh! Sim! Eu te mostrarei, namoradeira de uma figa! Eu me vingarei do traidor, fazendo a tua infelicidade, sim!... e que seja imediatamente... (*Gritando.*) Mano Joãozinho!... Mano Joãozinho!... Mano Joãozinho!...

FELÍCIA

Minha tia, sossegue; não se lembra de que o tio está presidindo a Junta e ocupado com o concurso da torre?...

ANA

Ah! É verdade; mas eu me vingarei; juro, rejuro e torno a jurar. (*Canta.*)

O ciúme que abrasa o meu peito
Prorrompendo feroz se verá;
Foi a injúria terrível, tremenda,
A vingança tremenda será!

FAUSTINA e HENRIQUE

Contra nós vingativo o ciúme
Vai lançar-se com raiva e furor;
Mas o santo poder da virtude
Nos garante a vitória de amor.

FELÍCIA

Uma velha em furor abrasada
É capaz de um guerreiro aterrar,
Minha tia enfezada, raivosa,
É pior do que um urso a bramar.

FAUSTINA e HENRIQUE

Contra nós vingativo o ciúme

Vai lançar-se com raiva e furor.

ANA e FELÍCIA

Contra vós vingativo o ciúme
Vai lançar-se com raiva e furor.

FAUSTINA, HENRIQUE e FELÍCIA

Mas o santo poder da virtude...

ANA

A paixão que m'inflama terrível.

FAUSTINA e HENRIQUE

Nos garante a vitória de amor.

FELÍCIA

Vos garante a vitória de amor.

ANA

Me garante a vingança de amor.

FELÍCIA e ANA

Às suas ordens, meu senhor!

Para dentro, minhas senhoras! (*Seguindo-as.*) Ai!

Ai! Quem ama não tem sossego.

HENRIQUE

Ora pois! Vai o meu amor de mal a pior!... (*Vão-se.*)

CENA V

JOÃO FERNANDES

(*Só.*) Se eu pudesse arranjar uma xicarazinha de café para me confortar o estômago! Estou com medo de que sinhá Aninha me leve também isto a mal; é uma senhora que me traz por teias de aranha! Mas, enfim, vale a pena sofrer estes incômodos da barriga, quando se está em vésperas de possuir uma torre como não há duas no mundo. Ah! Tomara eu cá a Aleluia do ano que vem! Que gosto não será no momento em que repicarem os sinos rompendo a Aleluia! (*Canta.*)

Oh! Que gostos rompendo a Aleluia,
O foguete estoirando no ar,
Os moleques no Judas batendo,
E o sineiro na torre a tocar:
Din golin, din golin, din golin din!
Oh que gostos! Que gostos p'ra mim!

Aqui bombas, fazendo bum! bum!
Lá pombinhos voando no ar!
Os meninos atrás dos foguetes,
E o sineiro na torre a tocar:
Din golin, din golin, din golin din!
Oh que gostos! Que gostos p'ra mim!

CENA VI

(*João Fernandes, Ana e logo Felícia.*)

ANA

Este homem há de ser toda a minha vergonha!...

JOÃO FERNANDES

(*À parte.*) Foi-se a minha xícara de café! (*A Ana.*)
Sinhá Aninha, não diga isso a um homem que é presidente da heróica Junta!

ANA

O que digo, senhor capitão, é que venho fazer-lhe as minhas despedidas.

JOÃO FERNANDES

Despedidas! Que quer dizer com isso?... (*À parte.*)
Eis a maldita velha com as ameaças de costume!

FELÍCIA

(*Aparecendo à porta.*) Eu hei de por força ouvir a conversa de meus tios; desço num pulo; ali anda negócio da prima. (*Desce e vem deitar de vez em quando a cabeça fora da porta, como observando.*)

ANA

Está decidido: não posso viver mais na sua casa; ponha-me para aqui o que é meu; entregue-me o meu testamento, e seja feliz, e divirta-se...

JOÃO FERNANDES

Irmãzinha do coração!... Você quer atirar-me num precipício!... Olhe que eu sou capaz de degolar-me!

ANA

Nada; não posso sofrer por mais tempo a jóia de sua filha; cada vez põe as manguinhas mais de fora, e amanhã pode-lhe vir à cabeça dar-me com um pau de vassoura. Quero o meu dinheiro e o meu testamento.

JOÃO FERNANDES

Sinhá Aninha, diga-me em que foi que lhe faltou o respeito devido aquela doidinha, e verá como a hei de fazer chegar à razão...

ANA

Fico-lhe muito agradecida; pau que nasce torto tarde ou nunca se endireita; o senhor deitou a perder sua filha, passando-lhe a mão pela cabeça; agora não tem mais emenda; é uma enfezadinha, que ainda está cheirando aos cueiros, e já anda às voltas com namoricos!

JOÃO FERNANDES

Namoricos! Está o nome de João Fernandes pela rua da amargura! Sinhá Aninha, não me desampare na desgraça: conte-me o que fez o diabo da rapariga.

ANA

Apanhei-a toda derretida em conversa ferrada com o maganão do senhor Henrique; e onde?... onde?...

JOÃO FERNANDES

Rebento de vergonha! Foi no portão do quintal!

ANA

Pior do que isso, foi na porta da rua, e à vista de todos os que passavam! Oh! Estou fora de mim!

Não fico nesta casa nem mais um dia; venha o meu dinheiro, e o meu testamento!

JOÃO FERNANDES

Sinhá Aninha, não me abandone, por quem é, num caso destes; veja antes o que devemos fazer; decida, castigue, ponha debaixo de chave, corte os cabelos daquela rapariga desmiolada; mas não me deixe, senhora! Não me deite a perder!... *(À parte.)* Se a bruxa me arranca o dinheiro e o testamento, eu estouro!

ANA

Já estou cansada de me sacrificar pelos outros; lembra-me, porém, a nossa nobre prosápia, e tratarei de ver se posso ficar; mas há de ser com a condição de obrigar sua boa filha a casar-se quanto antes.

JOÃO FERNANDES

Com o tal tratante do Henrique, não e?... pois sim; vá feito.

ANA

Oh! Velho maluco e desastrado! Pois tem ânimo de se lembrar de semelhante imoralidade?...

JOÃO FERNANDES

E esta! Eu pensei que era do tal sujeito que falava; mas se não é ele, e não podemos ser nem você nem eu, diga lá, quem há de ser o noivo, escolha... ainda que seja um idiota, aceito, se dispensar o dote.

ANA

Quero que Faustina case com um dos dois engenheiros ingleses que estão aí.

JOÃO FERNANDES

Com o engenheiro que fizer a torre?... Bravo! A dúvida está em que ele aceite a noiva; porque um é um lorde inglês, e o outro filósofo; mas veremos... veremos... Oh! Se eu fico com uma filha godemi, e com um genro que saiba consertar alambiques de engenhoca, dou pulos de contente! Sinhá Aninha, você tem dez vezes mais juízo do que eu.

ANA

Ora que novidade! Pois se você sempre foi um dois de paus!

JOÃO FERNANDES

Então estamos decididos: a asneira de se ir embora passou.

ANA

Contanto que se arranje quanto antes o casamento.

JOÃO FERNANDES

Isso fica por minha conta. Ah! Respiro! Agora Sinhá Aninha, veja se me arranja depressa uma xicarazinha de café.

ANA

Qual café nem meio café! Pense em que estão

esperando na Junta. Ande, mano Joãozinho, vá cumprir o seu dever.

JOÃO FERNANDES

E vou-me sem café! *(À parte.)* Tenho uma irmã que se declarou inimiga da minha barriga! É uma mulherzinha de taquari e faca de ponta; eu protesto que nunca mais serei presidente na minha vida. *(Vai-se.)*

CENA VII

ANA

(Só.) Não me chamo sinhá Aninha, se eu deixar no meio a minha vingança; aposto, afianço e protesto que a derretida da minha sobrinha há de se casar com um dos dois ingleses... e depois... depois que remédio terei, senão perdoar o ingrato?... Ai! Ai! Quem ama não tem sossego! *(Canta.)*

Quem ama não tem sossego.

Anda sempre a suspirar.

Ai! Ai!

Quem me dera que me ouvisse,

Quem me pode consolar;

Ai! Ai!

Em vão procura minh'alma

Seu tormento disfarçar;

Ai! Ai!

Quem ama não tem sossego,

Anda sempre a suspirar;

Ai! Ai!

(Vai-se.)

CENA VIII

FELÍCIA

(Só.) Escondi-me atrás da porta, e minha tia passou rente comigo, mas sem me ver. Tenho um talento particular para enganar os velhos, e lembra-me que o defunto meu marido, quando se casou comigo, já tinha cinqüenta anos. *(Pausa.)* Ora pois: desenganei a velha melhor que era possível; mas agora Faustina, que me supõe traidora, está mal comigo, e o senhor Henrique desesperado contra mim; minha tia quer casar minha prima com um inglês... que farei?... Eu, que embrulhei o negócio, devo desembulhá-lo; se eu fosse Faustina, deixava-me furtar de casa para casar-me... mas minha prima é uma tola, e o senhor Henrique um namorado legal, que não dá um passo sem consultar a constituição e as leis do império, e não suspira nem pisca um olho senão conforme as disposições do código; com eles não

se pode contar. Ah! Felícia! Felícia! Mostra que és viúva; prova a tua experiência... (*Pensando.*) Qual! Não me lembra um único recurso... o melhor é esperar tudo do acaso.

CENA IX

(*Felícia e Germano.*)

GERMANO

Onde está Henrique?... Maldito seja o namoro que tira o juízo à gente!

FELÍCIA

(*À parte.*) Bem disse que devia esperar tudo do acaso: eis aí um mocetão que de súbito me aparece trazendo cara de acaso. (*A Germano.*) O senhor Germano pode dar-me uma palavra?...

GERMANO

Pois não, minha senhora! (*À parte.*) Esta viuvinha está fresca como um sorvete, e é tentadora como um verdadeiro demoninho vestido de saia.

FELÍCIA

Primeiro que tudo, faça pouca bulha...

GERMANO

Para lhe obedecer transformo-me todo inteiro em pés de lã.

FELÍCIA

O senhor não é amigo do senhor Henrique?...

GERMANO

Oh! Muito! Muito! Mas sou capaz de amar mil vezes a senhora.

FELÍCIA

Fico-lhe agradecida; mas não é preciso ter incômodo. Vamos ao caso, e depressa. Sabe que o seu amigo ama com a maior ternura a minha prima Faustina?...

GERMANO

Sei, mas creio que estou começando a amar ainda mais extremosamente a senhora.

FELÍCIA

(*À parte.*) E ele a dar-lhe! (*A Germano.*) Pois bem: saiba que meus tios pretendem obrigar minha prima a casar com um dos dois engenheiros ingleses...

GERMANO

Que loucura! Não caia, porém, a senhora em casar com o outro charlatão...

FELÍCIA

Não tenha medo; sossegue; mas veja que se o tal projeto se realiza, o senhor Henrique perderia a cabeça; e se o senhor quisesse prestar um serviço ao seu amigo...

GERMANO

Que posso eu fazer?... Decrete, mande, como uma soberana dá ordens a um escravo...

FELÍCIA

Os dois charlatões são tão ingleses como nós, e se aqui houvesse verdadeira polícia, com facilidade nos veríamos livres deles; não haverá perto algum destacamento?... Não se poderia dar alguma providência?...

GERMANO

Na vila a que pertence este curato e que dista daqui umas dez léguas, há um destacamento, e por sinal eu sou amigo do comandante, que se chama Fúria.

FELÍCIA

Exatamente é de um Fúria que temos necessidade.

GERMANO

A senhora?... Mas por que antes não tem necessidade de um Amor?... Se quiser, eu vou crismar-me com esse nome.

FELÍCIA

O senhor tem um cavalo pronto?...

GERMANO

Na manjedoura.

FELÍCIA

Corre bem?...

GERMANO

Mais veloz do que ele só a fama da sua beleza, minha senhora.

FELÍCIA

Não cansará?...

GERMANO

Como?... Mais ardente do que ele só o fogo do amor que me devora!

FELÍCIA

Pois então a cavalo! A cavalo, meu senhor! E dentro de vinte horas quero aqui o Fúria à frente de algumas fúrias.

GERMANO

E o meu prêmio?...

FELÍCIA

(*Rindo.*) A satisfação do seu amigo.

GERMANO

(*Rindo.*) Em consciência... não acha que é pouco?...

FELÍCIA

Um agradecimento pela minha boca.

GERMANO

Veja se me promete um bocadinho mais, minha senhora!

FELÍCIA

Um sorriso dos meus lábios...

GERMANO

E... e... e...

FELÍCIA

Enfim... e um suspiro do meu coração.

GERMANO

Parto como um raio. (*Vai-se correndo.*)

CENA X**FELÍCIA**

(*Só.*) E eu fico como um gelo. O moço é de bom gosto; mas chega tarde, porque eu já dei a minha palavra a dois na corte, e a um na capital da província. São três amores, não contando com o meu defunto marido. Agora a dificuldade está só na escolha; é verdade que quem tem três primeiros amores pode ter ainda um quarto... e seria engraçado se o que chegasse por último vencesse os que tivessem chegado antes; qual engraçado! Até era muito natural, porque em matéria de primeiros amores, no coração das moças, o primeiro amor é sempre o último. Ora... só pela esquisitice... estava quase... quase... veremos; ninguém se deve precipitar em negócios sérios. (*Vai-se.*)

CENA XI

(*Atanásio, Manuel Gonçalves e Bonifácio.*)

BONIFÁCIO

Ora, meus senhores, por quem são, moderem-se!...

ATANÁSIO

Eu não cedo nem um palmo...

MANUEL GONÇALVES

Eu não cedo nem uma polegada... tenho por mim a maioria do povo do curato!

ATANÁSIO

E que me importa a mim o povo, se eu sou aqui o subdelegado e capitão da companhia avulsa da guarda nacional, e tenho por mim os inspetores de quartelão?... Senhor Manuel Gonçalves, reconheça: a opinião pública é a polícia, só a polícia, e sempre a polícia.

BONIFÁCIO

Não se esquentem, senhores; ouçam-me primeiro: ambos os senhores marcham para o mesmo fim e querem a mesma coisa, isto é, querem a torre...

ATANÁSIO

Tal e qual...

MANUEL GONÇALVES

Exatamente...

BONIFÁCIO

Então por que lutam, e por que arrastam o povo para o combate?... Compreendo que se separassem em partidos, se um quisesse a torre de forma triangular, e o outro redonda; se um quisesse a torre de pedra ordinária, e o outro a preferisse de mármore; mas os senhores se separam somente

porque um quer a torre de lorde Gimbo, o outro de mister Matracoat, e no entanto nem ao menos ainda viram o desenho de nenhum dos engenheiros.

ATANÁSIO

Mas não é preciso ver; a torre de mister Matracoat é por força melhor.

MANUEL GONÇALVES

Nego; a de lorde Gimbo é incontestavelmente superior.

BONIFÁCIO

Já viram os planos?...

ATANÁSIO

Não é preciso ver.

MANUEL GONÇALVES

Adivinha-se.

BONIFÁCIO

Pois eu já vi os desenhos de ambos: são duas torres muito ordinárias, muito mal pintadas, muito semelhantes uma com a outra, e tendo apenas a única diferença de ser a torre de lorde Gimbo pintada de vermelho, e a de mister Matracoat de amarelo.

MANUEL GONÇALVES

Pois basta isso: no vermelho é que está a coisa.

ATANÁSIO

Não precisa mais: no amarelo é que se acha o segredo.

BONIFÁCIO

Pois nem assim se moderam?

ATANÁSIO

A guerra está declarada; recuar agora seria uma vergonha.

MANUEL GONÇALVES

Eu hei de queimar o último cartucho!

BONIFÁCIO

Deixem-se disso, meus senhores; em nome de nosso curato eu lhes proponho uma conciliação; visto que a única diferença dos dois desenhos está nas cores, assentemos em que a torre seja pintada de uma cor da base até o meio, e da outra cor do meio para cima. Deste modo tudo se fará a contento geral.

MANUEL GONÇALVES

Mas se eu quero mostrar que o senhor não tem influência legítima no curato!

ATANÁSIO

Ora, deixe de asneiras; não há subdelegado sem influência.

MANUEL GONÇALVES

Um subdelegado faz-se e desfaz-se com uma folha de papel.

ATANÁSIO

Mas, enquanto não se desfaz, pode bem embrulhar todas as influências legítimas em outra folha de papel!

MANUEL GONÇALVES

Pois embrulhe-me, se é capaz!...

BONIFÁCIO

Senhores, com as embrulhadas é que se está estragando tudo. Cheguem-se à razão; não deve haver luta onde não há discordância de opiniões; partidos só os que lutam por idéias, ponham de parte os caprichos... cedam... sejamos todos amigos...

ATANÁSIO

Isso da minha parte seria uma fraqueza... Nada! Nada!

MANUEL GONÇALVES

O senhor Bonifácio quer lançar-me água fria na fervura?...

BONIFÁCIO

Quero a paz, a concórdia, e uma torre bem bonita; heim?... O povo há de abençoá-los... faço idéia das aclamações que vão receber... Vamos... Quero ser o primeiro a abraçá-los... *(Abraça-os.)*

ATANÁSIO

Pois bem... cedo, mas há de ser com uma condição...

BONIFÁCIO

(À parte.) Lá vem asneira certamente. *(A Atanásio.)* E qual é?...

ATANÁSIO

É que do meio para cima a torre será pintada de amarelo...

MANUEL GONÇALVES

Não, e mil vezes não! Do meio para cima há de ser de vermelho!

BONIFÁCIO

Senhores...

ATANÁSIO

A primazia pertencerá sempre ao partido amarelo. Do meio para cima? Essa é boa!...

MANUEL GONÇALVES

E pensava que eu havia de consentir em deixar-me por baixo!... Declaro que estão rotas as negociações...

BONIFÁCIO

Expliquem-se, por quem são! Não se pode brigar por uma simples futilidade... Qual é o verdadeiro motivo da desinteligência que os separa?...

ATANÁSIO

Pois não está claro?... É saber quem vai para cima!

MANUEL GONÇALVES

Sim... é porque nenhum de nós dois quer ficar debaixo!...

BONIFÁCIO

Em resultado, a questão essencial é saber quem há de puxar pelo badalo do sino!

ATANÁSIO

Seja o que quiser... mas temos de lutar! Eu conto com os meus inspetores de quarteirão na heróica Junta!...

MANUEL GONÇALVES

E eu tenho a maioria por mim!... Lutemos!...

VOZES

(Dentro.) Viva!... Viva!... Fora!... Fora!...

CENA XII

(Os precedentes e João Fernandes, apressado.)

JOÃO FERNANDES

Senhores... temo-la travada! Os dois engenheiros estão furiosos um contra o outro... os partidos acham-se desesperados, e eu já estou com medo que a coisa acabe hoje com algum godemicídio...

VOZES

(Dentro.) Viva!... Viva!... Fora!... Fora!...

JOÃO FERNANDES

Ei-los aí!...

CENA XIII

(Os precedentes, Batista e Diniz, capitaneando os seus grupos; Crespim e Pascoal, trazidos em triunfo e cada um deles com o seu desenho de torre hasteado como bandeira; povo na praça, Ana, Faustina, Felícia e senhoras às portas e janelas.)

BATISTA

Viva o partido vermelho!...

VOZES

Viva!... Viva!... Fora!... Fora!...

DINIZ

Viva o partido amarelo!...

VOZES

Viva!... Viva!... Fora!... Fora!...

CRISPIM

Oh! Iesse! Tanquiu sai, vermelhas, tanquiu sai!

PASCOAL

Oh! Mim star contente, mim star muito satisfatória!

BATISTA

É intolerável! A torre de mister Matraca é um insulto feito ao povo do curato; é um desenho infame! O nosso Manuel Pedreiro faria coisa muito melhor! *(Aplausos e vaias.)*

CRISPIM

Estar direita! Estar spich Inglis muito superfine! Batista ser muito boa deputada!

ATANÁSIO

(*A Pascoal.*) Senhor engenheiro filósofo inglês, confunda aquele malvado!...

PASCOAL

Mim non ter que dá satisfação a gente vermelho... mim já diz tudo que deve os amarelas, e grita uma dia inteira que lorde Gimbo pinta no sua pano uma grande poque vergonhe que chame de torre!

CRESPIM

Oh! Mim estar furiosa e ter na cabeça dez mil diables contre torre de mister Matracoat! Mister Matracoat nó ser engenheira! Estar burre, muito burre verruel!...

JOÃO FERNANDES

Burro verruel!... Que insulto!...

PASCOAL

Lorde Gimbo estar mais estúpida que negro nova meia cara; torre de lorde Gimbo ser ladroeira insuportable! Lorde Gimbo estar brute god bai!

JOÃO FERNANDES

Chi!... Bruto god bai!... Que ataque!... Eles vão logo às do cabo!

CRESPIM

(*Agarrando no desenho de Pascoal e gritando.*) Stric for naive, etc., etc. (*Fala imitando inglês.*)

PASCOAL

(*Agarrando no desenho de Crespim e gritando.*) Ai blise forming, etc., etc. (*O mesmo.*)

JOÃO FERNANDES

Ei-los ferrados!...

CRESPIM

(*Mostrando, furioso, o desenho.*) Godemi! Wait banc travers, etc., etc. (*O mesmo.*)

MANUEL GONÇALVES

Apoiado! Apoiado! Isso é que é verdade. (*Aplausos e vaias.*)

PASCOAL

(*Mostrando, furioso, o desenho.*) Wors babington, etc., etc. (*O mesmo.*)

ATANÁSIO

Bravo! Isto é que é dizer as coisas como elas são. (*Aplausos, etc.*)

CRESPIM

(*Chegando-se a Pascoal.*) Sonvering de torre alames furter! (*O mesmo, baixo.*) Pascoal, eu creio que não há remédio, senão jogarmos um pouco de soco inglês...

PASCOAL

(*Gritando.*) Wars abrod, et., etc. (*O mesmo, baixo.*) Vá feito! Salve-se a verossimilhança...

BATISTA

Vivam os vermelhos!... (*Aplausos e vaias.*)

DINIZ

Vivam os amarelos!... (*Aplausos e vaias.*)

CRESPIM

(*Despindo a casaca e arregaçando as mangas.*) Godemi!...

PASCOAL

(*Despindo a nízia e arregaçando as mangas.*) Godemi!...

JOÃO FERNANDES

Desta vez vem o mundo abaixo!

MANUEL GONÇALVES

(*Levantando a casaca.*) Levante-se a divisa do partido!

ATANÁSIO

(*Levantando a nízia.*) Não role pelo chão a nossa bandeira!

CRESPIM

(*Atirando-se sobre Pascoal.*) Minhas vermelhas, faz largo!

PASCOAL

(*Atirando-se sobre Crespim.*) Afasta, minhas amarelas!

CRESPIM

(*Dando soco.*) Godemi!...

PASCOAL

(*À parte.*) Uh! Arrumou-me no nariz deveras! Espera, diabo (*Dando soco.*) Godemi!...

PASCOAL

Rebentou-me o último dente do siso! O patife é mestre do soco inglês.

PASCOAL

Godemi!... (*Dá-lhe soco.*)

CRESPIM

(*À parte.*) Outro ainda maior! Nada... eu apelo para o jogo das capoeiras; e arrumo-lhe uma cabeçada... (*Dá-lhe cabeçada.*) Godemi!...

MANUEL GONÇALVES

Brava cabeçada!... Fogo nele!... (*Aplauso dos seus.*)

ATANÁSIO

Arrume-lhe, senhor Macota! Bravo! Assim! (*Aplauso dos seus.*)

CRESPIM

(*Dando.*) Godemi!

PASCOAL

(*Dando.*) Godemi!

MANUEL GONÇALVES

Não podemos ficar impassíveis... Avança, vermelhos!... (*Avançando com os seus.*) Viva o partido vermelho!...

ATANÁSIO

Avança, amarelos!... (*Avançando com os seus.*) Viva o partido amarelo!...

JOÃO FERNANDES

Ah! Quem del-rei!... Ah! Quem del-rei!...

AS SENHORAS

Misericórdia!... (*Canto geral.*)

CRESPIM e PASCOAL

Godemi! Godemi! Godemi! Godemi!

JOÃO FERNANDES E SENHORAS

Socorro! Socorro! Socorro! Socorro!

MANUEL GONÇALVES e os seus

Vermelho! Carrega! Derriba! Esfrega!

ATANÁSIO e os seus

Amarelo! Arremete! Desanca! Acomete!

ATO III

(*O teatro representa a mesma decoração dos atos anteriores.*)

CENA PRIMEIRA

(*Ana, Felícia e logo João Fernandes.*)

FELÍCIA

Minha tia, por quem é, mostre-me a cartinha de Faustina; deixai-me apreciar os circunlóquios da prima.

ANA

Não me exaspere também... tu és tão boa como ela!

JOÃO FERNANDES

(*Com mau humor e irritado.*) Empatado! Saiu tudo empatado! Isto é um desaforo!...

FELÍCIA

Que é isso, meu tio?...

JOÃO FERNANDES

Que há de ser?... Foi a heróica Junta votar por escrutínio secreto sobre a escolha de um dos dois engenheiros para fazer a torre, e por fim de contas tantos votos obteve o vermelho como o amarelo! Empatado! Saiu tudo empatado! Isto é desaforo!

FELÍCIA

E portanto, nada há feito?...

JOÃO FERNANDES

Nada; mas apelaram para o sufrágio universal, que é uma coisa que eu não entendo; mas o certo é que o povo do curato, que está todo reunido, vai proceder imediatamente à eleição do engenheiro para a torre, e por minha desgraça sou eu o presidente da mesa eleitoral.

ANA

Pois, senhor Joãozinho, continue a abandonar a sua casa para ocupar-se com essas barafundas políticas que há de ganhar muito com isso; dentro em pouco a desonra e a vergonha hão de lhe subir pelas portas e janelas acima, como a erva-de-passarinho pelos galhos de uma laranjeira velha.

JOÃO FERNANDES

Que é que está dizendo, sinhá Aninha?

ANA

Digo-lhe que sua boa filha já garatuja cartinhas de amor... Veja lá esta eloqüência... (*Dá-lhe a carta.*)

JOÃO FERNANDES

Morro de peste!...

FELÍCIA

Qual, meu tio! Isto é peste que não mata pessoa alguma. Se matasse, estava o mundo despovoado.

ANA

Leia, ande; leia você mesmo para ver se toma juízo.

JOÃO FERNANDES

(*Pondo os óculos.*) Isto há de ser mais feio do que um rol de roupa suja! (*Lendo mal.*) “Que... ri... do amor!” vai me faltando a voz: “mi... nha tia me es... tá levan... do ao de... ses... pero.” O diabinho da rapariga escreve ainda pior do que meu escrivão: “estou vi... ven... do no in... xi... xi... xi...” (*A Felícia.*) Que diabo de aranha é esta?...

FELÍCIA

É um f, meu tio.

JOÃO FERNANDES

F é o seu nariz: isto é um x.

FELÍCIA

(*Tomando a carta.*) Dê-me a carta, que eu acabo de ler. (*Lê.*) “Estou vivendo no inferno; não posso mais sofrer minha tia; se você deveras me estima, peça-me em casamento hoje mesmo a papai, e se ele lhe negar a minha mão, tire-me por justiça; porque eu quero me casar com você, e a vontade da cidadoa é livre. Sua amante do coração: a mesma.” Minha prima está muito atrasada em cartas de amor... coitadinha... nunca andou em colégio...

ANA

Então, que me diz a cidadoa parlamentar que já não pode sofrer sua tia?...

JOÃO FERNANDES

Sinhá Aninha, vamos lá dentro, e procure-me a palmatória.

FELÍCIA

Que quer fazer, meu tio?

JOÃO FERNANDES

Quero ir às unhas da cidadoa.

ANA

Qual palmatória nem meia palmatória! Este crime deve ter um castigo pronto e exemplar; mano Joãozinho, lembre-se do que me prometeu ontem à tarde; eu quero que você declare e publique a todos que dará sua filha em casamento com trinta mil cruzados de dote ao engenheiro que for escolhido para fazer a torre.

FELÍCIA

(*À parte.*) É vingança de mulher e de mulher velha; minha tia tem cabelinho na barba.

JOÃO FERNANDES

Sinhá Aninha, o casamento faz-me conta, principalmente se o inglês souber consertar alambique de engenhoca; mas os trinta mil cruzados de dote! Misericórdia!...

ANA

(*Batendo o pé.*) O que disse, há de fazer; está decidido!

JOÃO FERNANDES

Senhora... não me condene a andar pedindo esmolas! Se estou com as finanças completamente desafinadas.

ANA

(*Ameaçando.*) Ai! Ai! Ai!

JOÃO FERNANDES

Isto é pôr-me uma faca aos peitos!

ANA

Pois então fique com sua filha, e dê-me para cá o meu testamento e o que me pertence; e já e já!... Vamos!

JOÃO FERNANDES

Sinhá Aninha, sossegue.

ANA

Uma de duas: ou vou-me embora, ou é fazer o que digo.

JOÃO FERNANDES

(*À parte.*) E deveras a velha é capaz de fazer pior do que diz! (*A Ana.*) Sinhá Aninha, você é os meus pecados... Eu cedo... venha cá... darei vinte mil cruzados de dote... é mais do que se desse o coração...

ANA

(*Depois de refletir.*) Concordo; eu sou condescendente; mas você há de fazer agora mesmo a declaração pública do casamento.

JOÃO FERNANDES

Sinhá Aninha... eu não sei falar em público... sou muito vexado...

ANA

Pois publique por edital; você não é juiz de paz?...

FELÍCIA

(*À parte.*) Lá vai minha prima ser posta em edital!...

CENA II

(*Os precedentes e Bonifácio.*)

BONIFÁCIO

Senhor juiz de paz, assine depressa esta portaria, convocando o povo para proceder à eleição do

engenheiro. (*Apresenta-lhe um papel, tinteiro e pena.*)

JOÃO FERNANDES

Aponte-me sempre com o dedo onde devo escrever o meu nome...

BONIFÁCIO

(*Apontando.*) Aqui. (*João Fernandes recebe o papel e vai assinando.*)

ANA

Senhor escrivão, uma palavrinha...

BONIFÁCIO

Pronto e às ordens, minha senhora. (*Conversam à parte.*)

FELÍCIA

(*À parte.*) Está o juiz de paz assinando, e a juíza da guerra conspirando.

JOÃO FERNANDES

Este nome Fernandes é bem atrapalhado para se escrever!

BONIFÁCIO

(*A Ana.*) Que diz, minha senhora?... Um edital!...

JOÃO FERNANDES

(*À parte.*) Ai meus vinte mil cruzados!... (*Entrega o papel.*)

ANA

Mano Joãozinho, já expliquei tudo ao senhor Bonifácio, e ele vai escrever o edital, e publicá-lo.

BONIFÁCIO

O senhor juiz de paz ordena?... O caso me parece extravagante...

ANA

Fale, mano Joãozinho!

JOÃO FERNANDES

(*Com força.*) Ordeno! (*À parte.*) Ai meus vinte mil cruzados!

FELÍCIA

(*A Bonifácio.*) Não escreva, senhor Bonifácio; olhe que é erro de ofício.

BONIFÁCIO

A coisa é estapafúrdia, mas tem seu lugar; o edital vai inflamar ainda mais os tais partidos; porém... aqui não há mesa para se escrever... Só se entrássemos em casa...

ANA

Não é preciso; escreva sobre as costas do mano Joãozinho.

JOÃO FERNANDES

Sobre as minhas costas, sinhá Aninha?...

BONIFÁCIO

Eu não me atrevo... sobre as costas de Sua Senhoria...

ANA

Não quer dizer nada; curve-se, mano Joãozinho;

olhe que boa mesa! (*João Fernandes curva-se: Ana põe-lhe nas costas o tinteiro e estende o papel.*)

Escreva, senhor Bonifácio!

JOÃO FERNANDES

(*Seguro por Ana.*) Escreva... ande depressa, olhe, que se houver demora, a sinhá Aninha derreia-me.

BONIFÁCIO

Lá vai por ordem de Sua Senhoria. (*Escreve.*)

FELÍCIA

(*À parte.*) Que miséria! Estou com vergonha de meu tio!

JOÃO FERNANDES

Senhor Bonifácio, não carregue muito com a mão, que me dói a espinha. (*À parte.*) Ai meus vinte mil cruzados!... (*Canta.*)

Pelo dinheiro um homem de juízo

Sofre o diabo sem sentir abalo;

Vende afeições, aluga a consciência,

E até às vezes serve de cavalo.

Casa com a velha mais pateta e feia,

Se um rico dote a bruxa lhe oferecer,

E até se curva, põe-se de gatinhas,

E faz das costas mesa de escrever.

BONIFÁCIO

Pronto: veja a senhora se está a seu gosto. (*Ana lê.*)

Espera... (*A João Fernandes, que se move.*) Não se mova... que desgraça! (*Entorna-se a tinta.*)

FELÍCIA

Ah! Ah! Ah! Ah!

JOÃO FERNANDES

(*Limpendo-se.*) Ora está! Fiquei todo borrado!...

ANA

Não faz mal; assiné já o edital. (*João Fernandes assina.*) Agora toca a lê-lo ao povo. (*A Bonifácio.*)

Mas diga-me primeiro: como vai a eleição?...

BONIFÁCIO

Furiosa e indecisa; o dinheiro, a fraude, a violência, e o diabo estão fazendo brilhaturas.

ANA

E qual é o mais feio e antipático dos dois ingleses?...

BONIFÁCIO

O da casaca vermelha, que tem cara de gato do mato.

ANA

Pois é esse que há de vencer para casar com Faustina. Eu já volto. (*Entra.*)

CENA III

(*Felícia, João Fernandes e Bonifácio.*)

JOÃO FERNANDES

Ora isso! Fiquei todo sujo!

BONIFÁCIO

Senhor juiz, sabe o que faz com esse edital?.

JOÃO FERNANDES

Senhor Bonifácio, aqui para nós, eu estou coacto.

BONIFÁCIO

É quer que o publique?...

FELÍCIA

Ele já declarou que está coacto; não publique... é contra a lei...

JOÃO FERNANDES

Publique, e leve tudo o diabo, contanto que me fique o testamento e a fortuna da tartaruga de minha irmã.

CENA IV

(*Os precedentes e Ana de xale e chapéu.*)

ANA

Mano Joãozinho, dê-me sua carteira... ande... vamos...

JOÃO FERNANDES

Ei-la aí, senhora; mas veja que tem dentro seiscentos e trinta e dois mil réis... (*À parte.*) Ai! Ai! (*Dá a carteira.*)

ANA

Senhor Bonifácio, pague já o edital, e até logo. (*Indo-se.*)

JOÃO FERNANDES

Onde vai, sinhá Aninha de minh'alma?...

ANA

Vou cabalar. (*Vai-se.*)

FELÍCIA

Ah! Ah! Ah!... (*Bonifácio prega a portaria e depois toca o sino.*) Senhor Bonifácio, olhe que está tocando a fogo!...

BONIFÁCIO

E é mesmo questão de fogo, porque se trata de uma moça que quer casar. Chamo o povo para ouvir ler o edital.

JOÃO FERNANDES

E eu vou esconder minha vergonha no fundo do quintal. (*Entra com Felícia.*)

CENA V

(*Bonifácio, povo e logo João Fernandes.*)

BONIFÁCIO

Convoquei, a toque de sino, o povo do curato, para mostrar um edital que acabo de afixar (*mostra-o.*), e no qual o nosso juiz de paz se obriga a dar sua filha em casamento com vinte mil cruzados de dote ao engenheiro que fizer a nossa torre: ei-lo! Leiam todos! (*O povo examina o edital.*) É um grande ato de heroicidade!... (*À*

parte.) É uma grande prova de falta de juízo.

VOZES

Viva o nosso juiz de paz!... Viva!...

JOÃO FERNANDES

(*Aparecendo à porta.*) Ai meus vinte mil cruzados!...

BONIFÁCIO

Agora vamos tratar da eleição; venha, senhor juiz de paz, venha, que a cabala ferve.

VOZES

Viva o nosso juiz de paz!... Viva!... (*Cercam-no e aplaudem.*)

JOÃO FERNANDES

Obrigado... obrigado, meu povo!... (*À parte.*) Eu cá sei o que me dói!...

CORO GERAL

Avante!... Avante!... Avante!...

Não há que descansar!...

É dia de batalha,

Avante a cabalar!

(*Vão-se todos.*)

CENA VI

(*Henrique e logo Faustina.*)

HENRIQUE

Isto é incrível, não!... (*Vê o edital; arranca-o e guarda-o.*) Mas é verdade! Ei-la aí! Pobre Faustina! É uma vítima, é...

FAUSTINA

Henrique... oh! Tem compaixão de mim! Condenam-me à humilhação e à vergonha... Sou objeto da zombaria de todos... Oh! Salva-me... é por ti que eu sofro... salva-me... apela para a justiça dos homens...

HENRIQUE

A justiça no interior das províncias é a vontade absoluta dos potentados; ririam de ti e de mim se eu apelasse para ela; consola-te, porém, e anima-te; acabo de receber uma carta da capital que me encheu de prazer; oh minha amada, minha bela noiva; nós vamos ser felizes!

FAUSTINA

Porém, quando? Eu já não posso esperar... minha vida é um tormento incessante...

HENRIQUE

Talvez hoje mesmo brilhe a nossa ventura, e este indigno edital será para nós uma garantia de felicidade. Seremos um do outro à face de Deus e dos homens.

FAUSTINA

(*Alegre.*) Será possível?... Não me enganas?...

HENRIQUE

Juro-te pelo nosso amor.

FAUSTINA

Então dou tudo por bem sofrido! (*Henrique observa se vem gente; Faustina fala à parte.*) Vou deixar a vida de solteira! Vou casar-me! Ah! Também eu não podia mais... é uma maçada insuportável! (*A Henrique.*) Mas, dize, que notícia recebeste?...

HENRIQUE

Não; quero guardar segredo para dar-te o prazer da surpresa...

FAUSTINA

Pois sim... mas o essencial é que nos casemos em breve...

HENRIQUE

Que dúvida!... Só se você disser que não quer, Faustina...

FAUSTINA

Quero! Quero! Desde pequenina que o desejo!

HENRIQUE

Sinto rumor de gente que se aproxima.

FAUSTINA

Adeus! Não quero que nos encontrem conversando. (*À parte.*) Ah! Tomara ver-me casada para conversar à minha vontade com meu marido! (*Voltando-se a Henrique.*) Lembra-te do que me juraste... do essencial, Henrique! (*Vai-se.*)

HENRIQUE

Lembra-me muito... muito... adeus!... (*Vai-se.*)

CENA VII

(*Crespim e Pascoal, cada um de seu lado.*)

CRESPIM

(*Olhando desconfiado.*) Adeduce verruel!

PASCOAL

(*O mesmo.*) Iesse tanquiu sai.

CRESPIM

Eu creio, Pascoal, que estamos sós e podemos virar a língua.

PASCOAL

Eu ando desesperado por achar com quem fale português.

CRESPIM

Pois então põe um olho na direita, que eu ponho outro na esquerda para que não nos apanhem desprevenidos; porque é preciso não esquecer que somos inimigos.

PASCOAL

Sim; tu pões um olho na esquerda e eu outro na direita; mas se nos vierem pela retaguarda?...

CRESPIM

É bem lembrado; mas não se deve esperar pelo fundo a uma gente que não tem fundo.

PASCOAL

Pois muito bem; olho vivo e vamos ao que importa. Meu Crespim, estou vendo esta patifaria de engenheiros muito mal parada. Tu não descobres no horizonte do dia de amanhã uma coisa que se parece assim como uma sova de pau?...

CRESPIM

Oh! Capanga muito ordinário! Tens ânimo de lembrar-te de sova de pau, quando te oferecem a glória de ser engenheiro da torre, e te pedem por favor que te cases com uma moça que tem vinte mil cruzados de dote?...

PASCOAL

É verdade... sim; mas se eu tenho sina de cachorro! Escuta, Crespim: se o teu partido vencer, de que modo te hás de arranjar, se tu nunca soubeste como se arma um mundéu, quanto mais como se levanta uma torre?... Como te improvisarás engenheiro na prática, meu Crespim?...

CRESPIM

És o tipo da estupidez, Pascoal; vives na cidade e não enxergas as casas! Atente, miserável; não há professores de colégios que ensinam o que nunca souberam?... Não se transforma em diplomata um boneco que sabe somente namorar e fazer cortesias?... Não se improvisam estadistas da noite para o dia?... Não se faz de um homem de juízo torto um juiz de direito?... O patronato não é um santo milagroso que torna um jacaré em Adônis, um tratante em benemérito da pátria, e um tábua rasa em sábio da Grécia?... Pois então por que também não poderei ser um engenheiro de torres, e, ainda melhor, casar com a filha do capitão João Fernandes?...

PASCOAL

Mas, por fim de contas, como hás de construir a torre?...

CRESPIM

Nada mais simples; chamo um mestre pedreiro e um mestre carpinteiro e mando-os arranjar a obra como puderem. Olha, Pascoal; faz-se muito disso aí por esse mundo do Brasil; tanto o povo como o governo já estão habituados a comer gato por lebre, e até parece que gostam do guisado.

PASCOAL

Mas, Crespim, nós estamos iludindo indignamente este pobre povo!

CRESPIM

Ora que novidade! O pobre povo anda quase sempre iludido por aqueles por quem mais

trabalha e se sacrifica. É um tolo que não se corrige; quanto mais o enganam, menos ele se desengana. Zombemos pois do povo, na certeza de que não somos os primeiros que o fazemos. Entretanto, como sou teu amigo, e vejo que realmente há perigo nesta embrulhada, aconselho-te, Pascoal, que te ponhas ao fresco o mais depressa que te for possível.

PASCOAL

Sim, grandíssimo velhaco, para te achares só em campo, e comeres o dinheiro da torre e o dote da pequena: pois não será assim! Tu és tão bom engenheiro como eu, e, aconteça o que acontecer (*com fogo.*), não cometerei a infâmia de abandonar o glorioso partido amarelo!

CRESPIM

Mas, olha, que tu tens sina de cachorro!

PASCOAL

Embora! Hei de sacrificar-me pelas idéias sãs e patrióticas do partido amarelo! Prefiro ser feito em postas a ceder-te a glória de...

CRESPIM

De comer o dinheiro do povo e de devorar o dote da filha do velho; conheço muito patriotismo dessa qualidade.

PASCOAL

Tu és um cínico; os homens de gravata lavada, como eu, sabem esconder as idéias mais ignóbeis em bonitas palavras; no nosso caso, a obra da torre deve chamar-se um serviço relevante prestado à pátria, e o casamento com os vinte mil cruzados da pequena um enorme sacrifício consumado em sinal de gratidão ao amor do povo.

CRESPIM

Excelente! Agora o que cumpre decidir é qual de nós dois deve empolgar o bolo.

PASCOAL

Eu, que sou o chefe do partido amarelo!

CRESPIM

E então onde fico com o meu partido vermelho?...

PASCOAL

Oh! O bolo!... O bolo!... Malvado! Queres, portanto, opor-te à minha fortuna?... Ah! Não poder eu dizer a toda esta gente que tu és um valdevinos, e que nunca foste engenheiro!

CRESPIM

Têm paciência; nós somos daquela espécie de chefes de partidos que, conhecendo-se bem, sabem que têm uns e outros uns rabos de légua e meia; em tal caso é de regra que tu respeites a minha cauda para que eu não pise na tua. Pascoal, nós somos dois ingleses, tão ingleses como a própria lama de Londres.

PASCOAL

Mas o bolo!... O bolo!... O bolo!...

CRESPIM

O bolo! O bolo é a causa principal de muita moxinfada que se faz aí por esse mundo.

PASCOAL

Eu quero fazer a torre e casar com os vinte mil cruzados da filha do velho!

CRESPIM

Pois veremos quem vence, vermelho ou amarelo!

PASCOAL

Portanto, guerra! E comecemos imediatamente. *(Querendo brigar.)* Em guarda!

CRESPIM

Olhem que bobo!... Pateta das luminárias, nós somos os dois zangões dos nossos partidos, e os zangões dos partidos não costumam bater-se; os pequenos sacrificam-se por eles; o povo joga o soco, suja-se na lama, e algumas vezes de sangue, e os vivatões no quartel da saúde esperam que a contenda se decida, e comem o prato que outros para eles preparam; eu hei de seguir tão proveitoso exemplo; sou um chefe e zangão do partido vermelho e, portanto, não me exponho nem me bato. Não preciso provar que tenho mãos e braços; o essencial está aqui. *(Batendo na barriga.)* Tenho barriga!

PASCOAL

Deste-me um quinau de mestre; tu nasceste para ministro de Estado. *(Cantam.)*

CRESPIM e PASCOAL

Alegres vivamos, comendo e bebendo
À custa dos tolos que brigam por nós;
Deixá-los que lutem, que bulhem, que morram,
Que mordam-se todos com raiva feroz.
Deixemos que os tolos por nosso interesse
Os ossos rebentem a soco e a pau;
Comamos o bolo, e por fim de contas,
Aos que se queixarem, diremos babau.

CRESPIM

Sinto grande rumor; mas ninguém chega pela direita.

PASCOAL

Nem pela esquerda, juro-te eu.

CRESPIM

Então é tempestade que vem pela retaguarda. Cuidado! Ingleses como dantes.

CENA VIII

(Crespim e Pascoal, passeando em sentido diverso e cantarolando o god save; Batista, Diniz e alguns dos seus trazendo duas mesas grandes e duas mesas

pequenas, que cobrem de garrafas, assados, pão, etc.; as mesas pequenas reservadas para Crespim e Pascoal ficam na frente.)

BATISTA

Senhor lorde Gimbo, eis aqui uma mesa especial para V. Excia. se refrescar e animar o povo com sua presença. *(Ao povo.)* Quem votar com o nobre partido vermelho tem aquela mesa para comer e beber. Cheguem! Nada de cerimônias!

CRESPIM

(Comendo e bebendo.) Verruel! Bat mai sok! *(Passeia depois.)*

DINIZ

Senhor mister Maracataprá, a sua mesa de honra é esta, e a do glorioso partido amarelo aquela. *(Ao povo.)* Quem votar conosco beba e coma quanto puder!

PASCOAL

(Comendo e bebendo.) Mim vai fique trinque de rame; ai god plink pudelim! *(Passeia depois.)*

CRESPIM

(À parte e comendo.) Aquilo é inglês de preto minas.

BATISTA

Amigos, não há tempo a perder; a cabala ferve! *(Vai-se.)*

DINIZ

O partido amarelo reclama a minha presença fora daqui... toca a trabalhar! *(Vai-se.)*

CENA IX

(Crespim e Pascoal comendo e passeando; começa a cabala; os cabalistas agitam-se fundo; Ana entra e sai apressada, comprando votos, levando votantes e etc. Daqui até o fim, viveza e variedade nas cenas.)

CRESPIM

Eu vi um que trazia o nariz esborrachado; creio que já houve pancadaria lá por fora.

PASCOAL

Não faz mal; é por nossa glória; o povo tem juízo como terra.

CRESPIM

Fala baixo, ou fala inglês, diabo!

CENA X

(Crespim, Pascoal, Bonifácio e João Fernandes, que o segue.)

BONIFÁCIO

Estou muito ocupado, senhor juiz de paz...

JOÃO FERNANDES

Um momento só, senhor Bonifácio; valha-me nos apuros em que me vejo; escute aqui em segredo.

Eu estou entre a cruz e a caldeirinha; não sei como hei de votar nesta maldita eleição; não quero ficar mal com pessoa alguma, e já recebi cinco chapas de cada partido. Estou com os bolsos cheios.

BONIFÁCIO

Em quem deseja V. Sa. votar?...

JOÃO FERNANDES

Homem, eu preferia votar naquele que consertasse o alambique da minha engenhoca.

BONIFÁCIO

Qualquer dos dois engenheiros jura que é capaz de fazê-lo.

JOÃO FERNANDES

Então veja se arranja um meio de eu votar em ambos.

BONIFÁCIO

É impossível.

JOÃO FERNANDES

Mas se eu não quero ficar mal com pessoa alguma! Isso é uma patifaria! Tomara que me riscassem da lista dos votantes por falta de senso comum.

BONIFÁCIO

Dê-me cá as chapas. (*Recebe-as e dá-as arranjadas.*) Ponha todas as amarelas no bolso esquerdo; agora todas as vermelhas no direito; quando algum dos cabalistas quiser ver a sua lista, lembre-se do bolso direito e esquerdo e mostre a chapa do sujeito; no ato da entrega, aperte bem o papel na mão, e introduza na urna sem ninguém ver-lhe a cor. Até logo. (*Vai-se.*)

JOÃO FERNANDES

Esta só lembra ao diabo! Quem quiser falcatruas procure um escrívão.

CRESPIM

Quanta pouca vergonha vai já por ali!

PASCOAL

Estou com vontade de me atirar na eleição; é uma patuscada incomparável!

JOÃO FERNANDES

(*Estudando.*) Esquerdo... amarela; direito... vermelha; vermelha... direito: amarela... esquerdo; tomara apanhar um cabalista para pregar-lhe o mono.

CENA XI

(*Crespim, Pascoal, João Fernandes, Atanásio e Manuel Gonçalves cercando João Fernandes.*)

JOÃO FERNANDES

(*À parte.*) Estou entre Pilatos e Caifás!...

ATANÁSIO

(*Puxando João Fernandes.*) Pode ter-me a bondade de mostrar-me a sua lista?...

MANUEL GONÇALVES

(*O mesmo.*) Senhor capitão, quero ver a sua chapinha.

JOÃO FERNANDES

Os senhores estão me pondo num torniquete!

ATANÁSIO

Senhor Manuel Gonçalves, arrede-se, este homem sempre votou comigo!

MANUEL GONÇALVES

É falso! Ele sempre entrega a minha lista!

JOÃO FERNANDES

(*À parte.*) Os dois diabos sabem mais do que eu, que ignoro completamente com quem tenho votado até hoje! (*Aos dois.*) Senhores, não briguem; eu vou mostrar-lhes a minha lista. (*Leva Atanásio para um lado e dá-lhe do bolso direito.*) É esta... veja. (*Leva para o outro lado Manuel Gonçalves e dá-lhe do bolso esquerdo.*) É esta; mas segredo! (*Olhando-os.*) Misericórdia!... Troquei as bolas!...

ATANÁSIO

É um homem sem fé e sem palavra!...

MANUEL GONÇALVES

O senhor é um... um... troca-tintas!...

JOÃO FERNANDES

Os senhores me insultam!... Troca-tintas!...

CENA XII

(*Os precedentes e Ana.*)

ANA

Afastem-se! O mano Joãozinho vota comigo; senhor Manuel Gonçalves, eu respondo por ele. (*Atanásio retira-se, contrariado.*)

JOÃO FERNANDES

(*À parte.*) Ora está! Vou ficar votante seguro sem querer!

CRESPIM

(*À parte.*) Temos uma saia envolvida na eleição; vai entrar o diabo na urna.

ANA

Senhor Manuel Gonçalves, já pus miolo vermelho em vinte chapas amarelas; mas, de cada vez que fiz uma dessas proezas, saiu também miolo da carteira do mano Joãozinho.

MANUEL GONÇALVES

A senhora é a cumeeira do partido vermelho.

CRESPIM

(*À parte.*) Ai que a velha é do meu partido! Tenho uma tartaruga nas minhas colunas.

JOÃO FERNANDES

(*À parte.*) Eu tinha na carteira seiscentos e trinta e dois mil réis!...

CENA XIII

(*Os precedentes e Batista, apressado.*)

MANUEL GONÇALVES

Que novidades há?...

BATISTA

Um contratempo. Ambrósio Cebola, nosso votante firme, caiu do cavalo no caminho com um ataque de mal de gota.

MANUEL GONÇALVES

Tratante! Por que não havia de ter o ataque de mal de gota depois da eleição?... Mas enfim o Braz Pereira, que não está qualificado, pode entregar uma chapinha por ele.

BATISTA

É impossível; o Braz Pereira já está falado para votar por um morto e por dois invisíveis.

ANA

Então eu visto-me de homem, e vou votar com o nome de Cebola.

JOÃO FERNANDES

Sinhá Aninha! Por quem é, não faça isso!

CRESPIM

(*À parte.*) Cebola parece-me com efeito o diabo da velha.

BATISTA

Tenho outra idéia; está lá em casa um caixeiro de um negociante da capital que veio proceder a algumas cobranças, e se ele quisesse...

MANUEL GONÇALVES

Há de querer por força... vá buscá-lo... corra... voe!... (*Vai-se Batista.*) Viva o partido vermelho!... (*Vai cabalar; o mesmo Ana.*)

ATANÁSIO

(*Abraçado com um votante.*) Meu amigo... chegue-se à razão... o senhor não pode negar este favor ao seu subdelegado.

VOTANTE

Mas eu moro nas terras do senhor Batista, e se não votar com ele, sou posto fora do sítio... é impossível...

ATANÁSIO

Então o senhor continua a resistir aos meus pedidos?...

VOTANTE

Não posso servi-lo... eu tinha vontade; mas não posso...

ATANÁSIO

Está no seu direito; eu respeito muito a liberdade do voto, mas fique certo de que dentro de três dias seu sobrinho Porfírio será recrutado; há de ser um excelente soldado!

VOTANTE

Por quem é, senhor subdelegado!

ATANÁSIO

Eu não sirvo a quem não me serve; o senhor atreve-se a resistir à polícia! É um inimigo do governo! É um revolucionário!

VOTANTE

Mas o meu sítio... senhor... o meu sítio!...

ATANÁSIO

Pois bem, escute: dê-me a sua lista; aqui tem esta que é da mesma cor vermelha, mas que leva miolo amarelo; o Batista pensará que o senhor vota com ele e ficamos arrançados. (*Troca as listas.*)

VOTANTE

Assim vá feito... pode contar comigo...

ATANÁSIO

Veja o que diz!... Lembre-se de seu sobrinho e do recrutamento! (*Vai para o fundo.*)

VOTANTE

Não tenha dúvida... (*À parte.*) Ora veja! Como se a gente pobre fosse escrava da polícia... eu não voto com a polícia nem pelo diabo!...

CENA XIV

(*Crespim, Pascoal, Atanásio, Diniz, Manuel Gonçalves e Ana a seu tempo.*)

DINIZ

(*A correr.*) Senhor Atanásio! Senhor Atanásio! A velha sinhá Aninha furtou-nos sete guardas nacionais que vieram com o alferes Felisberto... os tratantes não querem mais votar conosco...

ATANÁSIO

Corra e vá dizer ao Felisberto que os ameace com piquete dobrado, e com o recrutamento, e que prenda e tranque no xadrez por crime de desobediência aqueles que resistirem. Corra! Vá!

DINIZ

(*Correndo para fora.*) Viva o voto livre!... Viva o voto livre!... (*Vai-se.*)

CRESPIM

Bebe vinha, minhas vermelhas! Bebe vinha p'ra bota terra nos olhos das amarelas!...

Vozes

Viva o senhor lorde Gimbo!... Viva!... (*Bebem.*)

ANA

(*Corre, toma um copo e bebe.*) À razão da mesma!... (*Aplausos; vai cabalar.*)

PASCOAL

(*À parte.*) Aquela velha é a melhor cabalista da terra! Estou vendo que me fura a chapala!...

CENA XV

(*Crespim, Pascoal, Atanásio, Manuel Gonçalves, Batista e logo Diniz.*)

BATISTA

(*Furioso.*) Senhor Manuel Gonçalves, isto é um desaforo! A polícia arrombou o portão do quintal do Fidélis e furtou-nos dois votantes que estão escondidos na casa do senhor subdelegado!...

MANUEL GONÇALVES

(*A Atanásio.*) Senhor Atanásio, esta ação é infame!... A constituição diz que o asilo do cidadão é inviolável!...

ATANÁSIO

Pu!... Pu!...

DINIZ

(*Furioso.*) Senhor Atanásio! Senhor Atanásio!... isto brada ao céu!... a sinhá Aninha fez embebedar três votantes nossos que estão caídos na rua e não podem votar!...

ATANÁSIO

Senhor Manuel Gonçalves, semelhante procedimento é revoltante, imoral e ofensivo aos preceitos do pacto fundamental!...

MANUEL GONÇALVES

Pu!... Pu!... Pu!...

CENA XVI

(*Os precedentes, Bonifácio, apressado, e logo Ana, Sineiro.*)

BONIFÁCIO

Chegou a hora da eleição: vai se formar a mesa, senhores!

VOZES

A mesa! A mesa!... (*O Sineiro toca o sino.*)

JOÃO FERNANDES

(*À janela da igreja.*) Senhor escrivão, reclame força armada com pólvora e bala, espadas e baionetas para garantir o voto livre!

ANA

(*A Manuel Gonçalves.*) Vá arranjar a mesa, que eu tomo conta dos votantes cá fora. (*A Batista.*) Tome cuidado que os fósforos não votem... olhe que há fósforos como formiga... (*Movimento.*)

ATANÁSIO

(*A Diniz.*) Fique o senhor na rua, enquanto eu vou pôr na mesa o Lulu furta-votos. (*Movimento, ruído, confusão.*)

CORO GERAL

A hora é chegada
Do grande combate;
O sino se escuta
Tocando a rebate;
Chegamos ao termo
Da forte campanha,
Vencer saberemos

Por força ou por manha.

Da mesa à conquista

Marchemos agora;

No entanto a cabala

Referve cá fora.

Miolo nas chapas,

Pedido, ameaça,

Intriga, dinheiro,

Mentira, trapaça;

Violência e pancada.

(*Em termos legais.*)

A glória preparam

Das nossas vestais.

Qualquer meio serve

Se der a vitória;

Vencer é o caso,

O mais é história.

CENA XVII

(*Crespim e Pascoal sentados, Diniz e Ana ao fundo e continuando a cabalar, Bonifácio e logo Henrique.*)

BONIFÁCIO

Eis aí o quadro fiel de uma grande loucura... Atira-se o pobre povo em uma comédia que às vezes acaba em tragédia, e aqui está o que é uma eleição!...

HENRIQUE

Engana-se, senhor Bonifácio, e engana-se muito inconvenientemente; porque confunde a verdade com a mentira, o direito com o abuso, e o fundamento essencial do melhor dos sistemas de governo com a ofensa e a postergação desse mesmo sistema.

BONIFÁCIO

Ora, senhor doutor! Eu falo com a evidência dos fatos.

HENRIQUE

E eu lhe respondo com a pureza e santidade do direito. O sistema eleitoral é a bela e grandiosa consagração da soberania do povo; é o órgão pelo qual a voz da nação se faz ouvir, manifestando os seus sentimentos e a sua vontade; é o princípio sagrado da força dos governos e da nobreza e da honra dos governados; mas para que assim seja é indispensável que a verdade se respeite, e a lei se cumpra à risca, pronunciando-se ampla e livremente o voto do povo, e falando as urnas sem peias, nem violência, nem ilusões, nem depravação, nem torpezas.

BONIFÁCIO

E quando não se respeita a verdade, e não se cumpre a lei à risca?...

HENRIQUE

Então não há eleição; há abuso e crime. Ai, de nós se se devesse julgar do sistema eleitoral por essas saturnais que se mascaram com o nome de eleições!...

BONIFÁCIO

Segue-se que as malditas saturnais têm desacreditado o sistema!

HENRIQUE

Não; porque a mentira não pode desconceituar a verdade, nem o abuso desonrar o direito; por ventura o medonho tribunal da Inquisição, com as suas torturas, as suas fogueiras e os seus horrores pôde manchar a pureza da santa lei de Cristo?...

BONIFÁCIO

Mas a Inquisição acabou, e as traficâncias eleitorais não hão de acabar.

HENRIQUE

Hão de acabar, quando os governos quiserem que elas acabem; hão de acabar, quando os governos derem ao povo com duradoura constância o exemplo do respeito à lei, da moralidade e da crença fiel na religião do voto livre. Então, o povo livre em suas eleições da influência do governo sacudirá de seus ombros a carga de individualidades prepotentes, e o sistema eleitoral brilhará com toda a sua magnificência.

BONIFÁCIO

Mas, enquanto não chega esse belo tempo, há de permitir que eu me vá divertindo e rindo com o que estou observando.

HENRIQUE

Oh! Sem dúvida! Aconselho-o mesmo que o faça; as zombarias, nesse caso, não se dirigem ao sistema eleitoral, e sim aos abusos que se praticam em nome dele. Zombe e ria, portanto; o *Tartufo* de Molière foi a crítica do hipócrita, e não do homem verdadeiramente religioso. Zombe e ria! Mas lembre-se também de que o quadro que está observando não é de todos o pior; neste contemplará apenas os ridículos, excessos e desmandos das autoridades policiais e das potências locais de um pobre curato do interior desta província, e isso é nada em comparação das proezas abusivas e frenéticas com que se celebrizam os mais altos funcionários públicos quando tratam de conquistar uma eleição.

BONIFÁCIO

Ainda bem! Pois que me dá licença, vou tomar um fartão...

HENRIQUE

Sim; mas sobretudo não esqueça que não se trata do sistema eleitoral!... Trata-se simplesmente dos abusos, que convém reprimir e castigar.

VOZES

(Dentro.) É fósforo!... Fora! Fora!

OUTRAS VOZES

(Dentro.) Não é fósforo! Há de votar. *(Gritaria.)*

BONIFÁCIO

Lá vou! Lá vou!... *(Vão-se Bonifácio e Henrique.)*

CENA XVIII

(Crespim, Pascoal, Ana, Atanásio, Manuel Gonçalves, Diniz e Batista, apressados. Muito movimento.)

ATANÁSIO

Senhor Diniz, estão recebendo as cédulas... vá buscar os fósforos... traga os votantes... *(Vai-se Diniz; Atanásio volta à igreja.)*

MANUEL GONÇALVES

Os votantes, sinhá Aninha... senhor Batista, os votantes!

(Movimento geral. Os votantes são empurrados para a igreja; ficam ainda muitos, vêm chegando outros; rumor e gritaria na igreja; listas lançadas pela janela. Ana em moto contínuo, Manuel Gonçalves volta à igreja. Muito movimento no fundo da cena.)

CENA XIX

(Crespim e Pascoal. A cabala continua no fundo. Ruído constante.)

CRESPIM

Oh! Pascoal, que dizes tu da eleição?...

PASCOAL

Está indecisa: estes sujeitos são uns patetas; se eu me tivesse metido na dança, punha tudo raso; o melhor cabalista que há aqui é a sinhá Aninha; a macaca velha sabe onde tem o nariz!

CRESPIM

(Depois de meditar.) Pascoal... vamos fazer uma transação?...

PASCOAL

Heim?... Que é lá isso de transação?...

CRESPIM

Homem, transação... é assim uma negociata um pouco fosfórica, disfarçada com um nome decente... Vamos transigir, Pascoal; deixa esse povo descuidado estrefegar-se por nós, e tratemos de arranjar a nossa vida. Escuta: se o meu partido vencer, caso-me com a pequena, e dou-te a quinta parte do dote; fico engenheiro da torre, e te nomeio meu contramestre com vinte mil réis de jornal. Se o teu partido triunfar, tu procederás do mesmo modo comigo; heim?

PASCOAL

Mas como há de ser isso, se tu és vermelho e eu amarelo?...

CRESPIM

Olhem que basbaque! Arranja-se uma combinação de cores, tolo; tu ficas amarelo atirando para o vermelho, e eu vermelho puxando para o amarelo.

PASCOAL

E os nossos partidos, Crespim?

CRESPIM

Ora viva!... Os nossos partidos que vão plantar batatas.

PASCOAL

(Dá dois passos.) Está dito. *(Oferece a mão.)* Toca!... *(Apertam as mãos com força.)*

CRESPIM

Bravo!... *(Com efusão.)* Salvou-se a pátria!...

CENA XX

(Crespim, Pascoal, Atanásio e Diniz.)

ATANÁSIO

Não é possível!... Não é possível!...

DINIZ

É exatíssimo; a gente do João Fagundes votou todazinha em peso com Manuel Gonçalves...

ATANÁSIO

O João Fagundes jurou-me pela cruz que toda a sua gente votaria comigo, homem!...

DINIZ

Ao senhor jurou pela cruz, e ao Manuel Gonçalves jurou pelo cunho; já vê que ficamos logrados.

ATANÁSIO

Então é um tratante que não tem cruz nem cunho!... O tolo fui eu que não me lembrei que ele anda sempre em leilão!... *(Desesperado.)* Estamos furados!...

DINIZ

Nada de desesperar; não desamparemos a mesa; no fim do jogo é que se sabe quem ganha. Vamos. *(Vão-se apressados.)*

CRESPIM

Pascoal, pelo jeito que a coisa vai tomando, creio que ficas meu contramestre.

PASCOAL

Até ver não é tarde: creio que acabo por meter-me na eleição só pelo gosto de deixar a sinhá Aninha de boca aberta.

CENA XXI

(Crespim, Pascoal, Batista; Pantaleão, doente, ansiado, pálido e com enorme barriga, trazido em uma cadeira de braços; Manuel Gonçalves.)

PANTALEÃO

Ai! Ai que morro!... Não posso mais!

BATISTA

(Chamando.) Senhor Manuel Gonçalves, venha receber o seu compadre Pantaleão...

MANUEL GONÇALVES

Oh! Compadre do coração! Mesmo assim tão doente...

PANTALEÃO

Ai!... Só para lhe obedecer... Ai! Ai que morro!...

CRESPIM

(À parte.) Eis ali um tolo entre dois algozes!

MANUEL GONÇALVES

Doente de barriga d'água e veio votar conosco!... Descanse um pouco primeiro, compadre, descanse...

CRESPIM

(A Manoel Gonçalves.) Olhe que ele já teve um ataque no caminho...

MANUEL GONÇALVES

(Com viveza.) Levem o compadre para votar... Depressa! Depressa!...

PANTALEÃO

Ai! Ai! que morro! *(Levam-no; Batista vai com ele.)*

MANUEL GONÇALVES

Oh! Senhor lorde Gimbo! Este é o dia mais glorioso da minha vida... O nosso partido triunfa...

CRESPIM

Oh! Iesse... mim star muito satisfatória... Mister Gonçalves, bebe copa de vinha comiga! *(Enche dois copos e oferece um.)*

MANUEL GONÇALVES

Tanta honra! À vitória do partido vermelho!... *(Bebe.)*

PASCOAL

(À parte.) E eu fico reduzido a contramestre! Não; tal não sucederá; protesto à fé de capanga!

CENA XXII

(Crespim, Pascoal, Manuel Gonçalves, Batista e logo Ana, vestida de homem.)

BATISTA

O homem votou; foi vermelhinha como um tomate maduro.

MANUEL GONÇALVES

E como vai a coisa?...

BATISTA

O melhor possível; até sinhá Aninha votou.

MANUEL GONÇALVES

Como homem?...

BATISTA

Faltou-nos um votante do Morro das Formigas, e que há de fazer a sinhá Aninha?... Veste umas calças e a casaca do irmão, e no meio do tumulto

votou pelo preguiçoso das Formigas.

ANA

Vitória! A eleição é nossa; venceremos por mais de cinquenta votos!

MANUEL GONÇALVES

A glória deste triunfo lhe pertence toda; e como lhe assenta bem essa casaca!...

ANA

Eu nasci para homem; estou resolvida a pôr o mano Joãozinho de saia e tomar para mim estas roupas masculinas; nada, porém, de descuidos; não desamparemos a urna.

MANUEL GONÇALVES

Vamos. (*Vão-se Ana, Batista e Manuel Gonçalves.*)

CRESPIM

À saúde do meu contramestre! (*Bebe.*)

PASCOAL

Sim?... Zombas de mim?... pois bem: verás para quanto presto; vou envolver-me na eleição, e se eu não for o engenheiro da torre, também tu não hás de sê-lo. Tenho dito! Acendeste os meus brios de capanga; vou fazer das minhas!...

CRESPIM

Queres quebrar o contrato que fizemos, Pascoal?... Não te lembra a palavra que me deste?

PASCOAL

Em tempos de eleição suspendem-se as garantias da honra e da probidade! (*Canta.*)

Torre querida,
Corro a salvar-te!
Para alcançar-te
Tudo ousarei.
É a esperança
Da minha vida.
Torre querida,
Eu te farei.
Torre querida,
Corro a salvar-te!
Para alcançar-te
Tudo ousarei.

CENA XXIII

(*Crespim, Pascoal, Atanásio, Diniz e os seus.*)

ATANÁSIO

Isto só a bacamarte!... Perdi a eleição!... está desonrada a polícia!...

DINIZ

Foi traição... traição por todos os lados!

ATANÁSIO

Até o indigno Lulu furta-votos desta vez não furtou nem uma lista! Que vergonha... está tudo desmoralizado!

DINIZ

A eleição está nula por trinta mil razões... Vamos fazer um protesto...

ATANÁSIO

Qual protesto! Vamos arranjar uma duplicata. (*Em ação de partir, e param à voz de Pascoal.*)

PASCOAL

Pára aí, minhas amarelas!

ATANÁSIO

Oh! Senhor Macota, perdemos tudo!

PASCOAL

Mim vai ganhe tudo outro vez...

DINIZ

Agora?... Agora é impossível!

PASCOAL

Mim vence todes eleições n'Inglaterra; minhas amarelas sabe jogue soco inglês, bote pontepé, arrume cabeçade, e faz diable a quatre?...

TODOS

Sim! Pancadaria no caso!

CRESPIM

(*À parte.*) Olhem o diabo da polícia, gente!

PASCOAL

Avance todes de uma vez; mim vai marcha no frente, e furta urne, quebra urne, rasgue lista, e minhas amarelas faz diable a quatre, arrume pancadaria e guarde-costas de mister Matracoat; avance, amarelas! Todes furte urne! Avance!

TODOS

Avança! Avança! (*Vão-se correndo.*)

CRESPIM

Aí, que me roubam as honras de engenheiro da torre, e os vinte mil cruzados da filha do velho!... Mas eu não devo ficar com cara de tolo... (*Gritando.*) Acode, minhas vermelhas! Olho viva! Os amarelas vai furte urne! (*Correndo para a igreja.*) Alerte, vermelhas! Alerte, vermelhas!... (*Desordem horrível; gritaria; Pascoal aparece com a urna na cabeça, atira-a no meio do teatro; espalham-se e rasgam-se as listas. Ana aparece de casaca rota, pancadaria; João Fernandes salta pela janela da igreja e cai a fio comprido; Pascoal e Crespim encontram-se, agarram-se e na luta caem ambos.*)

CENA XXIV

(*Crespim, Pascoal, João Fernandes, Manuel Gonçalves, Atanásio, Batista, Diniz, Ana em cena. Multidão em cena; Faustina, Felícia e senhoras às janelas e portas; logo depois, Germano, Guilherme e policiais; e enfim, a seu tempo, Henrique.*)

SENHORAS

Misericórdia! Misericórdia!

ANA

Às armas! Às armas! Às armas!... (*Gritaria.*)

JOÃO FERNANDES

(*Entrando e caindo.*) Ah! Quem del-rei! Ah! Quem del-rei! Declaro que passei a vara... não sou mais juiz de paz!...

DINIZ

Mata!... Vingança!...

CRESPIM

(*Agarrando-se a Pascoal.*) Godemi! Grandíssimo patife!

PASCOAL

(*O mesmo.*) Godemi! Agora velhaco! (*Desordem e gritaria.*)

GUILHERME

Ordem, senhores! Soldados, prendam a quem resistir!...

GRITO GERAL

Misericórdia!... (*Serena a desordem. Crespim esconde-se debaixo da mesa.*)

PASCOAL

(*À parte.*) Guilherme Lamego Faria, por alcunha o Fura-Tripas!... Estou perdido! Pois se eu tenho sina de cachorro! (*Esconde-se com Crespim.*)

GUILHERME

(*Aos soldados.*) Prendam aqueles dois gatos que estão embaixo da mesa. (*Prendem.*)

CRESPIM

(*À parte.*) Deu a costa o lorde Gimbo!...

MANUEL GONÇALVES

Pois o senhor atreve-se a prender um lorde inglês?...

ATANÁSIO

E a um filósofo da Grã-Bretanha?...

GUILHERME

Senhores, estes homens são dois tratantes que zombaram de vós; há quatro dias que ando a pista deles... aqui não há ingleses.

VOZES

Que vergonha!... Que atrevimento!...

JOÃO FERNANDES

E ficamos sem torre!... Ora esta!...

HENRIQUE

Não; a nossa torre vai levantar-se; eis aqui a portaria que eu esperava; estou nomeado engenheiro da província, e encarregado de dirigir as obras da nossa igreja, e portanto, conforme a declaração do seu edital, senhor capitão João Fernandes, sua filha deve ser minha esposa.

JOÃO FERNANDES

Pois case com ela, senhor Henrique, case quanto antes, que a pequena anda num fogo por isso.

FELÍCIA

Então minha tia, que me diz?...

ANA

Ai! Ai! Menina; quem ama não tem sossego!

GERMANO

(*A Felícia.*) E o prêmio que me prometeu?

FAUSTINA

(*A Felícia.*) Devo-te a minha felicidade! Oh! Felícia! Como é doce casar-se uma moça com um moço bonito a quem ama!

FELÍCIA

Sim!... (*A Germano.*) Senhor Germano! Senhor Germano! Faustina está me fazendo crescer água na boca; trate já e já de arranjar os papéis necessários para casar comigo, e na próxima eleição cabale para sair deputado. (*Cantam.*)

HENRIQUE e FAUSTINA

Na pira do himeneu
Flameja ovante amor;
Coroa o nosso afeto
A bênção do senhor.
Deus faz nossa ventura,
É santo o nosso ardor.

CORO GERAL

Na pira do himeneu
Flameja ovante amor;
Coroa o vosso afeto
A bênção do Senhor.
Deus faz vossa ventura.
É santo o vosso ardor.

FIM

O DEMÔNIO FAMILIAR

José de Alencar

PERSONAGENS

Carlotinha
Henriqueta
Eduardo
Pedro
Jorge
Alfredo
D. Maria
Vasconcellos

PRIMEIRO ATO

(Em casa de Eduardo. Gabinete de estudo.)

CENA I

(Carlotinha, Henriqueta.)

CARLOTINHA
Mano, mano! *(Voltando-se para a porta.)* Não te disse? Saiu! *(Acenando.)* Vem, psiu, vem!

HENRIQUETA
Não, ele pode zangar-se quando souber.

CARLOTINHA
Quem vai contar-lhe? Demais, que tem isso? Os homens não dizem que as moças são curiosas?

HENRIQUETA
Mas, Carlotinha, não é bonito uma moça entrar no quarto de um moço solteiro.

CARLOTINHA
Sozinha, sim; mas com a irmã não faz mal.

HENRIQUETA
Sempre faz.

CARLOTINHA
Ora! Estavas morrendo de vontade.

HENRIQUETA
Eu não, tu é que me chamaste.

CARLOTINHA
Porque me fazias tantas perguntinhas, que logo percebi o que havia aqui dentro *(no coração.)*

HENRIQUETA
Carlotinha!...

CARLOTINHA
Está bom, não te zangues.

HENRIQUETA
Não; mas tens lembranças!

CARLOTINHA
Que parecem esquecimentos, não é? Esquecia-me

que não gostas que adivinhem os teus segredos.

HENRIQUETA
Não os tenho.

CARLOTINHA
Pois não... Para que procuras esconder uma coisa que teus olhos estão dizendo? Tu choras!... Por quê? É pelo que eu disse? Perdoa, não falo mais em semelhante coisa.

HENRIQUETA
Sim, eu te peço, Carlotinha. Se soubesses o que eu soffro...

CARLOTINHA
Como! Meu irmão é tão indigno de ti, Henriqueta, que te ofendes com um simples gracejo a seu respeito?

HENRIQUETA
Eu é que não sou digna dele; não mereço, nem mesmo por tua causa, uma palavra de amizade!

CARLOTINHA
Que dizes! Mano Eduardo te trata mal?

HENRIQUETA
Mal, não; mas com indiferença, com uma frieza!... Às vezes nem me olha.

CARLOTINHA
É verdade. *(Abre.)*

HENRIQUETA
Daqui vê-se a minha casa; olha!

CARLOTINHA
Pois agora é que sabes? Nunca viste mano Eduardo nesta janela?

HENRIQUETA
Não, nunca.

CARLOTINHA
Fala a verdade, Henriqueta!

HENRIQUETA
Já te disse que não: se vi, não me lembra. Há tanto

tempo que esta janela não se abre!

CARLOTINHA

Bravo! Depois não digas que são lembranças minhas.

HENRIQUETA

O quê? O que disse eu?

CARLOTINHA

Nada. Traíste o teu segredo, minha amiguinha. Se tu sabes que esta janela não se abre, é porque todos os dias olhas para ela. Anda lá!... Oh! meu Deus! Que desordem! Aquele moleque não arranja o quarto do senhor; depois mano vem e fica maçado.

HENRIQUETA

Vamos nós arranjá-lo?

CARLOTINHA

Está dito. Ele nunca teve criados desta ordem.

HENRIQUETA

(*A meia voz.*) Porque não quis!

CARLOTINHA

Que dizes?... Cá está uma gravata.

HENRIQUETA

Um par de luvas.

CARLOTINHA

As botinas em cima da cadeira.

HENRIQUETA

Os livros no chão.

CARLOTINHA

Ah! Agora pode-se ver!

HENRIQUETA

Não abrimos a janela?

CARLOTINHA

Mas antes, quando nos visitavas mais a miúdo, e passavas dia conosco, ele brincava tanto contigo!

HENRIQUETA

Sim; porém, um dia, tu não reparaste talvez, eu me lembro... ainda me dói! Um dia vim passar a tarde contigo, e durante todo o tempo que estive aqui ele não me deu uma palavra.

CARLOTINHA

Distração! Não foi de propósito.

HENRIQUETA

Oh! foi! Desde então essa janela nunca mais se abriu. Agora posso dizer-te tudo... Eu o via do meu quarto a todas as horas do dia. De manhã, apenas acordava, já ele estava; antes de jantar, quando ele chegava, eu o esperava; e à tarde, ao escurecer.

CARLOTINHA

E nunca me disseste nada!

HENRIQUETA

Tinha vergonha. Hoje mesmo se não adivinhasses, se eu não me traísse...

CARLOTINHA

Deixa estar que hei de perguntar-lhe a razão disto.

HENRIQUETA

Eu te suplico! Não lhe digas nada. Para quê? Sofri dois meses, sofri como tu não fazes idéia. Uns versos sobretudo que ele me mandou; fizeram-me chorar uma noite inteira.

CARLOTINHA

Mas por isso mesmo! Não quero que ele te faça chorar. Hei de obrigá-lo a ser para ti o mesmo que era.

HENRIQUETA

Agora... É impossível!

CARLOTINHA

Por quê?

HENRIQUETA

Não tenho coragem de dizer; e, entretanto, vim hoje só para dar-te parte e para... despedir-me desta casa.

CARLOTINHA

Vais fazer alguma viagem?

HENRIQUETA

Não, mas vou... (*Ouve-se subir a escada.*)

CARLOTINHA

É ele! É mano!

HENRIQUETA

Ah! Meu Deus!

CARLOTINHA

Depressa! Corre!...

CENA II

(*Eduardo, Carlotinha.*)

EDUARDO

Pedro!... Moleque!... O brejeiro anda passeando naturalmente! Pedro!

CARLOTINHA

(*Entrando.*) O que quer, mano? Pedro saiu.

EDUARDO

Aonde foi?

CARLOTINHA

Não sei.

EDUARDO

Por que o deixaste sair?

CARLOTINHA

Ora! Há quem possa com aquele seu moleque? É um azougue; nem à mamãe tem respeito.

EDUARDO

Realmente é insuportável, já não o posso aturar.

CENA III

(*Os mesmos, Pedro.*)

PEDRO

Senhor chamou?

EDUARDO

Onde andava?

PEDRO

Fui ali na loja da esquina.

EDUARDO

Fazer o quê? Quem o mandou lá?

CARLOTINHA

Foi vadiar; é só o que ele faz.

PEDRO

Não, nhanhã; fui comprar soldadinho de chumbo.

EDUARDO

Ah! O senhor ainda brinca com soldados de chumbo?... Corra, vá chamar-me um tílburí na praça; já, de um pulo.

PEDRO

Sim senhor.

CENA IV*(Eduardo, Carlotinha.)***CARLOTINHA**

Onde vai, mano?

EDUARDO

Vou ao Catete ver um doente; volto já.

CARLOTINHA

Eu queria falar-lhe.

EDUARDO

Quando voltar, menina.

CARLOTINHA

E por que não agora?

EDUARDO

Tenho pressa, não posso esperar. Queres ir hoje ao Teatro Lírico?

CARLOTINHA

Não, não estou disposta.

EDUARDOPois representa-se uma ópera bonita. *(Enche a carteira de charutos.)* Canta a Charton. Há muito tempo que não vamos ao teatro.**CARLOTINHA**

É verdade; mas quem nos acompanha é você, e seus trabalhos, sua vida ocupada... Depois, mano, noto que anda triste.

EDUARDO

Triste? Não, é meu gênio; sou naturalmente seco, gosto pouco de divertimentos.

CARLOTINHA

Mas houve um tempo que não era assim; brincávamos, passávamos as noites a tocar piano e a conversar, você, Henriqueta e eu. Lembra-se?

EDUARDO

Se me lembro!... Estava formado há pouco, não tinha clínica. Hoje falta-me o tempo para as distrações.

CENA V*(Os mesmos, Pedro.)***PEDRO**

Está aí o tílburí, sim, senhor; carro novo, cavalinho bom.

EDUARDO

Agora veja se larga-se outra vez. Quero tudo isso arrumado, no seu lugar; não me toque nos charutos. Quem abriu aquela janela?

CARLOTINHA

Fui eu, mano. Fiz mal?

EDUARDONão gosto que esteja aberta; o vento leva-me os papéis. *(A Pedro.)* Fecha!**CARLOTINHA**

Você outrora gostava de passar as tardes ali, fumando ou lendo.

EDUARDO

Até logo, Carlotinha. Moleque, não saia.

CARLOTINHA

Ouça, mano!... Não quer ver a Henriqueta?

EDUARDO

Ah!... Há muito tempo que não a visitava!

CARLOTINHA

Por isso mesmo, venha falar-lhe.

EDUARDO

Não; já me demorei mais do que pretendia.

CARLOTINHA

Escute!

CENA VI*(Pedro, Carlotinha.)***PEDRO**

Senhor moço Eduardo pensa que a gente tem perna de pau e não precisa andar!

CARLOTINHA

Fecha aquela porta!

PEDRO

Então, nhanhã, vosmecê não recebe aquele bilhete, não?

CARLOTINHA

Moleque! Tu estás muito atrevido!...

PEDRO

Pois olhe, nhanhã; o moço é bonito, petimetre mesmo da moda!... Mais do que o senhor moço Eduardo. Xi!... Nem tem comparação!

CARLOTINHA

Não o conheço!

PEDRO

Pois ele conhece nhanhã, passa aqui todo dia. Chapéu branco de castor, desse de aba revirada, chapéu fino, custa caro! Sobrecasaca assim meio recortada, que tem nome francês, calça justinha na

perna, bota do Dias, bengalinha desse bicho que se chama *unicorne*. Se nhanhã chegar na janela depois do almoço há de ver ele passar, só gingando: Tchá, tchá, tchá... Umm!... Moço bonito mesmo!

CARLOTINHA

Melhor para ele; não faltará a quem namore.

PEDRO

Não falta, não; mas ele só gosta de nhanhã. Quando passa, nhanhã não vê; mas eu, cá de baixo, estou só espreitando. Vai olhando para trás de pescocinho torto! Porém nhanhã não faz caso dele!

CARLOTINHA

É um desfrutável! Está sempre a torcer o bigode!

PEDRO

É da moda, nhanhã! Aquele bigodinho, assim enroscado, onde nhanhã vê, é um anzol; anda só pescando coração de moça.

CARLOTINHA

Moleque, se tu me falares mais em semelhante coisa, conto ao teu senhor. Olha lá!

PEDRO

Está bom, nhanhã; não precisa se zangar. Eu digo ao moço que nhanhã não gosta dele, que ele tem uma cara de frasquinho de cheiro...

CARLOTINHA

Dize o que tu quiseres, contanto que não me contes mais histórias.

PEDRO

Mas agora como há de ser!... Ele me deu dez mil réis.

CARLOTINHA

Para quê?

PEDRO

Para entregar bilhete a nhanhã. (*Tira o bilhete.*) Bilheteinho cheiroso; papel todo bordado!

CARLOTINHA

Ah, se mano soubesse!

PEDRO

Ele é amigo de senhor moço Eduardo.

CARLOTINHA

Nunca vem aqui!

PEDRO

Oh! Se vem; ainda ontem. Por sinal que me perguntou se já tinha entregado.

CARLOTINHA

E tu, que respondeste?

PEDRO

Que nhanhã não queria receber.

CARLOTINHA

E por que não restituíste a carta?

PEDRO

Porque a carta veio com dez mil réis... e eu gastei o dinheiro, nhanhã.

CARLOTINHA

Ah! Pedro, sabes em que te meteste?

PEDRO

Mas que tem que nhanhã receba! É um moço mesmo na ordem!

CARLOTINHA

Não!... Não devo! (*Chega-se à estante e escolhe um livro.*)

PEDRO

Nhanhã não há de ser freira!... (*Mete a carta no bolso sem que ela o perceba.*) Entregue está ela!

CARLOTINHA

Que dizes?

PEDRO

Nada, nhanhã! Que vosmecê é uma moça muito bonita e Pedro um moleque muito sabido!

CARLOTINHA

É melhor que arrumes o quarto do teu senhor, vadio! (*Carlotinha senta-se e lê.*)

PEDRO

Isto é um instante! Mas nhanhã precisa casar! Com um moço rico como o Sr. Alfredo, que ponha nhanhã mesmo no tom, fazendo figuração. Nhanhã há de ter uma casa grande, grande, com jardim na frente, moleque de gesso no telhado; quatro carros na cocheira; duas parelhas, e Pedro cocheiro de nhanhã.

CARLOTINHA

Mas tu não és meu, és de mano Eduardo.

PEDRO

Não faz mal; nhanhã fica rica, compra Pedro, manda fazer para ele sobrecasaca preta à inglesa: bota de canhão até aqui (*marca o joelho.*); chapéu de castor; tope de sinhá, tope azul no ombro. E Pedro só, traz, zaz, zaz! E moleque da rua dizendo: "Eh, cocheiro de sinhá D. Carlotinha!"

CARLOTINHA

Cuida no que tens de fazer, Pedro. Teu senhor não tarda.

PEDRO

É já; não custa! Meio dia, nhanhã vai passear na Rua do Ouvidor, no braço de marido. Chapeuzinho aqui na nuca, peitinho estufado, tundá arrastando só! Assim, moça bonita! Quebrando debaixo da seda, e a saia fazendo xô, xô, xô! Moço, rapaz, deputado, tudo na casa do Desmarais de luneta no olho: "Oh! Que paixão!..." O outro já: "V. Excia. passa bem?" E aquele homem que escreve no jornal tomando nota, para meter nhanhã no folhetim.

CARLOTINHA

Oh! Meu Deus! Que moleque falador! Não te calarás? (*Lê.*)

PEDRO

Quando é de tarde, carro na porta; parelha de cavalos brancos, fogosos; Pedro na boléia, direitinho, chapéu de lado, só tentando as rédeas. Nhanhã entra; vestido toma o carro todo, corpinho reclinado embalando: “Botafogo!” Pedro puxou as rédeas; chicote estalou; tá, tá, tá; cavalo, toc, toc, toc; carro trrr!... Gente toda na janela perguntando: “Quem é? Quem é?” “D. Carlotinha...” Bonito carro! Cocheiro bom!... E Pedro só deitando poeira nos olhos de boleiro de aluguel.

CARLOTINHA

Ora, mano não vem! Disse que voltava já!

PEDRO

De noite, baile de estrondo, como baile do Sr. Barão de Meriti; linha de carro na porta, até no fim da rua, e torce na outra; ministro, deputado, senador, homem do paço, só de farda bordada, com pão-de-rala no peito. Moça como formiga! Mas nhanhã pisa tudo; brilhante reluzindo na testa como faísca, leque abanando, vestido cheio de renda. Tudo caído só, com o olho de jacaré assim... E nhanhã sem fazer caso.

CARLOTINHA

(*rindo.*) Onde é que tu aprendeste todas essas histórias, moleque? Estás adiantado!

PEDRO

Pedro sabe tudo!... Daí há pouco, música, vom, vom, vom, tra-ra-lá, tra-ra-lá-ta; vem ministro, toma nhanhã para dançar contradança; e nhanhã só requebrando o corpo! (*Arremeda a contradança.*)

CARLOTINHA

Ora, senhor! Já se viu que capetinha!

CENA VII

(*Os mesmos, Jorge.*)

JORGE

Mana Carlotinha, Henriqueta a está chamando para dizer-lhe adeus.

PEDRO

Sinhá Henriqueta está aí?

CARLOTINHA

Ela já vai?

JORGE

Já está deitando o chapéu.

CARLOTINHA

É tão cedo ainda!

PEDRO

Duas horas já deu há muito tempo em São Francisco de Paula.

CARLOTINHA

(*À janela.*) Mano não voltará para jantar?...

PEDRO

Não tarda aí, nhanhã!

JORGE

(*Na mesa.*) Olha, que pintura bonita, Pedro!

PEDRO

Comece, comece, a remexer! Depois fica tudo derretido. Foi moleque!...

CARLOTINHA

Quando Eduardo voltar, vai me chamar, ouviste, Pedro?... Jorge, venha!

JORGE

Já vou, Carlotinha!

CARLOTINHA

Não toque nos papéis de Eduardo, ele não gosta.

CENA VIII

(*Pedro, Jorge.*)

PEDRO

(*Querendo tomar o livro.*) Ande, ande nhonhô; vá lá para dentro! Deixe o livro.

JORGE

Se tu és capaz, vem tomar!

PEDRO

Ora! É só querer!

JORGE

Pois eu te mostrarei!

PEDRO

Está arrumado! Pedro, moleque capoeira, mesmo da malta, conta lá com menino de colégio! Caia! É só nesse jeito; pé no queixo, testa na barriga.

JORGE

Espera; vou dizer a mamãe que tu estás te engraçando comigo!

PEDRO

É só o que sabe fazer; enredo da gente! Nhonhô não vê que é brincadeira. Olhe este livro; tem pintura também; mulher bonita mesmo! (*Abre o livro.*)

JORGE

Deixa ver! Bravo!... Que belo! (*Tirando um papel.*) Que é isto?

PEDRO

Um verso!... Oh! Pedro, vai levar à viúva!

JORGE

Que viúva?

PEDRO

Essa que mora aqui adiante!

JORGE

Para quê?

PEDRO

Nhonhô não sabe? Ela tem paixão forte por senhor

moço Eduardo; quando vê ele passar, coração faz tuco, tuco, tuco! Quer casar com doutor.

JORGE
Mano vai casar com ela?

PEDRO
Pois então! Mas não vá agora contar a todo mundo.

JORGE
E ele gosta daquela mulher tão feia? Antes fosse com D. Henriqueta.

PEDRO
Menino não entende disto! Sinhá Henriqueta é moça bonita, mas é pobre! A viúva é rica, duzentos contos! Senhor moço casa com ela e fica capitalista, com dinheiro grosso! Compra carro e faz Pedro cocheiro!... Leia o verso, nhonhô.

JORGE
Deixa-me; não estou para isto!

PEDRO
Ah, se Pedro soubesse ler! (*Sentando-se.*) Fazia como doutor, sentado na poltrona, com o livro na mão e puxando só a fumacinha do havana. Por falar em havana... (*Ergue-se, vai à mesa e mete a mão na caixa dos charutos.*) Com efeito! Senhor moço Eduardo está fumando muito! Uma caixa aberta ontem; neste jeito acaba-me os charutos.

JORGE
Ah, tu estás tirando os charutos de mano!

PEDRO
Cale a boca, nhonhô Jorge! É para fumar quando nós formos passear lá na Glória, de tarde.

JORGE
Amanhã?

PEDRO
Sim.

JORGE
Eu vou pedir a mamãe?

PEDRO
Espere, deite sobrescrito neste verso. Roxo, não; viúva não gosta desta cor; verde, cor de esperança!

JORGE
Toma!

PEDRO
Pronto!... Agora Pedro chega lá, deita na banquinha de costura, depois volta as costas fazendo que não vê! Ela fogo! (*Finge que beija.*) Lê e guarda no seio, tal qual como se o senhor moço mandasse. O pior é que vai perguntar, como outro dia, por que o senhor moço não vai visitar ela; eu respondi que era para não dar que falar; mas viúva não quer saber de nada; está morrendo por tomar banho na igreja para deixar vestido preto!

JORGE
Então tu levas versos a ela sem mano mandar?

PEDRO
Pedro sabe o que faz! Agora veja se vai contar!

JORGE
Eu não! Que me importa isto!

CENA IX
(*Pedro, Alfredo.*)

ALFREDO
O Dr. Eduardo não está?

PEDRO
Não senhor, saiu, Sr. Alfredo!

ALFREDO
Então, já entregaste?

PEDRO
Hoje mesmo!

ALFREDO
A resposta?

PEDRO
Logo; é preciso dar tempo. Vosmecê cuida que moça escreve a vapor! Pois não; primeiro passa um dia inteiro a ler carta, depois outro dia a olhar assim para o ar com a mão no queixo, depois tem dor de cabeça para dormir acordada; por fim vai escrever e rasga um caderno de papel.

ALFREDO
Parece-me que tu me estás enganando; não entregaste a carta a D. Carlotinha, e para te desculpares me contas estas histórias.

PEDRO
Não sou capaz de enganar a meu senhor.

ALFREDO
Pois bem; o que disse ela quando recebeu?

PEDRO
Perguntou quem era vosmecê.

ALFREDO
E tu, que respondeste?

PEDRO
Ora já se sabe: moço rico, bem parecido.

ALFREDO
Quem te disse que eu era rico? Não quero passar pelo que não sou.

PEDRO
Não tem nada, riqueza faz crescer amor.

ALFREDO
Também sabes isto?... Mas, depois, que fez ela da carta?

PEDRO
Deitou no bolso. Fui eu que deitei; mas é o mesmo.

ALFREDO
Como? Foste tu que deitaste...

PEDRO

No bolso do vestido! Ela estava com vergonha. Sr. Alfredo não sabe moça como é, não?

ALFREDO

Bem; olha que espero a resposta!

PEDRO

Dê tempo ao tempo, que tudo se arranja.

CENA X

(*Os mesmos, Carlotinha.*)

CARLOTINHA

(*Fora.*) Pedro!

PEDRO

(*Puxando Alfredo para a porta.*) É nhanhã!

ALFREDO

Não faz mal!

PEDRO

Este negócio assim não está bom, não!

ALFREDO

Por quê?

CARLOTINHA

Moleque, tu tiveste o atrevimento... (*Vendo Alfredo.*) Ah!

ALFREDO

Perdão, minha senhora; procurava o Dr. Eduardo.

CARLOTINHA

Ele saiu... Eu vou chamar mamãe...

ALFREDO

Não precisa, minha senhora, eu me retiro já; mas antes desejava ter a honra de...

PEDRO

(*Baixo, puxando-lhe a manga.*) Não assuste a moça! Senão está tudo perdido.

ALFREDO

E não hei de fazer a declaração do meu amor?

PEDRO

Qual declaração! Já não se usa!

ALFREDO

Então julgas que não devo falar-lhe?

PEDRO

Nem uma palavra. Mostre-se arrufado, que é para ela responder. Moça é como carrapato, quanto mais a gente machuca, mais ele se agarra.

ALFREDO

Ah! Ela não quer responder-me! (*Cumprimenta friamente.*)

CARLOTINHA

Não espera por mano?

ALFREDO

Obrigado! Não desejo incomodá-la.

CARLOTINHA

A mim!

CENA XI

(*Carlotinha, Pedro.*)

CARLOTINHA

Nem sequer me olhou! E diz que gosta de mim! A primeira vez que me fala...

PEDRO

O moço está queimado, hi!...

CARLOTINHA

Ora, o que me importa? O que te disse ele?

PEDRO

Perguntou por que nhanhã não queria responder à carta dele.

CARLOTINHA

Ah! É sobre isso mesmo... Tu sabes o que vim fazer, Pedro?

PEDRO

(*Rindo-se.*) Veio ver o Sr. Alfredo!

CARLOTINHA

Eu adivinhava que ele estava aqui?... Vim te chamar porque mamãe quer te perguntar donde saiu esta carta que deitaste no meu bolso.

PEDRO

Nhanhã foi dizer?... Pois não!... Esta Pedro não engole.

CARLOTINHA

Chego na sala; vou meter a mão no bolso, encontro um papel; abro; é uma carta de namoro! Não sei como mamãe não percebeu!...

PEDRO

Ah! Nhanhã abriu!... Então leu.

CARLOTINHA

Não li! É mentira!

PEDRO

(*Com um muxoxo.*) Mosca anda voando; tocou no mel, caiu dentro do prato. Nhanhã leu!

CARLOTINHA

E que tinha que lesse?

PEDRO

Se leu deve responder!

CARLOTINHA

Faz-te de engraçado! (*Dando a carta.*) Toma; não quero!

PEDRO

Nhanhã faz isso a um moço delicado!

CARLOTINHA

Saiu, e nem sequer me olhou.

PEDRO

Não sabe por quê? Porque nhanhã não quis responder a carta dele.

CARLOTINHA

E o que hei de eu responder?

PEDRO

Um palavreado, como nhanhã diz quando está no

baile.

CARLOTINHA

Mas ele escreveu em verso.

PEDRO

Ah! É verso! E vosmecê não sabe fazer verso?

CARLOTINHA

Eu não; nunca aprendi.

PEDRO

É muito fácil, eu ensino a nhanhã; vejo senhor moço Eduardo fazer. Quando é esta coisa que se chama prosa, escreve-se o papel todo; quando é verso, é só no meio, aquelas carreirinhas. (*Vai à mesa.*) Olhe! Olhe, nhanhã!

CARLOTINHA

Sabes que mais? A resposta que tenho de dar é esta: dize-lhe que, se deseja casar comigo, fale a mano.

PEDRO

Ora, tudo está em receber a primeira; depois é carta para lá e carta para cá; a gente anda como correio de ministro.

CARLOTINHA

Eu te mostrarei.

CENA XII

(*Pedro, Eduardo e Azevedo.*)

EDUARDO

Aonde vai?

PEDRO

Ia abrir a porta a meu senhor!

EDUARDO

(*Para a escada.*) Entra, Azevedo! Eis aqui o meu aposento de rapaz solteiro; uma sala e uma alcova. É pequeno porém basta-me!

AZEVEDO

É um excelente *appartement!* Magnífico para um *garçon...* Este é o teu *valet de chambre?*

EDUARDO

É verdade; um vadio de conta!

PEDRO

(*A Azevedo, em meia voz.*) Hô!... Senhor está descompondo Pedro na língua francesa.

EDUARDO

Deste lado é o interior da casa; aqui tenho janelas para um pequeno jardim; e uma bela vista. Vivo completamente independente da família. Tenho esta entrada separada. Por isso podes vir conversar quando quiseres, sem a menor cerimônia; estaremos em perfeita liberdade escolástica.

AZEVEDO

Obrigado, hei de aparecer. Ah! Tens as tuas paisagens *signées* Lacroix? Mas não são legítimas, vi-as em Paris *chez* Goupil; fazem uma diferença enorme.

EDUARDO

Não há dúvida; mas não as comprei pelo nome, achei-as bonitas. Queres fumar?

AZEVEDO

Aceito. Esqueci o meu *porte-cigarres*. São excelentes os teus charutos. Onde os compras? Nos Desmarais?

EDUARDO

Onde os encontro melhores. (*Pedro acende uma vela.*)

PEDRO

(*Baixo.*) Rapaz muito desfrutável, senhor moço! Parece cabeleireiro da Rua do Ouvidor!

EDUARDO

Cala-te!

AZEVEDO

(*Acende o charuto.*) Obrigado!... Eis o que se chama em Paris... *parfumer la causerie!*

CENA XIII

(*Eduardo, Azevedo.*)

EDUARDO

Com que então, vais te casar? Ora quem diria que aquele Azevedo, que eu conheci tão volúvel, tão apologista do celibato...

AZEVEDO

E ainda sou, meu amigo; dou-te de conselho que não te cases. O celibato é o verdadeiro estado!... Lembra-te que Cristo foi *garçon!*

EDUARDO

Sim; mas as tuas teorias não se conformam com esse exemplo de sublime castidade!

AZEVEDO

Considera, meu caro, a diferença que vai da divindade ao homem.

EDUARDO

Mas, enfim, sempre te resolveste a casar?

AZEVEDO

Certas razões!

EDUARDO

Uma paixão?

AZEVEDO

Qual! Sabes que sou incapaz de amar o que quer que seja. Algum tempo quis convencer-me que o meu *eu* amava a minha *bête*, que era egoísta, mas desenganei-me. Faço tão pouco caso de mim como do resto da raça humana.

EDUARDO

Assim, não amas a tua noiva.

AZEVEDO

Não, de certo.

EDUARDO

É rica, talvez; casas por conveniências?

AZEVEDO

Ora, meu amigo, um moço de trinta anos, que tem, como eu, uma fortuna independente, não precisa tentar a *chasse au mariage*. Com trezentos contos pode-se viver.

EDUARDO

E viver brilhantemente; porém não compreendo então o motivo...

AZEVEDO

Eu te digo! Estou completamente *blasé*; estou gasto para essa vida de *flaneur* dos salões; Paris me saciou. Mabilille e Château des Fleurs embriagaram-me tantas vezes de prazer, que me deixaram insensível. O amor hoje é para mim um copo de Cliqcot que espuma no cálice, mas já não me tolda o espírito!

EDUARDO

E esperaste chegar a este estado para te casares?

AZEVEDO

Justamente. Tiro disso duas conveniências: a primeira é que um marido como eu está preparado para desempenhar perfeitamente o seu grave papel de carregador do mantelete, do leque ou do binóculo, e de apresentador dos apaixonados de sua mulher.

EDUARDO

Com efeito! Admiro o sangue-frio com que descreves a perspectiva do teu casamento.

AZEVEDO

Chacun son tour, Eduardo, nada mais justo. A segunda conveniência, e a principal, é que, rico, independente, com alguma inteligência, quanto basta para desperdiçar em uma conversa banal, resolvi entrar na carreira pública.

EDUARDO

Seramente?

AZEVEDO

Já dei os primeiros passos; pretendo a diplomacia ou a administração.

EDUARDO

E para isso precisas casar?

AZEVEDO

De certo!... Uma mulher é indispensável, e uma mulher bonita!... É o meio pelo qual um homem se distingue no *grand monde*!... Um círculo de adoradores cerca imediatamente a senhora elegante e espirituosa que fez a sua aparição nos salões de uma maneira deslumbrante! Os elogios, a admiração, a consideração social acompanharão na sua ascensão esse astro luminoso, cuja cauda é uma crinolina, e cujo brilho vem da casa do Valais ou da Berat, à custa de alguns contos de réis! Ora, como no matrimônio existe a

comunhão de corpos e de bens, os apaixonados da mulher tornam-se amigos do marido, e vice-versa; o triunfo que tem a beleza de uma lança um reflexo sobre a posição do outro. E assim consegue-se tudo!

EDUARDO

Tu gracejas, Azevedo; não é possível que um homem aceite dignamente esse papel. A mulher não é, nem deve ser, um objeto de ostentação que se traga como um alfinete de brilhante ou uma jóia qualquer para chamar a atenção!

AZEVEDO

Bravo, fizeste a mais justa das comparações, meu amigo! Disseste com muito espírito; a mulher é uma jóia, um traste de luxo... E nada mais!

EDUARDO

Ora! Não acredito que fales seriamente!

AZEVEDO

Podes não acreditar, mas isso não impede que a realidade seja essa. Estás ainda muito poeta, meu Eduardo, vai a Paris e volta! Eu fui criança no espírito e voltei com a razão de um velho de oitenta anos!

EDUARDO

Mas com o coração pervertido!... Ouve, Azevedo. Estou convencido de que há um grande erro na maneira de viver atualmente. A sociedade, isto é, a vida exterior, tem-se desenvolvido tanto que ameaça destruir a família, isto é, a vida íntima. A mulher, o marido, os filhos, os irmãos, atiram-se nesse turbilhão dos prazeres, passam dos bailes aos teatros, dos jantares às partidas; e quando, nas horas de repouso, se reúnem no interior de suas casas, são como estrangeiros que se encontram um momento sob a tolda do mesmo navio para se separarem logo. Não há aí a doce efusão dos sentimentos, nem o bem-estar do homem que respira numa atmosfera pura e suave. O serão da família desapareceu; são apenas alguns parentes que se juntam por hábito, e que trazem para a vida doméstica, um, o tédio dos prazeres, o outro, as recordações da noite antecedente, o outro, o aborrecimento das vigílias!

AZEVEDO

E que conclusões desta tirada filosófico-sentimental?

EDUARDO

Concluo que é por isso que se encontram hoje tantos moços gastos como tu; tantas moças para quem a felicidade consiste em uma quadrilha; tantos maridos que correm atrás de uma sombra chamada consideração; e tantos pais iludidos que se arruinam para satisfazer o capricho de suas filhas, julgando que é esse o meio de dar-lhes a ventura!

AZEVEDO

Realmente estás excêntrico. Onde é que aprendeste estas teorias?

EDUARDO

Na experiência; também fui atraído, também fui levado pela imaginação que me dourava esses prazeres efêmeros, e conheci que só havia neles de real uma coisa.

AZEVEDO

O quê?

EDUARDO

Uma lição; boa e útil lição. Ensinaaram-me a estimar aquilo que eu antes não sabia apreciar; fizeram-me voltar ao seio da família, à vida íntima!

AZEVEDO

Hás de mudar. (*Toma o chapéu e as luvas.*)

EDUARDO

Não creio!... Já te vais?

AZEVEDO

Tenho que fazer. Algumas maçadas de homem que se despede de sua vida de *garçon*. Janto hoje com minha noiva; amanhã parto para a minha fazenda, onde me demorarei alguns dias, e na volta terei o prazer de te anunciar, com todas as formalidades do estilo, em *carton porcelaine*, sob o competente *enveloppe satinée et dorée sur tranche*, o meu casamento com a Sra. D. Henriqueta de Vasconcellos.

EDUARDO

Henriqueta!... Ah! É com ela que te casas?

AZEVEDO

Sim. De que te admiras?

EDUARDO

Julguei que escolhesses melhor! É tão pobre!

AZEVEDO

Mas é bonita e tem muito espírito. Há de fazer furor quando a Gudin ajeitá-la à parisiense.

EDUARDO

Dizem que é muito modesta.

AZEVEDO

Toda mulher é vaidosa, Eduardo; a modéstia mesmo é uma espécie de vaidade inventada pela pobreza para seu uso exclusivo.

EDUARDO

Assim, estás decidido?

AZEVEDO

Mais que decidido! Estou noivo já. Adeus, aparece; andas muito raro.

CENA XIV

(*Eduardo, Pedro.*)

PEDRO

O jantar está na mesa.

EDUARDO

Não me maces! Vai-te embora.

PEDRO

Senhor não vem, então?

EDUARDO

Chega aqui. Tu sabias que D. Henriqueta estava para se casar?

PEDRO

Sabia, sim, senhor; rapariga dela me contou.

EDUARDO

E por que não vieste dizer-me?

PEDRO

Porque vosmecê me deu ordem que não falasse mais no nome dela.

EDUARDO

É verdade.

CENA XV

(*Os mesmos, Carlotinha.*)

CARLOTINHA

Demorou-se muito, mano, eu o esperei!... Agora vamos jantar.

EDUARDO

Não; eu não tenho vontade, deixa-me.

PEDRO

Senhor moço está triste porque sinhá Henriqueta vai casar!

EDUARDO

Moleque!

CARLOTINHA

Você sabia? Era dela mesma que eu queria falar-lhe.

EDUARDO

Sabia; o seu noivo acaba de sair daqui.

CARLOTINHA

Um Azevedo, não é?

EDUARDO

Sim, um homem que, além de não amá-la, estima-a tanto como as suas botas envernizadas e os seus cavalos do Cabo!

CARLOTINHA

Mas você não sabe a razão desse casamento?

EDUARDO

Sei, Carlotinha. Um amor pobre possui tesouros de sentimentos, mas não é moeda com que se compreem veludos e sedas!

CARLOTINHA

Oh, mano, não seja injusto! Ela me contou tudo!

EDUARDO

Desejava saber o que te disse.

CARLOTINHA

Logo depois de jantar, no jardim. Venha, mamãe está nos esperando.

SEGUNDO ATO*(Em casa de Eduardo. Jardim.)***CENA I***(Eduardo, Carlotinha, D. Maria.)***EDUARDO**

Lembra-te do que me prometeste?

CARLOTINHA

Falar-lhe de Henriqueta?... Lembro-me.

EDUARDO

Que te disse ela?

CARLOTINHA

Muita coisa! Mamãe não nos ouvirá?

EDUARDO

Não; podes falar. Estou impaciente!

CARLOTINHA

Aí vem ela!

D. MARIA

Ora, Carlotinha, tu com as tuas flores tens tomado de tal maneira os canteiros que já não posso plantar uma hortaliça.

CARLOTINHA

Porém, mamãe!... É tão bonito a gente ter uma flor, uma rosa para oferecer a uma amiga que nos vem visitar!

D. MARIA

É verdade, minha filha; mas não te lembras que também gostas de dar-lhes uma fruta delicada... Assim os meus morangos estão morrendo, porque as tuas violetas não deixam...

CARLOTINHA

É a flor da minha paixão! As violetas! Que perfume!

D. MARIA

E os meus morangos, que sabor! Não tenho mais um pé de alface ou de chicória...

EDUARDO

Não se agonie, minha mãe, eu mandarei fazer uma pequena divisão no quintal. Deste lado Carlotinha terá o seu jardim; do outro vosmecê mandará preparar a sua horta.

D. MARIA

Estimo muito, meu filho! É por vocês que eu tomo este trabalho.

EDUARDO

E nós não o sabemos? Todo o nosso amor não paga esses pequenos cuidados, essas atenções delicadas de uma mãe que só vive para seus filhos.

D. MARIA

O único amor que não pede recompensa, Eduardo, é o amor de mãe; mas se eu a desejasse, que melhor podia ter do que o orgulho de ver-te em uma bonita posição, admirado pelos teus

amigos e estimado mesmo pelos que não te conhecem?

CARLOTINHA

Não o deite a perder, mamãe; depois fica todo cheio de si!

EDUARDO

Por ter uma irmã como tu, não é?

CARLOTINHA

Não se trata de mim.

D. MARIA

Vocês ficam? A tarde está bastante fresca!

EDUARDO

Já vamos, minha mãe.

CENA II*(Eduardo, Carlotinha.)***CARLOTINHA**

Ora, enfim! Podemos conversar, mano!

EDUARDO

Sim! Estou ansioso por saber o que ela te disse! Com que fim veio ver-te! Naturalmente foi para dar-me mais uma prova de indiferença, participando-te o seu casamento!

CARLOTINHA

Foi para o ver uma última vez! Ah! Você não se lembra, então, do que se passou! Fala de indiferença? É ela que se queixa da sua frieza, do seu desdém!

EDUARDO

Ela queixa-se... E de mim!... Estava zombando?

CARLOTINHA

Zomba-se com as lágrimas nos olhos e com a voz cortada pelos soluços?

EDUARDO

Que dizes? Ela chorava!...

CARLOTINHA

Sobre o meu seio; e eu não sabia como a consolasse.

EDUARDO

Não compreendo!

CARLOTINHA

Por quê?

EDUARDO

Eu te direi depois. Conta-me o que ela te disse.

CARLOTINHA

Foi tanta coisa!... Sim; disse-me que todos os dias o via da casa dela, de manhã e à tarde, na janela do seu quarto.

EDUARDO

É verdade.

CARLOTINHA

Mas que uma tarde, vindo aqui, mano não lhe deu uma palavra.

EDUARDO

E a razão disto não declarou?

CARLOTINHA

Ela ignora!

EDUARDO

Como!

CARLOTINHA

Procurou recordar-se das suas menores ações para ver se poderia ter dado causa à sua mudança; e não achou nada que devesse servir nem mesmo de pretexto.

EDUARDO

Com efeito! O fingimento chega a esse ponto.

CARLOTINHA

É injusto, mano; aquele amor não se finge. Quando ela me recitou os versos que você lhe mandou...

EDUARDO

Eu... versos?

CARLOTINHA

Sim; uns versos em que a chamava de namoradeira, em que a ridicularizava.

EDUARDO

Mas não há tal, nunca lhe mandei versos.

CARLOTINHA

Ela os recebeu de Pedro; eu os vi, escritos por sua letra.

EDUARDO

Não é possível!

CARLOTINHA

Há nisso algum engano; deixe-me acabar, depois verá.

EDUARDO

Eu te escuto.

CARLOTINHA

Os seus versos...

EDUARDO

Meus, não.

CARLOTINHA

Pois bem, os versos causaram-lhe uma dor mortal; conheceu que o mano escarnecia dela, e desde então passava as noites a chorar, e o dia a olhar entre as cortinas para ao menos ter o consolo de avistá-lo de longe e de relance. Mas você conservava fechada a única janela na qual ela podia vê-lo.

EDUARDO

Não sabes por quê? Um dia mandou-me dizer por Pedro que a minha curiosidade a incomodava. Desde então privei-me do prazer de olhá-la...

CARLOTINHA

É inexplicável!... Mas como lhe dizia, passaram-se dois meses; ela perdeu a esperança; seu pai tratou de casá-la. Desde que não podia lhe pertencer, pouco

lhe importava o homem a quem a destinavam. Consentiu em tudo, mas antes de dar a sua promessa definitiva, quis vê-lo pela última vez...

EDUARDO

Para quê?

CARLOTINHA

Para quê?... O noivo foi hoje jantar em sua casa; aí às três horas devia decidir-se tudo... Pois bem, antes de dizer sim, ela veio e jurou-me por sua mãe que, se encontrasse mano em casa, se mano a olhasse docemente, sem aquele olhar severo de outrora.

EDUARDO

Que faria?

CARLOTINHA

Não se casaria e viveria com essa única esperança de que um dia mano compreenderia o seu amor!

EDUARDO

Assim, como não me encontrou...

CARLOTINHA

Como você não quis vê-la!

EDUARDO

Eu não quis?... É verdade!

CARLOTINHA

Quando o chamei, ela nos esperava toda trêmula.

EDUARDOPodia eu saber? Podia conceber semelhante coisa à vista do que se passou! (*Refletindo.*) Não; não acredito.**CARLOTINHA**

O quê?

EDUARDO

Que Pedro tenha maquinado semelhante coisa.

CARLOTINHA

É eu acredito.

EDUARDO

Vou saber disto! Porém, diga-me! Depois?

CARLOTINHA

Você saiu. Eu esperei muito tempo no seu quarto para ver se voltava. Tardou tanto, que por fim vi-me obrigada a desenganá-la.

EDUARDO

Então ela voltou?...

CARLOTINHA

Com o coração partido...

EDUARDOE foi dar esse consentimento, que seu pai esperava. A esta hora é noiva de um homem que faz dela um objeto de especulação. (*Passaia.*)**CENA III**(*Os mesmos, Pedro.*)

PEDRO

Sinhá velha está chamando nhanhã Carlotinha lá na sala.

CARLOTINHA

Para quê?

PEDRO

Para ver moleque de realejo que está passando. (*A meia voz.*) Mentira só!

CARLOTINHA

O quê?

PEDRO

Boneco de realejo que está dançando!

CARLOTINHA

Ora, não estou para isso.

PEDRO

Umm!... Menina está reinando. Nhanhã não vai?

CARLOTINHA

Que te importa? Chega aqui, quero saber de uma coisa.

PEDRO

Que é, nhanhã?

CARLOTINHA

Mano, vamos perguntar-lhe?

EDUARDO

Deixa estar, eu pergunto! (*Afasta-se com ela.*)

Escuta; queria pedir-te um favor.

CARLOTINHA

Fale, mano; precisa pedir?

EDUARDO

Desejo falar à Henriqueta. Podes fazer com que ela venha passar a noite contigo?

CARLOTINHA

Vou escrever-lhe! Estou quase certa de que ela vem!

EDUARDO

Obrigado!

CENA IV

(*Eduardo, Pedro.*)

EDUARDO

Vem cá!

PEDRO

Senhor!

EDUARDO

Responde-me a verdade.

PEDRO

Pedro não mente nunca.

EDUARDO

Que versos são uns que entregaste a D. Henriqueta de minha parte?

PEDRO

Foram versos que senhor escreveu...

EDUARDO

Que eu escrevi?

PEDRO

Sim, senhor.

EDUARDO

À Henriqueta?

PEDRO

Não, senhor.

EDUARDO

A quem, então?

PEDRO

À viúva.

EDUARDO

Que viúva?

PEDRO

Essa que mora aqui adiante; mulher rica, do grande tom.

EDUARDO

(*Rindo.*) Ah! Lembro-me! E tu levaste esses versos à Henriqueta?

PEDRO

Levei, sim, senhor.

EDUARDO

Com que fim, Pedro?

PEDRO

Senhor não se zanga, Pedro diz porque fez isso.

EDUARDO

Fala logo de uma vez. Que remédio tenho eu senão rir-me do que me sucede?

PEDRO

Sinhá Henriqueta é pobre; pai anda muito por baixo; senhor casando com ela não arranja nada! Moça gasta muito; todo dia vestido novo, camarote no teatro para ver aquela mulher que morre cantando, carro de aluguel na porta, vai passear na Rua do Ouvidor, quer comprar tudo que vê.

EDUARDO

Ora, não sabia que tinha um moralista desta força em casa!

PEDRO

Depois modista, costureira, homem da loja, cabeleireiro, cambista, cocheiro, ourives, tudo mandando a conta, e senhor vexado: "Diz que não estou em casa", como faz aquele homem que mora defronte!

EDUARDO

Então foi para que eu não casasse pobre que fizeste tudo isso? Que inventaste o recado que me deste em nome de Henriqueta?...

PEDRO

Pedro tinha arranjado casamento bom; viúva rica, duzentos contos, quatro carros, duas parelhas, sala com tapete. Mas senhor estava enfeitado por

sinhá Henriqueta e não queria saber de nada. Precisava trocar; Pedro trocou.

EDUARDO

O que é que trocaste?

PEDRO

Verso feio da viúva foi para sinhá Henriqueta; verso bonito de sinhá Henriqueta foi para a viúva.

EDUARDO

De maneira que estou com um casamento arranjado com uma correspondência amorosa e poética; e tudo isto graças à tua habilidade?

PEDRO

Negócio está pronto, sim senhor; é só querer. Pedro de vez em quando leva uma flor ou um verso que senhor deixa em cima da mesa. Já perguntou por que vosmecê não vai visitar ela!

EDUARDO

(Rindo-se.) Eis um corretor de casamentos, que seria um achado precioso para certos indivíduos do meu conhecimento! Vou tratar de vender-te a algum deles para que possas aproveitar o teu gênio industrioso.

PEDRO

Oh! Não. Pedro quer servir a meu senhor! Vosmecê perdoa; foi para ver senhor rico!

EDUARDO

E que lucras tu com isto? Sou tão pobre que te falte aquilo de que precisas? Não te trato mais como um amigo do que como um escravo?

PEDRO

Oh! Trata muito bem, mas Pedro queria que senhor tivesse muito dinheiro e comprasse carro bem bonito para...

EDUARDO

Para?... Dize!...

PEDRO

Para Pedro ser cocheiro de senhor!

EDUARDO

Então a razão única de tudo isto é o desejo que tens de ser cocheiro?

PEDRO

Sim, senhor!

EDUARDO

(Rindo-se.) Muito bem! Assim, pouco te importava que eu ficasse mal com uma pessoa que estimava; que me casasse com uma velha ridícula, contanto que governasses dois cavalos em um carro! Tens razão!... E eu ainda devo dar-me por muito feliz, que fosse esse o motivo que te obrigasse a trair a minha confiança.

CENA V

(Pedro, Carlotinha.)

CARLOTINHA

Já escrevi! Ah! Mano não está!... Pedro!...

PEDRO

Nhanhã!

CARLOTINHA

Que fazes tu aí?

PEDRO

Oh! Pedro não está bom hoje, não; senhor está zangado.

CARLOTINHA

Por quê? Por causa da Henriqueta?

PEDRO

Sim. Pedro fez história de negro, enganou senhor. Mas hoje mesmo tudo fica direito.

CARLOTINHA

Que vais tu fazer? Melhor é que estejas sossegado.

PEDRO

Oh! Pedro sabe como há de arranjar este negócio. Nhanhã não se lembra, no Teatro Lírico, uma peça que se representa e que tem homem chamado Sr. Fígaro, que canta assim:

Tra-la-la-la-la-la-la-la-tra!!

Sono um barbiere di qualità!

Fare la barba per carità!...

CARLOTINHA

(Rindo-se.) Ah! O Barbeiro de Sevilha!

PEDRO

É isso mesmo. Esse barbeiro, Sr. Fígaro, homem fino mesmo, faz tanta coisa que arranja casamento de sinhá Rosinha com nhonhô Lindório. E velho doutor fica chupando no dedo, com aquele frade D. Basílio!

CARLOTINHA

Que queres tu dizer com isso?

PEDRO

Pedro tem manha muita, mais que Sr. Fígaro! Há de arranjar casamento de senhor moço Eduardo com sinhá Henriqueta. Nhanhã não sabe aquela ária que canta sujeito que fala grosso? *(Cantando.)* *La calunnia!...*

CARLOTINHA

Deixa-te de prosas!

PEDRO

Prosa, não; é verso! Verso italiano que se canta!

CARLOTINHA

(Rindo.) Tu também sabes italiano?

PEDRO

Ora! Quando senhor moço era estudante e mandava levar ramo de flor à dançarina do teatro, aquela que tem perna de engonço, Pedro falava mesmo como patrício dela: *“Un fiore, signorina!”*

CARLOTINHA

Ah! Mano mandava flores a dançarinas *(A meia*

voz.) E diz que amava Henriqueta!

PEDRO

Ora, moço pode gostar de três moças ao mesmo tempo. Esse bicho que se chama amor está nos olhos, nos ouvidos e no coração: moço gosta de mulher bonita só para ver, de mulher de teatro só para ouvir cantar e de mulher de casamento para pensar nela todo o dia!

CARLOTINHA

Não seas tolo! A gente só deve gostar de uma pessoa! Aposto que o tal Sr. Alfredo é desses!

PEDRO

Qual! Sr. Alfredo é só de nhanhã; mas é preciso responder a ele.

CARLOTINHA

Já não te disse a resposta? Por que não deste?

PEDRO

Homem não gosta dessa resposta de boca, diz que é mentira. Gosta de papelinho para guardar na carteira, lembrando-se do anjinho que escreveu.

CARLOTINHA

Escrever, nunca; não tenho ânimo!...

PEDRO

Pois, olhe, nhanhã tira duas violetas; põe uma nos cabelos, manda outra a ele! Isto de flor!... Uhm!... Faz cócegas no coração.

CARLOTINHA

Deste modo... sim... eu podia...

PEDRO

Então vá buscar a flor já! Pedro leva!

CARLOTINHA

Não, não quero!

PEDRO

Eu vou ver!

CARLOTINHA

Não é preciso! Eu tenho!...

PEDRO

Ah! Nhanhã já tem!

CARLOTINHA

Estão aqui. (*No seio.*)

PEDRO

Melhor! Dê cá, nhanhã.

CARLOTINHA

Mas olha!... Não!

PEDRO

(*Tomando.*) Hi!... Sr. Alfredo vai comer esta violeta de beijo só, quando souber que esteve no seio de nhanhã!

CARLOTINHA

Dá-me! Não quero!

CENA VI

(*Carlotinha, Eduardo.*)

CARLOTINHA

Meu Deus! Ah! Mano.

EDUARDO

Já soube tudo, uma malignidade de Pedro. É a consequência de abrigarmos em nosso seio esses répteis venenosos, que quando menos esperamos nos mordem o coração! Mas, enfim, ainda se pode reparar. Escreveste a Henriqueta?

CARLOTINHA

Sim; a resposta não deve tardar!

EDUARDO

Tu és um anjo, Carlotinha!

CARLOTINHA

Como se engana, mano!

EDUARDO

Que queres dizer?

CARLOTINHA

Nada! Eu devia lhe contar! Mas...

EDUARDO

Tens alguma coisa a dizer-me? Por que não falas?

CARLOTINHA

Tenho medo!

EDUARDO

De teu irmão! Não tens razão!

CARLOTINHA

Mesmo por ser meu irmão, não gostarás...

EDUARDO

Mais um motivo. Um irmão, Carlotinha, é para sua irmã menos do que uma mãe, porém mais do que um pai; tem menos ternura do que uma, e inspira menos respeito do que o outro. Quando Deus o colocou na família a par dessas almas puras e inocentes como a tua, deu-lhe uma missão bem delicada; ordenou-lhe que moderasse para sua irmã a excessiva austeridade de seu pai e a ternura muitas vezes exagerada de sua mãe; ele é homem e moço, conhece o mundo, porém também compreende o coração de uma menina, que é sempre um mito para os velhos já esquecidos de sua mocidade. Portanto, a quem melhor podes contar um segredo do que a mim?

CARLOTINHA

É verdade, suas palavras me decidem. Você é meu irmão, e o chefe de nossa família, desde que perdemos nosso pai. Devo dizer-lhe tudo; tem o direito de repreender-me!

EDUARDO

Cometestes alguma falta?

CARLOTINHA

Creio que sim. Uma falta bem grave!

EDUARDO

Minha irmã... Acaso terás esquecido!...

CARLOTINHA

Oh! Se toma esse ar severo não terei ânimo de dizer-lhe!

EDUARDO

(*Com esforço.*) Estou calmo, mana, não vês? Fala!

CARLOTINHA

Sim! Sim! É que me custa dizer!... Não faz idéia!

EDUARDO

Vamos! Coragem!

CARLOTINHA

Conhece um moço, que às vezes o vem procurar... Chama-se Alfredo!...

EDUARDO

Que tem?...

CARLOTINHA

Pois esse moço... ama-me, e...

EDUARDO

E que fizeste?

CARLOTINHA

(*Atirando-se ao peito de Eduardo.*) Mandei-lhe uma flor!... Mas uma só!

EDUARDO

Ah! Assim é esta a falta que cometeste! A primeira e a única!

CARLOTINHA

Não!... Devo dizer-lhe tudo! Li esta carta. Tome, ela queima-me o seio.

EDUARDO

(*Lendo.*) Quem te entregou?

CARLOTINHA

Pedro deitou no meu bolso sem que o percebesse.

EDUARDO

Oh! Eu adivinhava! E respondeste?

CARLOTINHA

Pois a violeta foi a resposta! Não queria dar. Mas lembrei-me que assim como Henriqueta o amava, também eu podia amá-lo!...

EDUARDO

Tens razão, minha irmã. Cometeste uma falta, mas te arrependeste a tempo. Não te envergonhes disto; és moça e inexperiente, a culpa foi minha, e minha só.

CARLOTINHA

Sua, mano! Como?

EDUARDO

Eu te digo: acabas de dar-me uma prova do teu discernimento; o que vou dizer-te será uma lição. Os moços, ainda os mais tímidos como eu, minha irmã, sentem, quando entram na vida, uma necessidade de gozar desses amores que duram alguns dias e que passam deixando o desgosto n'alma! Eu fui fascinado pela mesma miragem; depois quis esquecer Henriqueta e procurei nos

olhares e nos sorrisos das mulheres um bálsamo para o que eu sofria. Ilusão! O amor vivia e nas minhas extravagâncias o que eu esquecia é que tinha uma irmã inocente confiada à minha guarda. Imprudente, eu abrigava no seio da minha família, no meu lar doméstico, a testemunha e o mensageiro de minhas loucuras: alimentava o verme que podia crestar a flor de tua alma. Sim, minha irmã! Tu cometeste uma falta; eu cometi um crime!

EDUARDO

Não se acuse, mano; é severo demais para uma coisa que ordinariamente fazem os moços na sua idade!

EDUARDO

Porque não refletem!... Se eles conhecessem o fel que encobrem essas rosas do prazer. Deixá-las-iam murchar, sem sentir-lhes o perfume! Há certos objetos tão sagrados que não se devem manchar nem mesmo com a sombra de um mau exemplo! A reputação de uma moça é um deles. O homem que tem uma família está obrigado a respeitar em todas as mulheres a inocência de sua irmã, a honra de sua esposa e a virtude de sua mãe. Ninguém deve dar direito a que suas ações justifiquem uma suspeita ou uma calúnia.

CARLOTINHA

Está bom, não vá agora ficar triste e pensativo por isso. Já lhe disse tudo, já lhe dei a carta; prometo-lhe não pensar mais nele. Duvida de mim?

EDUARDO

Não. Agradeço a tua confiança e acredita que saberei usar dela. Já volto.

CARLOTINHA

Que vai fazer?

EDUARDO

Escrever uma carta; ou antes, responder à que recebeste.

CARLOTINHA

Como, Eduardo?

EDUARDO

Logo saberás.

CARLOTINHA

Mas não se zangue com ele; sim?

EDUARDO

Tranqüiliza-te; ele te interessa, é um título para que eu o respeite.

CENA VII

(*Carlotinha, Henriqueta.*)

HENRIQUETA

(*Fora.*) Carlotinha!...

CARLOTINHA

Henriqueta! Ah! Eu te esperava!

HENRIQUETA

É tinhas razão... Mas antes de tudo!... É verdade?... O que me escreveste?...

CARLOTINHA

Sim; ele te ama e te amou sempre! Um engano, uma fatalidade...

HENRIQUETA

Bem cruel!... Eu perdoaria de bom grado à sorte todas as minha lágrimas, mas não lhe perdôo o fazer-me mulher de outro!

CARLOTINHA

Então, está decidido!

HENRIQUETA

Eu não te disse! Sou sua noiva! Meu pai deu-lhe a sua palavra. Ele me acompanha já com direito de senhor. Por sua causa estive quase não vindo...

CARLOTINHA

Como assim? Ele recusaria...

HENRIQUETA

Não; mas meu pai convidou-o para acompanharnos, e eu lembrei-me que Eduardo sofreria tanto vendo-me junto desse homem, que um momento fiquei indecisa!

CARLOTINHA

Por quê? Ele sabe que tu não o amas.

HENRIQUETA

Não importa.

CARLOTINHA

Mas enfim vieste. Fizeste bem!

HENRIQUETA

Não sei se fiz bem. Fui arrastada! Creio que aos pés do altar, se ele me chamasse, eu ainda me voltaria para dizer-lhe, enquanto sou livre, que o amo e que só amarei a ele!

CENA VIII

(*Os mesmos, Vasconcellos, D. Maria, Azevedo.*)

VASCONCELLOS

Onde está o nosso doutor? Não há mais quem o veja.

CARLOTINHA

Subiu ao seu quarto; já volta.

VASCONCELLOS

Oh! D. Carlotinha! Como está?!... Apresento-lhe meu genro, o Sr. Azevedo. (*A Azevedo.*) É a mais íntima amiga de Henriqueta.

AZEVEDO

É eu o mais íntimo amigo de seu irmão! Há, portanto, dois motivos bastantes fortes para o meu respeito e consideração.

CARLOTINHA

Muito-obrigada! (*A Henriqueta.*) Vai te sentar; estás toda trêmula!

HENRIQUETA

(*Baixo.*) E ele, por que não vem?

CARLOTINHA

Não tarda! (*Afastam-se.*)

VASCONCELLOS

(*A D. Maria.*) Parece-me um excelente moço, e estou certo que há de fazer a felicidade de minha filha.

D. MARIA

É o que desejo; tenho muita amizade à sua menina e estimo que seu marido reúna todas as qualidades.

VASCONCELLOS

Para mim, se quer que lhe diga a verdade, só lhe noto um pequeno defeito.

D. MARIA

Qual? É jogador?

VASCONCELLOS

Não; o jogo não é um defeito, segundo dizem; tornou-se um divertimento de bom tom. O que noto em meu genro, e que desejo corrigir-lhe, é o mau costume de falar metade em francês e metade em português, de modo que ninguém o pode entender!

D. MARIA

Ah! Não observei ainda!

VASCONCELLOS

É uma mania que eles trazem de Paris e que os torna sofrivelmente ridículos. Mas não se querem convencer!

AZEVEDO

Tem um belo jardim, minha senhora, um verdadeiro *bosquet*. Oh! *C'est charmant!* Não perdôo, porém, a meu amigo Eduardo, não o ter aproveitado para fazer um *kiosque*. Ficaria magnífico!

VASCONCELLOS

Então, entendeu?

D. MARIA

Não, absolutamente nada!

VASCONCELLOS

O mesmo me sucede! Tanto que às vezes ainda duvido que realmente ele me tenha pedido a mão de Henriqueta!

D. MARIA

Ora! É demais! (*Sobem.*)

AZEVEDO

(*A Carlotinha.*) Aqui passa V. Excia. naturalmente as tardes, conversando com suas flores, em doce e suave *rêverie!*

CARLOTINHA

Não tenho o costume de sonhar acordada; isso é bom para as naturezas poéticas.

AZEVEDO

Les hommes sont poètes; les femmes sont la poésie, disse um distinto escritor. Oh! Eis a flor clássica da beleza.

CARLOTINHA

A camélia?

AZEVEDO

Sim, a camélia é hoje, em Paris, mais do que uma simples flor; é uma condecoração que a moda, verdadeira soberana, dá à mulher elegante.

CARLOTINHA

Parece-me que uma senhora não precisa de outro distintivo além de suas maneiras e de sua graça natural! Que dizes, Henriqueta?...

HENRIQUETA

Tens razão, Carlotinha; não é o enfeite que faz a mulher; é a mulher que faz o enfeite, que lhe dá expressão e o reflexo de sua beleza.

AZEVEDO

Teorias!... *Fumées d'esprit!*... (A Carlotinha.) Mas, minha senhora, disse há pouco que se podia fazer deste jardim um paraíso!

CARLOTINHA

Como? Diga-me; quero executar perfeitamente o seu plano.

AZEVEDO

Com muito gosto. Vou traçar-lhe em miniatura o jardim de minha casa; de nossa casa, D. Henriqueta.

CARLOTINHA

(A Henriqueta.) Deixo-te só! (Dá o braço a Azevedo.)

AZEVEDO

Aqui *un jet d'eau*. À noite é de um efeito maravilhoso! Além de que espalha uma frescura! (Afastam-se.)

CENA IX

(Os mesmos, Henriqueta, Eduardo, Vasconcellos, D. Maria.)

EDUARDO

D. Henriqueta!

HENRIQUETA

Ah!... Sr. Eduardo.

VASCONCELLOS

Como está? Eu não passo bem das minhas enxaquecas!

D. MARIA

É do tempo!

VASCONCELLOS

Qual, D. Maria! Moléstia de velho! Onde está ele? (A Eduardo.) Quero apresentar-lhe meu futuro genro.

EDUARDO

Conheço-o; é um dos meus camaradas de colégio!

VASCONCELLOS

Ah! Estimo muito. (A D. Maria.) Eu cá não tenho camaradas de colégio; mas tenho os de fogo! Na guerra da independência...

AZEVEDO

(Voltando.) Acabo de dar um passeio pelos Campos Elísios!

CARLOTINHA

Na imaginação... É lisonjeiro para mim!

EDUARDO

Boa tarde, Azevedo!

HENRIQUETA

(A Carlotinha.) Ah! Nunca esperei!

CARLOTINHA

O quê?

HENRIQUETA

Tu me iludiste!

AZEVEDO

Participo-te, meu caro, que tens uma irmã encantadora. Estou realmente fascinado. A sua conversa é uma *gerbe* de graça; uma *fusée* de ditos espirituosos!

EDUARDO

Admira! Pois nunca foi a Paris, nem está habituada a conversar com os moços elegantes!...

AZEVEDO

É realmente *étonnant!*

VASCONCELLOS

Ora, meu genro, se o senhor continua a falar desta maneira, obriga-me a trazer no bolso daqui em diante um dicionário de Fonseca.

AZEVEDO

Os estrangeiros têm razão! Estamos ainda muito atrasados no Brasil!

D. MARIA

Entremos, é quase noite!

TERCEIRO ATO

(Em casa de Eduardo. Sala interior.)

CENA I

(Eduardo, Henriqueta, Carlotinha, Azevedo, Vasconcellos, D. Maria, Pedro, Jorge.)
(Toma-se chá. Na mesa do centro, Carlotinha e Azevedo; à direita, Vasconcellos e D. Maria; à esquerda, Henriqueta; Eduardo passeia; Jorge numa banquinha à esquerda. Pedro serve.)

CARLOTINHA

Ora, Sr. Azevedo! Pois o senhor esteve em Paris e não aprendeu a fazer chá!...

AZEVEDO

Paris, minha senhora, não sabe tomar chá, é privilégio de Londres.

D. MARIA

(*A Pedro.*) Serve ao Sr. Vasconcellos.

PEDRO

(*Baixo, a Jorge.*) Eh! Nhonhô! Hoje não fica pão no prato, velho jarreta limpa a bandeja.

VASCONCELLOS

Excelentes fatias! É uma coisa que em sua casa sabem preparar!

CARLOTINHA

Mano Eduardo, venha tomar chá.

EDUARDO

Não; depois.

PEDRO

(*Baixo, a Carlotinha.*) Nanhã está enfeitando o moço!

CARLOTINHA

Henriqueta, não dizes nada! Estás tão calada!

HENRIQUETA

Tu me deixaste sozinha.

CARLOTINHA

Tens razão!... Ora, mano, deixe-se de passear e venha conversar com a gente.

AZEVEDO

É verdade. Em que pensas, Eduardo? Na homeopatia ou nalguma beleza *inconnue*?

EDUARDO

Penso na teoria do casamento que me expuseste esta manhã; estou convertido às tuas idéias.

AZEVEDO

Ah!... D. Carlotinha, não quer que a sirva?

CARLOTINHA

(*Ergue-se, a Eduardo.*) Vai-te sentar junto de Henriqueta.

EDUARDO

(*Baixo.*) Não; se me sento junto dela esqueço tudo. Tu me lembraste há pouco que sou chefe de uma família.

CARLOTINHA

Não o entendo.

EDUARDO

Daqui a pouco entenderás.

D. MARIA

Tens alguma coisa, meu filho?

EDUARDO

Não, minha mãe; espero alguém que tarda.

CARLOTINHA

(*A Henriqueta.*) Não te zangues!... (*Beija-a na face.*)

HENRIQUETA

Não, já estou habituada.

PEDRO

(*Servindo Henriqueta.*) Senhor moço Eduardo gosta muito de sinhá Henriqueta.

HENRIQUETA

Agora é que me dizes isto!

PEDRO

Ele há de casar com sinhá!

AZEVEDO

D. Maria, sabe? Sua filha está zombando desapiadamente de mim.

CARLOTINHA

Não creia, mamãe.

D. MARIA

De certo; não é possível, Sr. Azevedo.

VASCONCELLOS

(*A Pedro.*) Deixa ver isto!

PEDRO

(*Baixo.*) Sr. Vasconcellos come como impingem!

VASCONCELLOS

Heim!... (*D. Maria senta-se.*)

PEDRO

Este pão está muito gostoso!

JORGE

Vem cá, Pedro!

PEDRO

Guarda, nhonhô! Sinhá velha está só com olho revirado para ver se Pedro mete biscoito no bolso.

CARLOTINHA

Ora, Sr. Azevedo, não gosto de cumprimentos. Todo esse tempo, Henriqueta, o teu noivo não fez outra coisa senão dirigir-me finezas. Previno-te para que não acredites nelas!

HENRIQUETA

Estás tão alegre hoje, Carlotinha.

CARLOTINHA

Isto quer dizer que estás triste! Tens razão! Fui egoísta. Mas ele te ama!

HENRIQUETA

Tu o dizes!

AZEVEDO

(*A Eduardo.*) Realmente não esperava encontrar no Rio de Janeiro uma moça tão distinta como tua irmã. É uma verdadeira parisiense.

CARLOTINHA

Vamos para a sala! Venha, Sr. Azevedo. Mano...

CENA II

(*Vasconcellos, Pedro, D. Maria, Jorge.*)

VASCONCELLOS

É preciso também pensar em casar a Carlotinha, D.

Maria; já é tempo!

D. MARIA

Sim, está uma moça, mas, Sr. Vasconcellos, não me preocupo com isto. Há certas mães que desejam ver-se logo livres de suas filhas, e que só tratam de casá-las; eu sou o contrário.

VASCONCELLOS

Tem razão; também eu se não estivesse viúvo!... Mas isso de um homem não ter a sua dona de casa, é terrível! Anda tudo às avessas.

D. MARIA

Por isso não; Henriqueta é uma boa menina! Bem educada!...

VASCONCELLOS

Sim; é uma moça do tom; porém não serve para aquilo que se chama uma dona de casa! Estas meninas de hoje aprendem muita coisa: francês, italiano, desenho e música, mas não sabem fazer um bom doce de ovos, um biscoito gostoso! Isto era bom para o nosso tempo, D. Maria!

D. MARIA

Eram outros tempos, Sr. Vasconcellos; os usos deviam ser diferentes. Hoje as moças são educadas para a sala; antigamente eram para o interior da casa!

VASCONCELLOS

Que é o verdadeiro elemento. Confesso que hoje, que vou ficar só, se ainda encontrasse uma daquelas senhoras do meu tempo, mesmo viúva!...

D. MARIA

Vamos ouvir as meninas tocarem piano!... Cá deve estar mais fresco!

(Durante as cenas seguintes ouve-se, por momentos, o piano.)

CENA III

(Pedro, Jorge.)

PEDRO

Hó!... Tábuia mesmo na bochecha! Sinhá velha não brinca! Ora, senhor. Homem daquela idade, que não serve para mais nada, querendo casar. Para ter mulher que lhe tome pontos nas meias!

JORGE

Vou me divertir com ele.

PEDRO

Não; sinhá briga. Vá sentar-se lá junto de nhanhã Carlotinha, e ouça o que o Sr. Azevedo está dizendo a ela.

JORGE

Para quê?

PEDRO

Para contar a Pedro depois.

JORGE

Eu, não.

PEDRO

Pois Pedro não leva nhonhô para passear na Rua do Ouvidor.

JORGE

Ora, eu já vi!

PEDRO

Mas agora é que está bonita! Tem homem de pau vestido de casaca, com barba no queixo, em pé na porta da loja, e moça rodando como corrupio na vidraça de cabeleireiro.

JORGE

Está bom! Eu vou!

CENA IV

(Pedro, Vasconcellos, Jorge.)

VASCONCELLOS

Não deixaria por aqui a minha caixa e o meu lenço?

PEDRO

(A Jorge.) Um dia é capaz também de deixar o nariz!... Vintém é que não esquece nunca! Está grudado dentro do bolso!

JORGE

Lá no sofá, Sr. Vasconcellos!

VASCONCELLOS

Ah! Cá está! Acabou-se meu rapé! Chega aqui, Pedro!

PEDRO

Já vem maçada! *(Alto.)* Senhor quer alguma coisa?

VASCONCELLOS

Vai num pulo ali em casa, pede a Josefa que me encha esta caixa de rapé, e traze depressa.

PEDRO

Sim senhor; Pedro vai correndo.

VASCONCELLOS

Olha, não te esqueças de dizer-lhe que eu sei a altura em que deixei o pote. Às vezes gosta de tomar a sua pitada à minha custa.

PEDRO

Mas, Sr. Vasconcellos...

VASCONCELLOS

O que é? *(Jorge sai.)*

PEDRO

Nhonhô dá uns cobres para comprar... uma jaqueta.

VASCONCELLOS

Ora que luxo!... Uma jaqueta com esse calor?

PEDRO

É para passear num domingo, dia de procissão!

VASCONCELLOS

Pede ao teu senhor!

PEDRO

Qual!... Ele não dá!

VASCONCELLOS

Bom costume este! Vocês fazem pagar caro o chá que se toma nestas casas! Mas eu não concorro para semelhante abuso!

PEDRO

Ora! Dez tostões; moedinha de prata! Chá no hotel custa mais caro!

VASCONCELLOS

Sim; vai buscar o rapé e na volta falaremos.

*(Batem palmas.)***CENA V***(Eduardo, Alfredo.)***ALFREDO**

Boa noite. Ah! Dr. Eduardo...

EDUARDO

Sente-se, Sr. Alfredo; preciso falar-lhe.

ALFREDO

Peço-lhe desculpa de me ter demorado, mas quando levaram o seu bilhete não estava em casa, há pouco é que recebi e imediatamente...

EDUARDO

Obrigado; o que vou dizer-lhe é para mim de grande interesse, e por isso espero que me ouça com atenção.

ALFREDO

Estou às suas ordens.

EDUARDO

Sr. Alfredo, minha irmã me pediu que lhe entregasse esta carta.

ALFREDO

A minha!...

EDUARDO

Sim. Quanto à resposta, é a mim que compete dá-la. É o direito de um irmão, não o contestará, decerto.

ALFREDOPode fazer o que entender. *(Ergue-se.)***EDUARDO**

Queira sentar-se, senhor, creio que falo a um homem de honra, que não deve envergonhar-se dos seus atos.

ALFREDO

Eu o escuto!

EDUARDO

Não pense que vou dirigir-lhe exprobrações. Todo homem tem o direito de amar uma mulher; o amor é um sentimento natural e espontâneo, por isso não estranho, ao contrário, estimo, que minha irmã inspirasse uma afeição a uma pessoa cujo caráter aprecio.

ALFREDOEntão não sei para que essa espécie de *interrogatório!*...**EDUARDO**

Interrogatório? Ainda não lhe fiz uma só pergunta, e nem preciso fazer. Tenho unicamente um obséquio a pedir-lhe; e depois nos separaremos amigos ou simples conhecidos.

ALFREDO

Pode falar, Dr. Eduardo. Começo a compreendê-lo; e sinto ter a princípio interpretado mal as suas palavras.

EDUARDO

Ainda bem! Eu sabia que nos havíamos de entender; posso ser franco. Um homem que ama realmente uma moça, Sr. Alfredo, não deve expô-la ao ridículo e aos motejos dos indiferentes; não deve deixar que a sua afeição seja um tema para a malignidade dos vizinhos e dos curiosos.

ALFREDO

É uma acusação imerecida! Não dei ainda motivos...

EDUARDO

Estou convencido disso, e é justamente para que não os dê e não siga o exemplo de tantos outros, que tomei a liberdade de escrever-lhe convidando-o a vir aqui esta noite. Quero apresentá-lo à minha família.

ALFREDO

Como? Apesar do que sabe? E do que se passou?

EDUARDO

Mesmo pelo que sei e pelo que se passou. Tenho a este respeito certas idéias, não sou desses homens que entendam que a reputação de uma mulher deve ir até o ponto de não ser amada. Mas é no seio da sua família, ao lado do seu irmão, sob o olhar protetor de sua mãe, que uma moça deve receber o amor puro e casto daquele que ela tiver escolhido.

ALFREDO

Assim, me permite...

EDUARDO

Não permito aquilo que é um direito de todos. Somente lhe lembrarei uma coisa, e para isso não é necessário invocar a amizade. Qualquer alma, ainda a mais indiferente, compreenderá o alcance do que vou dizer.

ALFREDO

Não sei o que quer lembrar-me, doutor; se é, porém, o respeito que me deve merecer sua irmã, é escusado.

EDUARDO

Não; não é isso, nesse ponto confio no seu caráter, e confio sobretudo em minha irmã. O que lhe peço é

que, antes de aceitar o oferecimento que lhe fiz, reflita. Se a sua afeição é um capricho passageiro, não há necessidade de vir buscar, no seio da família, a flor modesta que se oculta na sombra e que perfuma com sua pureza a velhice de uma mãe, e os íntimos gozos da vida doméstica. O senhor é um moço distinto; pode ser recebido em todos os salões. Aí achará os protestos de um amor rapidamente esquecido; aí no delírio da valsa, e no abandono do baile, pode embriagar-se de prazer. E quando um dia sentir-se saciado, suas palavras não terão deixado num coração virgem o gérmen de uma paixão, que aumentará com o desprezo e o indiferentismo.

ALFREDO

A minha afeição, Dr. Eduardo, é séria e não se parece com esses amores de um dia!

EDUARDO

Bem; é o que desejava ouvir-lhe. (*Vai à porta da sala e faz um aceno.*)

CENA VI

(*Os mesmos, Carlotinha.*)

EDUARDO

Vem, mana; quero apresentar-te um dos meus amigos.

AZEVEDO

Agradeço!... (*A Eduardo, e a meia voz.*)

CARLOTINHA

Mano!... Que quer dizer isto?

EDUARDO

Uma coisa muito simples! Desejo que vejas de perto o homem que te interessa; conhecerás se ele é digno de ti.

CARLOTINHA

(*Com arrufo.*) Não quero!... Não gosto dele!

EDUARDO

Dir-lhe-ás isto mesmo. Em todo o caso é um amigo de teu irmão! (*A Alfredo.*) Previno-lhe, Sr. Alfredo, que não usamos cerimônias!

ALFREDO

Obrigado; quando se está entre amigos a intimidade é a mais respeitosa e a mais bela das etiquetas.

EDUARDO

Muito bem dito!

(*Pedro atravessa a cena, entra na sala com a caixa de rapé, volta e vem aparecer na porta do lado oposto.*)

D. MARIA

Henriqueta te chama, Carlotinha!

CARLOTINHA

Sim, mamãe! (*Sai.*)

EDUARDO

(*A Alfredo.*) É minha mãe! (*A D. Maria.*) Um dos meus amigos, o Sr. Alfredo, que vem pela primeira vez à nossa casa e que, espero, continuará a frequentá-la.

ALFREDO

Terei nisto o maior prazer. Eu estimava já, sem conhecê-la, a sua família.

D. MARIA

Pois venha sempre que queira. Os amigos de Eduardo são aqui recebidos como filhos da casa!

ALFREDO

Não mereço tanto, e a sua bondade, minha senhora, honra-me em extremo.

EDUARDO

Vamos, estão aqui na sala algumas pessoas de nossa amizade, a quem desejo apresentá-lo.

ALFREDO

Com muito gosto.

D. MARIA

Eu já volto!

CENA VII

(*Pedro, Carlotinha.*)

CARLOTINHA

Pedro, traz copos d'água na sala.

PEDRO

Ho! Nanhã!... Rato está dentro do queijo!

CARLOTINHA

Não te entendo!

PEDRO

Sr. Alfredo já sentado junto do piano, só alisando o bigodinho!

CARLOTINHA

Que tem isso?

PEDRO

Eh!... Casamento está fervendo! Pedro vai mandar lavar camisa de prega para o dia do banquete.

CARLOTINHA

Não ande dizendo estas coisas!

PEDRO

Ora não faz mal! E Sr. Azevedo? Nanhã viu! Está caído também, só arrastando a asa!

CARLOTINHA

Pedro!

CENA VIII

(*D. Maria, Eduardo.*)

D. MARIA

Aonde vais?

EDUARDO

Vinha mesmo em sua procura, minha mãe.

D. MARIA

Precisas falar-me?

EDUARDO

Quero dizer-lhe uma coisa que lhe interessa. Este moço, Alfredo...

D. MARIA

O teu amigo que me apresentaste?

EDUARDO

Ama Carlotinha!

D. MARIA

Ah! E ela sabe?

EDUARDO

Sabe e talvez já o ame!

D. MARIA

Não é possível! Tua irmã!...

EDUARDO

Sim, minha mãe; ela o ama, sem compreender ainda o sentimento que começa a revelar-se.

D. MARIA

E esse moço abriu-se contigo e pediu-te a mão de tua irmã?

EDUARDO

Não, minha mãe; eu disse-lhe que sabia a afeição que tinha à Carlotinha, e por isso queria apresentá-lo à minha família.

D. MARIA

E exigiste dele a promessa de casar-se com ela?

EDUARDO

Não; não exigi promessa alguma.

D. MARIA

Foi ele então que a fez espontaneamente?

EDUARDO

Não podia fazer, porque não tratamos de semelhante coisa.

D. MARIA

Mas, meu filho, não te entendo. Tu chamas para o interior da família um homem que faz a corte à tua irmã e nem sequer procuras saber as suas intenções!

EDUARDO

As intenções de um homem, ainda o mais honrado, minha mãe, pertencem ao futuro, que faz delas uma realidade ou uma mentira. Para que obrigar um moço honesto a mentir e faltar à sua palavra?...

D. MARIA

Assim tu julgas que é inútil pedir ou receber uma promessa?

EDUARDO

Completamente inútil, quando a promessa não constitui uma verdadeira obrigação social e um direito legítimo.

D. MARIA

Não te percebo!

EDUARDO

É preciso conhecer o coração humano, minha mãe, para saber quanto as pequeninas circunstâncias influem sobre os grandes sentimentos. O amor, sobretudo, recebe a impressão de qualquer acidente, ainda o mais imperceptível. O coração que ama de longe, que concentra o seu amor por não poder exprimi-lo, que vive separado pela distância, irrita-se com os obstáculos, e procura vencê-los para aproximar-se. Nessa luta da paixão cega todos os meios são bons; o afeto puro muitas vezes degenera em desejo insensato, e recorre a esses ardis de que um homem calmo se envergonharia; corrompe os nossos escravos, introduz a imoralidade no seio das famílias, devassa o interior da nossa casa, que deve ser sagrada como um templo, porque realmente é o templo da felicidade doméstica.

D. MARIA

Nisto tens razão, meu filho! É essa a causa de tantas desgraças que se dão na nossa sociedade e com pessoas bem respeitáveis; mas qual o meio de evitá-las?

EDUARDO

O meio?... É simples; é aquele que acabo de empregar e que vosmecê estranhou. Tire ao amor os obstáculos que o irritam, a distância que o fascina, a contrariedade que o cega, e ele se tornará calmo e puro como a essência de que dimana. Não há necessidade de recorrer a meios ocultos, quando se pode ver e falar livremente; no meio de uma sala, no seio da intimidade, troca-se uma palavra de afeto, um sorriso, uma doce confiança; mas, acredite-me, minha mãe, não se fazem as promessas e concessões perigosas que só arrancam o sentimento da impossibilidade.

D. MARIA

Mas supõe que este homem, que parece ter na sociedade uma posição honesta, não é digno de tua irmã, e que, portanto, com este meio, proteges uma união desigual?

EDUARDO

Não tenho esse receio. Ninguém conhece melhor o homem que a ama do que a própria mulher amada; mas para isso é preciso que o veja de perto, sem o falso brilho, sem as cores enganadoras que a imaginação empresta aos objetos desconhecidos e misteriosos. Numa carta apaixonada, numa entrevista alta noite, um desses nossos elegantes do Rio de Janeiro pode parecer-se com um herói de romance aos olhos de uma menina inexperiente; numa sala, conversando, são, quando muito, moços espirituosos ou frívolos. Não há heróis de casaca e

luneta, minha mãe; nem cenas de drama sobre o eterno tema do calor que está fazendo.

D. MARIA

(*Rindo.*) Pensas bem, Eduardo!

EDUARDO

Continue a educar o espírito de sua filha como tem feito até agora; e fique certa que, se Alfredo tivesse uma alma pequena e um mau caráter, Carlotinha descobriria primeiro, com a segunda vista do amor, do que a senhora com toda a sua solicitude e eu com toda a minha experiência.

D. MARIA

Desculpa, Eduardo. Sou mulher, sou mãe, sei adorar meus filhos, viver para eles, mas não conheço o mundo como tu. Assustei-me vendo que um perigo ameaçava tua irmã; tuas palavras, porém, tranquilizaram-me completamente.

CENA IX

(*Os mesmos, Carlotinha, Azevedo.*)

AZEVEDO

Pode-se fumar nesta sala?

EDUARDO

Por que não? Vou mandar-lhe dar charutos.

CARLOTINHA

(*Baixo.*) Por que nos deixou, mano? Henriqueta está tão triste!

EDUARDO

Tratava da tua felicidade.

D. MARIA

Acha a nossa casa muito insípida, não é verdade, Sr. Azevedo?

AZEVEDO

Ao contrário, minha senhora, muito agradável; aqui pode-se estar perfeitamente à *son aise*.

EDUARDO

(*A Pedro, na porta.*) Traz charutos.

CENA X

(*Azevedo, Eduardo.*)

AZEVEDO

Realmente, Henriqueta perde vista em uma sala; não tem aquele espírito que brilha, aquela graça que seduz, aquela altivez misturada de uma certa *nonchalance*, que distingue a mulher elegante.

EDUARDO

(*Rindo-se.*) Como! Já estás arrependido?

AZEVEDO

Não; não digo isto! É apenas uma comparação que acabo de fazer. Tua irmã Carlotinha é o contrário...

EDUARDO

Sabes a razão disto?

AZEVEDO

Não!...

EDUARDO

É por que já vês Henriqueta com olhos de marido!

AZEVEDO

Talvez!...

CENA XI

(*Azevedo, Pedro.*)

PEDRO

Charutos, Sr. Azevedo; havanas de primeira qualidade, da casa de Wallerstein!

AZEVEDO

Pelo que vejo já o experimentaste!

PEDRO

Pedro não fuma, não senhor; isto é bom para moço rico, que passeia de tarde, vendo as moças.

AZEVEDO

Então é preciso fumar para ver as moças?

PEDRO

Oh! Moça não gosta de rapaz que toma rapé, não, como esse velho Sr. Vasconcellos, que anda sempre pingando. Velho porco mesmo!...

AZEVEDO

Mas tem uma filha bonita!

PEDRO

Sinhá Henriqueta! Noiva de senhor!...

AZEVEDO

Tu já sabes?...

PEDRO

Ora já está tudo cheio. Na Rua do Ouvidor não se fala de outra coisa.

AZEVEDO

Ah! Quem espalharia? Apenas participei a alguns amigos...

PEDRO

O velho foi logo dizer a todo mundo. Vosmecê não sabe por quê?

AZEVEDO

Não; por quê?

PEDRO

Porque... Esse velho deve àquela gente toda da Rua do Ouvidor; filha dele gasta muito, credor não quer mais ouvir história e vai embrulhar o homem em papel selado. Então, para acomodar lojista, foi logo contar que estava para casar a filha com sujeito rico, que há de cair com os cobres!

AZEVEDO

Isso é verdade, moleque?

PEDRO

Caixeiro da loja me contou!

AZEVEDO

Mas é infame!... Um tal procedimento!... Especular com a minha boa fé!

PEDRO

Sr. Azevedo, não faz idéia. Esse velho, hi!... Tem feito coisas...

AZEVEDO

Vem cá; dize-me o que sabes, e dou-te uma molhadura.

PEDRO

Pedro diz, sim senhor; mesmo que vosmecê não dê nada. É um homem que ninguém pode aturar... Fala mal de todo mundo. Caloteiro como ele só. Rapé que toma é de meia cara. Na venda ninguém lhe dá nem um vintém de manteiga. Quando passa na rua, caixeiro, moleque, tudo zomba dele.

AZEVEDO

Um sogro desta qualidade!... É uma vergonha! Vejo-me obrigado a ir viver na Europa!...

PEDRO

Pedro já vem!... (*Vai à porta e volta.*) Filha dele, sinhá Henriqueta... Mas Sr. Azevedo vai casar com ela!...

AZEVEDO

Que tem isso? Gosto de conhecer as pessoas com quem tenho de viver.

PEDRO

Pois então, Pedro, fala; mas não diga a ninguém.

AZEVEDO

Podes ficar descansado!

PEDRO

Sr. Azevedo acha ela bonita?

AZEVEDO

Acho; por isso é que me caso.

PEDRO

Moça muda muito vista na sala!

AZEVEDO

Que queres dizer?

PEDRO

Modista faz milagre!

AZEVEDO

Então ela não é bem-feita de corpo?

PEDRO

Corpo?... Não tem! Aquilo tudo que senhor vê é pano só! Vestido vem acolchoado da casa da Bragaldi; algodão aqui, algodão aqui, algodão aqui! Cinturinha faz suar rapariga dela; uma aperta de lá, outra aperta de cá...

AZEVEDO

Não acredito! Estás aí a pregar-me mentiras.

PEDRO

Mentira! Pedro viu com esses olhos. Um dia de baile ela foi tomar respiração, cordão quebrou; e

rapariga, bum: lá estirada. Moça ficou desmaiada no sofá; preta deitando água-de-colônia na testa para voltar a si.

AZEVEDO

É tu viste isto?

PEDRO

Viu, sim senhor; Pedro tinha ido levar buquê que nhanhã Carlotinha mandava. Mas depois viu outra coisa... Um!...

AZEVEDO

Que foi? Dize; não me ocultes nada.

PEDRO

Água-de-colônia caiu no rosto e desmanchou reboque branco!...

AZEVEDO

Que diabo de história é esta! Reboque branco?

PEDRO

Ora, senhor não sabe; este pó que mulher deita na cara com pincel. Sinhá Henriqueta tem rosto pintadinho, como ovo de peru; para não aparecer, caia com pó-de-arroz e essa mistura que cabeleireiro vende.

AZEVEDO

Que mulher, meu Deus! Como um homem vive iludido neste mundo! Aquela candura...

PEDRO

Moça bonita é nhanhã Carlotinha! Essa sim! Não tem cá panos, nem pós! Pezinho de menina; cinturinha bem feitinha; não carece apertar! Sapatinho dela parece brinquedo de boneca. Cabelo muito; não precisa de crescente. Não é como a outra!

AZEVEDO

Então, D. Henriqueta tem o pé grande?

PEDRO

(*Fazendo o gesto.*) Isto só! Palmo e meio!... Às vezes nhanhã Carlotinha e as amigas zombam de veras! Mas não pergunte a ela, não! Sinhá velha fica maçada.

AZEVEDO

Não, não me importo com isto; mas vem cá; dize-me, nhanhã Carlotinha não gosta de moço nenhum?

PEDRO

Qual! Zomba deles todos. Esse rapaz, Sr. Alfredo, anda se engraçando, mas perde seu tempo. Homem sério assim, como Sr. Azevedo, é que agrada a ela.

AZEVEDO

Então pensas que...

PEDRO

Pedro não pensa nada! Viu só quando se tomava chá, risozinho faceiro... segredinho baixo...

AZEVEDO

(*Desvanecido.*) Não quer dizer nada!... Moças!...

CENA XII

(*Os mesmos e Alfredo.*)

ALFREDO

(*Na porta da sala, a Eduardo.*) Não se incomode. Boa noite!...

PEDRO

(*Baixo.*) Então, Sr. Alfredo!...

ALFREDO

Deixa-me.

PEDRO

(*Baixo.*) Está todo emproado!... Como não precisa mais...

AZEVEDO

(*Dando fogo a Alfredo.*) Pedro, amanhã vai à minha casa; tenho uns livros para mandar a Eduardo.

PEDRO

Sim, senhor. A que horas?

AZEVEDO

Depois do almoço.

CENA XIII

(*Alfredo, Azevedo.*)

ALFREDO

É raro encontrá-lo agora, Sr. Azevedo. Já não aparece nos bailes, nos teatros.

AZEVEDO

Estou me habituando à existência monótona da família.

ALFREDO

Monótona?

AZEVEDO

Sim. Um piano que toca, duas ou três moças que falam de modas; alguns velhos que dissertam sobre a carestia dos gêneros alimentícios e a diminuição do peso do pão, eis um verdadeiro *tableau* de família no Rio de Janeiro. Se fosse pintor faria um primeiro *prix au Conservatoire des Arts*.

ALFREDO

E havia de ser um belo quadro, estou certo; mais belo sem dúvida do que uma cena de salão.

AZEVEDO

Ora, meu caro, no salão tudo é vida; enquanto que aqui, se não fosse essa menina que realmente é espirituosa, D. Carlotinha, que faríamos, senão dormir e abrir a boca?

ALFREDO

É verdade; aqui dorme-se, porém sonha-se com a felicidade; no salão vive-se, mas a vida é uma bem triste realidade. Em vez de um piano há uma

rabeca, as moças não falam de modas, mas falam de bailes; os velhos não dissertam sobre a carestia, mas ocupam-se com a política. Que diz deste quadro, Sr. Azevedo, não acha que também vale a pena ser desenhado por um hábil artista, para a nossa “Academia de Belas-Artes”?

AZEVEDO

A nossa “Academia de Belas-Artes”? Pois temos isto aqui no Rio?

ALFREDO

Ignorava?

AZEVEDO

Uma caricatura, naturalmente... Não há arte em nosso país.

ALFREDO

A arte existe, Sr. Azevedo, o que não existe é o amor dela.

AZEVEDO

Sim, faltam os artistas.

ALFREDO

Faltam os homens que os compreendam; e sobram aqueles que só acreditam e estimam o que vem do estrangeiro.

AZEVEDO

(*Com desdém.*) Já foi a Paris, Sr. Alfredo?

ALFREDO

Não, senhor; desejo e ao mesmo tempo receio ir.

AZEVEDO

Por que razão?

ALFREDO

Porque tenho medo de, na volta, desprezar o meu país, em vez de amar nele o que há de bom e procurar corrigir o que é mau.

AZEVEDO

Pois aconselho-o que vá quanto antes! Vamos ver estas senhoras!

ALFREDO

Passa bem.

CENA XIV

(*Os mesmos, Carlotinha, Henriqueta.*)

CARLOTINHA

(*À Henriqueta.*) Já tão cedo? Que horas são, Sr. Azevedo?

ALFREDO

Nove e meia.

AZEVEDO

Quase dez. Como passa rapidamente o tempo aqui! (*Entra na sala.*)

CARLOTINHA

Então! Demora-te mais algum tempo. Sim?

HENRIQUETA

(*Baixo.*) Para quê?... Ele nem me fala!

ALFREDO

Minhas senhoras! Boa noite, D. Carlotinha.

CARLOTINHA

Adeus, Sr. Alfredo. Mamãe já lhe disse que a nossa casa está sempre aberta para receber os amigos.

ALFREDO

Se eu não temesse abusar...

CARLOTINHA

(Estendendo-lhe a mão.) Até amanhã!

ALFREDO

Boa noite! *(Sai.)*

CENA XV

(Carlotinha, Henriqueta.)

CARLOTINHA

Olha, Henriqueta! Tu não tens razão! Eduardo te ama, ele já te disse. Se hoje não tem falado contigo, é porque teu pai... teu noivo... não sei a razão! Mas deixa-te dessas desconfianças.

HENRIQUETA

Entretanto, depois de dois meses, ele devia achar um momento para ao menos dizer-me uma palavra que me desse esperança; porque, Carlotinha, se esse casamento era uma desgraça para mim, agora que tu dizes que ele me ama, tornou-se um martírio! Não sei o que faça... Quero confessar a meu pai!... E tenho medo!... Já deu sua palavra!...

CARLOTINHA

A tua felicidade vale mais do que todas as palavras do mundo.

HENRIQUETA

Tu não sabes!...

CARLOTINHA

Ah! Aqui está Eduardo!

CENA XVI

(As mesmas, Eduardo.)

EDUARDO

Enfim, posso falar-lhe, D. Henriqueta!

CARLOTINHA

Ela já te acusava!

EDUARDO

A mim?

HENRIQUETA

Eu não; disse apenas...

CARLOTINHA

Disse apenas que tu não tinhas achado um momento para dar-lhe uma palavra... de amor!

HENRIQUETA

De amizade! Foi o que eu disse.

EDUARDO

E tem razão; mas quando souber o motivo me desculpará.

HENRIQUETA

Ainda outro motivo!

EDUARDO

Sim; desta vez não é um engano, é um dever.

HENRIQUETA

Ah! Uma promessa, talvez...

CARLOTINHA

Que lembrança!...

EDUARDO

Disse um dever; um dever bem grave; mas que tem um rostinho muito risonho; olhe. *(Amimando a face de Carlotinha.)*

HENRIQUETA

Carlotinha!...

CARLOTINHA

Ah! Quer-se desculpar comigo! Pois vou-me embora!

HENRIQUETA

(Sorrindo.) Vem cá!

EDUARDO

Deixe; ficaremos sós.

CENA XVII

(Eduardo, Henriqueta.)

EDUARDO

Henriqueta, me perdoa?

HENRIQUETA

Perdoar-lhe!... Eu é que devia ter adivinhado!...

EDUARDO

E eu não devia ter compreendido que entre duas almas que se estimam não é preciso um intermediário? O amor que passa pelos estranhos perde a sua pureza... Carlotinha já lhe disse o que aconteceu?...

HENRIQUETA

Sim; ela me contou tudo, mas pareceu-me que me tinha enganado. Duvidei...

EDUARDO

Como?... Duvidou de mim!...

HENRIQUETA

Durante toda esta noite, não é a primeira vez que nos falamos e, entretanto, devíamos ter tanto que dizer-nos... Um tão longo silêncio...

EDUARDO

Não lhe dei já a razão?... Antes do meu amor, a felicidade de minha irmã. É um pequeno segredo que ela lhe contará, se já não lhe contou. Precisava tranqüilizar o meu espírito, porque não desejo misturar uma inquietação, um mau pensamento, às primeiras expansões do nosso amor!

HENRIQUETA

Ah! Carlotinha também ama! Ainda não me confiou o seu segredo!... Ela ao menos tem um irmão que lê em sua alma; há de ser feliz!...

EDUARDO

E nós, não o seremos?

HENRIQUETA

Quem sabe!

EDUARDO

Este casamento é impossível!

HENRIQUETA

Por quê?

EDUARDO

Porque vou confessar tudo a seu pai, e ele não sacrificará sua filha a uma palavra dada.

HENRIQUETA

E se recusar?

EDUARDO

Então respeitaremos sua vontade.

HENRIQUETA

Sim, ele é pai, mas...

EDUARDO

Mas o amor é soberano; não é isso, Henriqueta?

HENRIQUETA

E não se... vende!

EDUARDO

Que diz? Compreendo!

HENRIQUETA

Não, Eduardo, não compreenda, não procure compreender! Foi uma idéia louca que me passou pelo espírito; não sei nada!... Uma filha pode acusar seu pai?

EDUARDO

Não; mas pode confiar a um amigo uma queixa de outro amigo.

HENRIQUETA

Pois bem, eu lhe digo. Meu pai deve a esse homem, e julgou que não podia recusar-lhe a minha mão, apesar das minhas instâncias. Lutei um mês inteiro, Eduardo, mas lutei só; e uma mulher é sempre fraca, sobretudo quando se exige dela um sacrifício!

EDUARDO

Tem razão; se lutássemos juntos, talvez...

HENRIQUETA

Oh! Então eu defenderia a nossa felicidade; mas lutar para conservar apenas uma triste esperança!

CENA XVIII

(Os mesmos, Vasconcellos, Azevedo, D. Maria.)

VASCONCELLOS

Vamos, menina! É tarde.

HENRIQUETA

Sim, meu pai. (*A meia voz.*) Adeus, Eduardo! Até!...

EDUARDO

Até sempre, Henriqueta!

HENRIQUETA

Carlotinha, meu chapéu.

CARLOTINHA

Toma! Estás mais contentezinha?

HENRIQUETA

Maliciosa!...

AZEVEDO

Meu sogro, dispense-me acompanhá-lo. Um homem não deve andar agarrado à sua *fiancée*. É *mauvais genre*.

HENRIQUETA

Não se incomode. D. Maria, boa noite! Doutor!... (*Sobem.*)

EDUARDO

Uma palavra, Azevedo.

AZEVEDO

Às tuas ordens.

EDUARDO

Quanto te deve o Sr. Vasconcellos?

AZEVEDO

Uma bagatela! Dez contos de réis!

EDUARDO

Ah! Porque desejava saber quanto custa uma mulher em primeira mão.

AZEVEDO

(*Rindo.*) *Vraiment!*

QUARTO ATO

(*Em casa de Eduardo. Sala de visitas.*)

CENA I

(*Eduardo, Henriqueta, Carlotinha, Pedro.*)
(*Carlotinha na janela; Pedro sacudindo os tapetes.*)

CARLOTINHA

(*Baixo a Pedro.*) Não passará ainda hoje?

PEDRO

Não sei, nhanhã.

CARLOTINHA

Estará doente?... Zangado comigo?... Por quê?...

PEDRO

Não se importe mais com ele! Há tanto moço bonito! Sr. Azevedo...

(*Pedro vai colocar o tapete e sai.*)

CENA II

(*Eduardo, Henriqueta, Carlotinha.*)

EDUARDO

Quando eu lhe digo que espere, Henriqueta, é

porque estou convencido de que há um meio de desfazer esse casamento sem a menor humilhação para seu pai.

HENRIQUETA
E esse meio qual é?

EDUARDO
Não lhe posso dizer; é meu segredo.

HENRIQUETA
Ah! Tens segredos para mim?

EDUARDO
É injusta fazendo-me essa exprobração, Henriqueta. Se não lhe falo francamente é porque não desejo que partilhe, ainda mesmo em pensamento, os desgostos, as contrariedades que eu há um mês tenho sofrido para conseguir esse meio de que lhe falei.

HENRIQUETA
Mas, Eduardo, uma parte dessas contrariedades me pertence, e por dois títulos; porque se trata de mim, e porque nos... estimamos!

EDUARDO
Porque nos amamos: é verdade! Mas, nessa partilha igual que fazem duas almas da sua dor e do seu prazer, há a diferença das forças. À mulher cabe a parte do consolo, ou da ternura; ao homem, a parte da coragem e do trabalho.

HENRIQUETA
Então eu não tenho o direito de fazer também alguma coisa para a nossa felicidade?

EDUARDO
Não disse isto! Faz muito!

HENRIQUETA
Como? Se toma para si tudo e não me quer deixar nem mesmo a metade dos cuidados?

EDUARDO
E quem me dá força para prosseguir e a fé para trabalhar? Não são esses momentos que todos os dias passamos juntos aqui ou em sua casa?

HENRIQUETA
Assim, não me quer dizer qual é essa esperança?

EDUARDO
Não desejo afligi-la com idéias mesquinhas. Os homens inventaram certas coisas, como os algarismos, o dinheiro e o cálculo, que não devem preocupar o espírito das senhoras.

HENRIQUETA
Por quê? Somos nós tão fracas de inteligência?...

EDUARDO
Não é por isso; é porque tiram-lhe o perfume e a poesia.

HENRIQUETA
Isso é muito bonito, mas não me diz o que desejo saber.

EDUARDO
O quê?

HENRIQUETA
O meio por que há de desfazer o meu casamento.

EDUARDO
Ainda insiste; pois bem, hoje mesmo lhe direi.

HENRIQUETA
Sim?

EDUARDO
Talvez daqui a uma hora.

CARLOTINHA
Mano, aí entrou uma pessoa, que julgo procurar por você.

EDUARDO
Há de ser naturalmente o negociante que espero.

CENA III

(Os mesmos e Pedro.)

PEDRO
Está aí o homem que escreveu aquela carta; quer falar ao senhor.

EDUARDO
Manda-o entrar para o meu gabinete.

PEDRO
(Baixo, a Carlottinha.) Nanhã Carlottinha está triste!... Hi!...

EDUARDO
Até logo, Henriqueta.

HENRIQUETA
Já! Que vai fazer?

EDUARDO
Concluir um pequeno negócio, ao mesmo tempo realizar um pensamento que me foi inspirado pelo nosso amor.

HENRIQUETA
Como?

EDUARDO
Quero solenizar a nossa felicidade, Henriqueta, exercendo um dos mais belos direitos que tem o homem na nossa sociedade.

HENRIQUETA
Qual?

EDUARDO
O direito de dar a liberdade!

HENRIQUETA
Não entendo.

EDUARDO
Dir-lhe-ei tudo logo.

HENRIQUETA
Volte, sim?

EDUARDO
Demorar-me-ei apenas o tempo de assinar um papel e escrever algumas linhas.

CENA IV*(Henriqueta, Carlotinha.)***HENRIQUETA**

Sabes, Carlotinha, tenho uma queixa de ti.

CARLOTINHA

De mim? Que te fiz eu, má?

HENRIQUETA

Há um mês espero que me contes uma coisa, e ainda não me disseste uma palavra.

CARLOTINHA

De quê? Não sei!

HENRIQUETA

Do teu segredo; não te confiei o meu?

CARLOTINHA

Ah! Quem te disse?

HENRIQUETA

Eduardo.

CARLOTINHA

Não acredites, ele estava gracejando.

HENRIQUETA

Não, tu amas, Carlotinha, e nunca me falas dos teus sonhos, de tuas esperanças. Não sou eu mais tua amiga?

CARLOTINHA

Pois duvidas?

HENRIQUETA

Se fosses, não me ocultarias o que sentes.

CARLOTINHA

Não te zangues; eu te contarei tudo, mas custa tanto falar dessas coisas!

HENRIQUETA

Com aqueles que nos compreendem é um prazer bem doce.

CARLOTINHA

Olha, o meu segredo... Porém não sei como hei de começar isto.

HENRIQUETA

Começa pelo nome. Como ele se chama?

CARLOTINHA*(Confusa.)* Alfredo.**HENRIQUETA**

Este moço que teu mano nos apresentou?

CARLOTINHA

Sim. Todas as manhãs, faça bom ou mau tempo, passa por aqui ao meio-dia; quase nem olha para esta janela, donde eu espero escondida entre as cortinas; ninguém nos vê, mas nós nos vemos.

HENRIQUETA

Depois?

CARLOTINHA

À noite vem visitar-nos, como tu sabes; todo o tempo conversa com mamãe, ou com mano enquanto tu e eu brincamos ao piano. À hora do

chá sentamo-nos juntos; ele diz que me viu de manhã, eu respondo que estava distraída e não o vi. Às vezes...

HENRIQUETA

Acaba, não tenhas vergonha. Eu também amo.

CARLOTINHA

Pois sim. Às vezes nossas mãos se encontram sem querer; ele fica pálido, e eu corro toda trêmula para junto de ti. Daí a pouco são dez horas, todos se retiram: então chego à janela e sigo-o com os olhos, até que desaparece no fim da rua.

HENRIQUETA

E é este todo o teu segredo?

CARLOTINHA

Todo.

HENRIQUETA

Parece-se com o meu: ver-se de longe, trocar um olhar, amar em silêncio. Há só uma diferença.

CARLOTINHA

Qual?

HENRIQUETA

Tu és feliz, porque és livre, enquanto eu...

CARLOTINHA

Tu és correspondida, Henriqueta; mano Eduardo te ama!

HENRIQUETA

E Alfredo, não te ama?

CARLOTINHA

Não sei, tenho medo; há quatro dias que não o vejo. Levo a contar as horas.

HENRIQUETA

Donde procede esta mudança? Fizeste-lhe alguma coisa?

CARLOTINHA

Eu?... Se procuro adivinhar os seus pensamentos!

HENRIQUETA

Entretanto deve haver um motivo...

CARLOTINHA

Tenho querido me recordar, e só acho este. No domingo veio passar a manhã aqui; eu o deixei um momento para te escrever e voltei logo. Quando chamei Pedro para levar-te a carta, ele levantou-se de repente, despediu-se de mamãe, cumprimentou-me friamente, e desde então não o tenho visto. Ficou zangado comigo por ter saído um momento de junto dele.

HENRIQUETANão faças caso, isso passa. Hoje mesmo ele virá arrependido pedir-te perdão. Mas, a propósito da carta que me escreveste domingo, eu trouxe-a mesmo para brigar contigo, travessa! *(Tira a carta.)***CARLOTINHA**

Por quê? Pela sobrescrita?

HENRIQUETA

Essa é uma das razões; para que escreveste *Madame Azevedo*? Não sabes que essa idéia me mortifica?

CARLOTINHA

Desculpa, foi um gracejo.

HENRIQUETA

Além disso, não tinhas outra pessoa por quem mandar a carta, senão ele?

CARLOTINHA

Ele quem? O Azevedo?

HENRIQUETA

Sim; foi ele que ma entregou.

CARLOTINHA

Mas não é possível; eu mandei por Pedro; e recomendei-lhe que não a mostrasse a ninguém, mesmo por causa da sobrescrita!...

HENRIQUETA

Não compreendo, então, como foi parar nas mãos desse homem. Tive um desgosto... e um medo!... Tu falavas de Eduardo!

CARLOTINHA

Espera, vou perguntar a Pedro que quer dizer isto! (*Na porta.*) Pedro!...

HENRIQUETA

Deixa, não vale a pena.

CARLOTINHA

Não, é muito mal feito.

CENA V

(*Os mesmos, Pedro.*)

PEDRO

Nhanhã chamou?

CARLOTINHA

Quero saber como é que a carta que eu lhe dei para Henriqueta foi parar em mão de Sr. Azevedo.

PEDRO

Ele me encontrou na rua, e tomou para entregar.

CARLOTINHA

Não te disse que não queria que ninguém visse a sobrescrita?

PEDRO

Ele é noivo de sinhá Henriqueta: não faz mal.

HENRIQUETA

Está bom; não pensemos mais nisto.

CARLOTINHA

Não quero que outra vez suceda o mesmo. (*A Pedro.*) Entendeste?

PEDRO

Sim, nahanhã. Pedro sabe o que faz! (*Batem palmas.*)

CARLOTINHA

Que quer dizer?

CENA VI

(*Henriqueta, Carlotinha, Azevedo, Pedro, no fundo.*)

HENRIQUETA

Há de ser ele.

CARLOTINHA

Alfredo! Ah! Se fosse...

HENRIQUETA

Queres apostar?

CARLOTINHA

Ora, é o Azevedo. Eu logo vi!

AZEVEDO

Como passou, D. Carlotinha? D. Henriqueta?

CARLOTINHA

O senhor parece que adivinha, Sr. Azevedo?

AZEVEDO

Por quê?! Por encontrá-la hoje tão bela? Está realmente *éblouissante!*

CARLOTINHA

Faça-se de esquerdo! A minha beleza serve de pretexto para elogiar a de Henriqueta!

AZEVEDO

A senhora quer dizer o contrário...

CARLOTINHA

Quero dizer que o senhor adivinhou quem estava aqui hoje.

AZEVEDO

Quem?... Não vejo ninguém.

CARLOTINHA

Nem a sua noiva? Era esta palavra que o senhor queria ouvir!

AZEVEDO

Sim, era esta palavra que eu desejava ouvir dos seus lábios.

CARLOTINHA

(*Baixo, à Henriqueta.*) Que fátuo! (*Alto.*) Vem, Henriqueta; vamos chamar mamãe para falar ao Sr. Azevedo.

AZEVEDO

Então deixa-me só?

HENRIQUETA

Oh! Um homem como o senhor pode ficar só? Paris inteira lhe fará companhia!

CARLOTINHA

Suponha que está no Boulevard dos Italianos.

AZEVEDO

Não. Mas conversarei com esta flor, ela me dirá em perfumes o que os lábios que a bafejaram recusaram dizer em palavras.

CARLOTINHA

Como está poético! Aquilo é contigo, Henriqueta.

HENRIQUETA

Comigo, não! É com quem lhe mandou a violeta! Vamos!

CARLOTINHA

Pois, Sr. Azevedo, nós o deixamos no seu colóquio amoroso.

CENA VII

(Azevedo, Pedro.)

AZEVEDO

Foge-me!...

PEDRO

Como vai paixão por nhanhã Carlotinha, Sr. Azevedo? Flor já está na dança!

AZEVEDO

Queria mesmo te falar a este respeito! Não entendo tua senhora. Tu dizes que ela gosta de mim *et pourtant...*

PEDRO

Parlez-vous français, monsieur?

AZEVEDO

Ela faz que não me compreende! Trata-me com indiferença.

PEDRO

Pudera não! O senhor vai se casar.

AZEVEDO

Ah! Tu pensas que é esta a razão!

PEDRO

Nhanhã mesmo me disse! Moça solteira não pode receber corte de homem que é noivo de outra mulher. É feio, e faz cócega dentro do coração; cócega que se chama ciúme!

AZEVEDO

Então é o meu casamento que impede!... E nem me lembrava de semelhante coisa! Com efeito, Henriqueta é sua amiga; ela julga talvez que a amo...

PEDRO

Mas isto não quer dizer nada. Ela gosta de vosmecê, gosta muito! Ontem, quando mandou essa violeta que o senhor tem na casaca, beijou primeiro.

AZEVEDO

E foi ela mesma quem se lembrou de mandar-me?

PEDRO

Ela mesma, sem que eu pedisse nada!

AZEVEDO

Bem; eu sei o que me resta fazer.

PEDRO

Já vai? Não espera por sinhá velha?

AZEVEDO

Não, eu já volto. É preciso tomar uma resolução: *il le faut!*

PEDRO

Monsieur está pensando!

AZEVEDO

Dize a D. Carlotinha... Não, não lhe digas nada! Eu quero ser o primeiro a anunciar-lhe.

CENA VIII

(Pedro, Jorge.)

PEDRO

Oh! Já voltou do colégio. Agora mesmo deu meio-dia!

JORGE

Tive licença para sair mais cedo.

PEDRO

Nhonhô já sabe novidade?

JORGE

Que novidade?

PEDRO

Novidade grande! Senhor moço Eduardo vai casar com nhanhã Henriqueta!

JORGE

Ah!... E o noivo dela?

PEDRO

Sr. Azevedo? Casa com nhanhã Carlotinha.

JORGE

Mana?... E o Sr. Alfredo?

PEDRO

Fica logrado. Para rematar a festa, velho Vasconcellos casa com sinhá velha.

JORGE

É mentira!

PEDRO

Há de ver!

JORGE

Então tudo se casa?

PEDRO

Tudo, tudo. Nhonhô também carece ver uma meninazinha bonita... Mas vosmecê ainda não sabe namorar!...

JORGE

Eu não!

PEDRO

Pois precisa aprender, que já está franguinho. Pedro ensina.

JORGE

É tu sabes?

PEDRO

(*Rindo-se.*) Ora!... Nhonhô pede dinheiro a mamãe e compra luneta.

JORGE

Para quê?

PEDRO

Sem isso não se namora. Quando nhonhô tiver luneta, prende no canto do olho, e deita para a

moça. Ela começa logo a se remexer e a ficar cor de pimentinha malagueta. Então rapaz fino volta as costas, assim como quem não faz caso; e moça só espiando ele. Daí a pouco, fogo, luneta segunda vez; ela volta a cara para o outro lado, mas está vendo tudo! Nhonhô deixa passar um momento, fogo, luneta terceira vez; aí moça não resiste mais, cai por força, com o olho requebrado só, namoro está ferrado. Rapaz torce o bigodinho... Mas vosmecê não tem bigode!...

JORGE
Olha! Não tarda nascer!

PEDRO
Qual! Está liso como um frasco!

JORGE
(*Ouvindo entrar.*) Quem é?

PEDRO
Velho tabaquista!

JORGE
Que vai casar com mamãe.

PEDRO
Psui! Não diga nada, não!

CENA IX

(*Pedro, Vasconcellos, Jorge.*)

VASCONCELLOS
Onde está esta gente! Henriqueta fica para jantar?

PEDRO
Sim, senhor; nãnhã Carlotinha não quer deixar ela ir.

JORGE
(*Saindo.*) Eu vou chamá-la!

VASCONCELLOS
Não precisa. (*A Pedro.*) Dize-lhe que à tarde virei buscá-la.

PEDRO
Vosmecê vai para casa?

VASCONCELLOS
Não, por que perguntas?

PEDRO
Porque Sr. Azevedo saiu daqui agora mesmo, para ir falar a vosmecê.

VASCONCELLOS
Sobre quê? Alguma coisa de novo?

PEDRO
Negócio importante. Pedro não sabe; mas ele parecia zangado.

VASCONCELLOS
Ora, que me importam as suas zangas.

PEDRO
Senhor não deve mesmo se importar; esse Sr. Azevedo tem uma língua... Sabe o que ele disse?

VASCONCELLOS
Não quero saber.

PEDRO
Disse a senhor moço Eduardo, a casa estava cheia de gente, disse que Sr. Vasconcellos é um... nome muito ruim!

VASCONCELLOS
Um quê, moleque?

PEDRO
Um pinga!

VASCONCELLOS
Heim!... Não é possível!

PEDRO
Ora! Aquele moço não tem respeito a senhor velho. (*Faz uma careta.*)

VASCONCELLOS
Pois hei de ensinar-lhe a ter.

PEDRO
Precisa mesmo, para não andar enchendo a boca de que comprou filha de senhor com seu dinheiro dele.

VASCONCELLOS
Comprou minha filha! Ah! Miserável! (*Batem palmas.*)

PEDRO
Pode entrar.

CENA X

(*Os mesmos, Alfredo.*)

PEDRO
(*A Alfredo.*) Vosmecê espere, vou chamar senhor moço Eduardo.

ALFREDO
Sim, dize-lhe que desejo falar-lhe com instância.

VASCONCELLOS
(*A Pedro.*) Há muito tempo que ele saiu?

PEDRO
Sr. Azevedo?... Agora mesmo.

VASCONCELLOS
Vou à sua procura. Preciso de uma explicação.

CENA XI

(*Pedro, Alfredo.*)

PEDRO
O velho vai deitando azeite às camadas! Noivo da filha virou de rumo e agora só quer casar com nãnhã Carlotinha.

ALFREDO
Oh! Ele pode desejar todas as mulheres, é rico!

PEDRO
Não sei também; essas moças... têm cabecinha de vento; um dia gostam de um, outro dia gostam de

outro. Nhanhã, que esperava todo o dia para ver Sr. Alfredo passar, nem se lembra mais; escreveu aquela carta a Sr. Azevedo!

ALFREDO
Se não fosse essa carta, eu ainda duvidava!...

PEDRO
Vosmecê bem viu, no domingo, ela me dar a sua vista, e eu entregar na rua a ele, a Sr. Azevedo.

ALFREDO
Sim; e foi preciso ver seu nome escrito!... Quem diria que tanta inocência e tanta timidez eram o disfarce de uma alma perversa! Meu Deus! Onde se encontrará nestes tempos a inocência, se no seio de uma família honesta ela murcha e não vinga!

PEDRO
Ora, Sr. Alfredo, tem tanta moça bonita! Pode escolher.

ALFREDO
Vai prevenir a Eduardo!

CENA XII

(*Os mesmos, Carlotinha, Henriqueta.*)

CARLOTINHA
Ah! Ele está aí!...

HENRIQUETA
Não te disse? Já volto.

CARLOTINHA
Queres deixar-me só com ele! Não, eu te peço.

PEDRO
(*A Alfredo.*) Nhanhã! Como ela está alegre!

ALFREDO
É por ele! (*Cumprimenta.*)

CARLOTINHA
(*A Henriqueta.*) Nem me fala! Que ar sério!

HENRIQUETA
É, talvez, por minha causa.

CARLOTINHA
Não, fica.

PEDRO
(*A Carlotinha.*) Agora é que nhanhã deve ensiná-lo; e não fazer caso dele! (*Sai.*)

CARLOTINHA
(*A Henriqueta.*) Nem me olha!

HENRIQUETA
Com efeito, ele tem alguma coisa que o mortifica.

CARLOTINHA
Se eu lhe falasse!...

HENRIQUETA
É verdade, dize-lhe uma palavra.

CARLOTINHA
Oh! Não tenho ânimo!

HENRIQUETA
(*A Carlotinha.*) Espera, com ele eu sou mais animosa do que tu. Vou falar-lhe.

CARLOTINHA
Mas não lhe digas nada a meu respeito.

HENRIQUETA
Não. Então, Sr. Alfredo, tem ido estas noites ao teatro?

ALFREDO
É verdade, minha senhora, para distrair-me.

CARLOTINHA
(*A Henriqueta.*) Distrair-se... De pensar em mim!

HENRIQUETA
O teatro é mais divertido do que as nossas noites, aqui em casa de Carlotinha ou na minha. Não é verdade?

ALFREDO
Não, minha senhora, mas no teatro se está no meio de indiferentes, e, portanto, não há receio de que se incomode com a sua presença aquelas pessoas que se estima.

CARLOTINHA
(*A Henriqueta.*) Com que ar diz ele isto! Tu compreendes?

HENRIQUETA
Mas, Sr. Alfredo, me parece que isto não se refere a nós, que nunca demos demonstrações...

ALFREDO
A senhora, não, D. Henriqueta.

CARLOTINHA
É a mim, então... (*Silêncio de Alfredo.*)

HENRIQUETA
Mas explique-se, Sr. Alfredo; eu creio que há nisto algum equívoco.

ALFREDO
Há certas coisas que se sentem, D. Henriqueta, mas que não se dizem. Quando nos habituamos a venerar um objeto por muito tempo, podemos odiá-lo um dia, porém o respeitamos sempre!

CARLOTINHA
Mas ninguém tem direito de condenar sem ouvir aqueles a quem acusa.

HENRIQUETA
Decerto; muitas vezes uma palavra mal interpretada...

ALFREDO
Não é uma palavra, D. Henriqueta, é uma carta!

CARLOTINHA
Que significa isto? Tu entendes, Henriqueta?

HENRIQUETA
Não, minha amiga, mas o Sr. Alfredo vai nos esclarecer esse enigma.

ALFREDO
Perdão, minhas senhoras, aí vem Eduardo, e eu tenho de falar-lhe sobre um objeto que não admite demora. (*Sobe.*)

CARLOTINHA

Oh! É cruel! Tu sofrerias como estou sofrendo, Henriqueta!

HENRIQUETA

Tu sofres há alguns instantes, eu sofri dois meses! E era o desprezo!

CARLOTINHA

E isto o que é?

HENRIQUETA

Vem. Depois Eduardo nos contará.

CARLOTINHA

Sim, vamos! Preciso chorar!

CENA XIII

(*Eduardo, Alfredo.*)

EDUARDO

Estamos sós, Alfredo. Sente-se e diga-me que negócio é esse tão grave! Um médico está habituado a ver rostos bem tristes, mas o seu inquieta-me.

ALFREDO

É que realmente aquilo de que pretendo falar-lhe me penaliza em extremo; e se não considerasse um dever vir eu próprio comunicá-lo, preferiria servir-me de uma carta.

EDUARDO

E fez bem. Dois amigos entendem-se melhor conversando; uma carta é um papel frio, sobre o qual se acham as palavras, mas não a voz, a fisionomia e o coração da pessoa que fala.

ALFREDO

Outra razão ainda: uma carta é uma prova material que fica, e pode extraviar-se. O que vou dizer-lhe não deve ser sabido senão pelo senhor; eu mesmo devo esquecê-lo.

EDUARDO

Vamos, fale sem o menor receio.

ALFREDO

Há um mês, Eduardo, recebi uma prova de confiança da sua parte, que me penhorou em extremo. Sabendo que eu amava sua irmã, sem exigir de mim uma promessa, apresentou-me à sua família e abriu-me o interior da sua casa.

EDUARDO

E deí um passo bem acertado, porque fiz de um simples conhecido um amigo; e tenho tido ocasiões de apreciar o seu caráter.

ALFREDO

É bondade sua. Eu amava sua irmã, era um amor sério e que só esperava uma animação da parte dela, para pedir o consentimento de sua família. Pareceu-me que era aceito; obtive autorização de meu pai, e vim um dia com a intenção de pedir-

lhe a mão de D. Carlotinha. Fui talvez apressado: mas eu queria quanto antes dar-lhe uma prova de que a sua confiança não tinha sido mal correspondida.

EDUARDO

Nunca tive esse receio. Mas dizia que veio...

ALFREDO

Deixe-me continuar. Chegamos ao ponto delicado e falta-me a coragem para confessar-lhe...

EDUARDO

Não sei o que pretende dizer; meu amigo, reflita que, quando se trata de uma senhora, as reticências são sempre uma injúria. A verdade nua, qualquer que ela seja; em objetos de honra, a dúvida é uma ofensa.

ALFREDO

Perdão, não se trata de honra; é uma simples questão de sentimento. Eu me enganei, Eduardo. Julgava que sua irmã aceitava o meu amor e a minha vaidade me iludia. Então, entendi que se não me era permitido dar a prova que eu desejava de minha afeição, devia ao menos, ao retirar-me de sua casa, explicar-lhe os motivos que a isso me obrigavam. Perco uma bem doce esperança; mas quero conservar uma estima que prezo.

EDUARDO

Obrigado, Alfredo; o seu procedimento honra-o. Mas deixe que lhe diga; se há um engano da sua parte, é talvez na interpretação dos sentimentos de minha irmã.

ALFREDO

Ela ama a outro, Eduardo.

EDUARDO

Tem certeza disso?

ALFREDO

Tenho convicção profunda.

EDUARDO

Pode ser uma convicção falsa.

ALFREDO

Não me obrigue a apresentar-lhe as provas.

EDUARDO

São essas provas que eu peço! Tenho direito a elas...

ALFREDO

Por quê? Não ofendem o caráter de D. Carlotinha.

EDUARDO

Mas revelam seus sentimentos, que eu devo conhecer como seu irmão.

CENA XIV

(*Os mesmos, Carlotinha, Henriqueta.*)

CARLOTINHA

E que eu exijo que se patenteiem, porque não me envergonham, Eduardo!

EDUARDO

Tu ouvias, Carlotinha!

CARLOTINHA

Sim, mano. Trata-se de mim; fiz mal?

EDUARDO

Não, minha irmã, eu mesmo te chamaria se não quisesse poupar-te um pequeno desgosto. Mas, já que aqui estás, fica. Alfredo parece que tem algumas queixas de nós; julgarás se ele é injusto.

HENRIQUETA*(A meia voz, a Eduardo.)* Ele está iludido!

Carlotinha o ama!

EDUARDOEu sabia! *(Continuam a conversar.)***CARLOTINHA**

O Sr. Alfredo diz que tem provas de que amo outro homem... Reclamo essas provas.

ALFREDO

Não é possível, D. Carlotinha! Na minha boca seriam uma exprobração ridícula e ofensiva. Guardo-as comigo e respeito os sentimentos que não soube inspirar.

CARLOTINHA

O senhor não me as quer dar?... Pois bem, serei eu que provarei o contrário!... Eis a prova...

*(Estendendo-lhe a mão.)***ALFREDO**Ah!... *(Tomando a mão.)* Mas essa mão não pode ser minha!**CARLOTINHA**

Por quê?

ALFREDO

Porque escreveu a outro e lhe pertence!

CARLOTINHA

Meu Deus! Mano, Henriqueta!...

EDUARDO

Que tens?

CARLOTINHA

Ele diz que eu amo a outro, que lhe escrevi!...

Quando a ele...

ALFREDO

Não devia dizê-lo; mas foi o amor ofendido, e não a razão, que falou.

EDUARDO

Sei que é incapaz de tornar-se eco de uma calúnia; para dizer o que acabo de ouvir é preciso que tenha certeza do que afirma. A quem escreveu minha irmã, Alfredo?

ALFREDO

Perdão!... Não devo!

EDUARDO

Exijo!...

ALFREDO

Ao Sr. Azevedo!

HENRIQUETA

É impossível!

CARLOTINHA

Ele acredita!

EDUARDO

O senhor viu essa carta?

ALFREDO

Vi essa carta sair da mão que a escreveu e ser entregue àquele a quem era destinada! *(Rumor de passos.)*

EDUARDO

Silêncio, senhor!

CENA XV*(Os mesmos, Azevedo.)***AZEVEDO**

(A Eduardo.) Cher ami! *(A meia voz.)* Acabo de ter uma cena bastante animada, *échauffante* mesmo!

EDUARDO

Por que motivo?

AZEVEDO

Eu lhe digo. *(Afastam-se.)* Rompi o meu casamento com Henriqueta; e acabo de participá-lo ao Sr. Vasconcellos.

EDUARDO

Ah!... E que razão teve para proceder assim?

AZEVEDO

Muitas; seria longo enumerá-las. Aquele velho é um miserável e sua filha uma namoradeira!...

EDUARDO

Sr. Azevedo, esquece que fala de amigos de nossa casa.

AZEVEDO

Perdão, mas não podia deixar que esses dois especuladores abusassem por mais tempo da minha boa fé.

EDUARDO

Se continua desta maneira, sou obrigado a pedir-lhe que se cale.

AZEVEDO

Bom; não me leve a mal esse desabafo. O fato é que o casamento está completamente desfeito, e que eu posso dizer como Francisco I: *Tout est perdu, hors l'honneur.*

EDUARDO

E a dívida de dez contos?

AZEVEDO

Ele a pagará; não lhe deixarei um momento de sossego! Permita que cumprimente a sua irmã.

ALFREDO

Não devo ficar, Eduardo, sinto que não terei o sangue-frio necessário para dominar-me.

EDUARDO

Espere, meu amigo.

CARLOTINHA

Sim, eu lhe peço, fique.

ALFREDO

Para quê? Para ser testemunha...

CARLOTINHA

Para ser testemunha da minha inocência!

HENRIQUETA

Que vais fazer?

CARLOTINHA

Apelar para a consciência de um homem que eu julgo honesto.

EDUARDO

Minha irmã! Deixa-me esse penoso dever! Tu és uma moça...

CARLOTINHA

Não, Eduardo, para ele eu sou criminosa. É justo que me defenda.

AZEVEDO

Estou completamente *embêté!*

CARLOTINHA

Sr. Azevedo, peço-lhe que declare se algum dia recebeu uma carta minha!

AZEVEDO

Comment!... Uma carta sua?... Nunca!...

ALFREDO

(A meia voz.) O senhor mente!

CARLOTINHA

(A Henriqueta.) Ainda duvida!

AZEVEDO

(A Eduardo.) Não estou na casa de um amigo?

EDUARDO

Sim; e o insulto é feito a mim!

ALFREDO

Perdão, Eduardo! Não sei o que faço, o meu espírito se perde!

AZEVEDO

Falta-lhe o *savoir-vivre!*

CARLOTINHA

Assim o senhor dá a sua palavra de honra! Não recebeu essa carta?...

AZEVEDO

Se eu a tivesse recebido, há muito teria vindo apresentar-lhe o pedido respeitoso de um amor profundo; e não esperaria por esse momento.

CARLOTINHA

O senhor ama-me então?

AZEVEDO

É verdade!

CARLOTINHA

Pois eu... eu o desprezo!

AZEVEDO

Ah!

EDUARDO

Minha irmã!...

AZEVEDO

O desprezo é o direito das senhoras e dos soberanos.

HENRIQUETA

Mas, então, eu sou livre? A minha promessa...

AZEVEDO

Já foi restituída a seu pai!

HENRIQUETA

Obrigada, meu Deus!

CENA XVI

(Os mesmos, D. Maria.)

D. MARIA

Que se passa aqui, senhores?

EDUARDO

Ah! Minha mãe! A nossa casa está sendo o teatro de uma cena bem triste!

D. MARIA

Mas por quê? Aconteceu alguma coisa? Carlotinha, que tens?

CARLOTINHA

Nada, mamãe.

D. MARIA

Todos tão frios, tão reservados!... Que quer dizer isto, Eduardo?

CENA XVII

(Os mesmos, Vasconcellos, Pedro.)

PEDRO

Barulho grande, Sr. Vasconcellos!

VASCONCELLOS

Deixe-me! Estou furioso!

HENRIQUETA

Meu pai, é verdade?

D. MARIA

O senhor está tão perturbado!

VASCONCELLOS

Se a senhora soubesse o que acabo de ouvir! Os maiores insultos!

AZEVEDO

Verdades bem duras, mas não insultos, senhor! Não é o meu costume.

VASCONCELLOS

Ah! O senhor está aqui?

EDUARDO

Sr. Vasconcellos!...

VASCONCELLOS

Oh! Não faz idéia do que este homem disse de mim. E se fosse só de mim! Caluniou, injuriou atrozmente minha filha!...

EDUARDO

Como, Sr. Azevedo?

AZEVEDO

Pergunte-lhe o que ouvi dele!

PEDRO

(*A Alfredo.*) Intriga está fervendo só! Hoje sim! Acaba-se tudo!

VASCONCELLOS

E o que me dói, ainda mais, D. Maria, é que todas essas injúrias de que o senhor se fez eco saem da sua casa!

PEDRO

(*A Carlotinha.*) Mentira!

EDUARDO

De nossa casa, Sr. Vasconcellos!

HENRIQUETA

Eu não creio, meu amigo.

VASCONCELLOS

Tu não crês, porque não as ouviste, minha filha; senão havias de ver que só amigos fingidos podiam servir-se da intimidade para, à sombra dela, urdirem semelhantes calúnias!

D. MARIA

Nunca pensei, meu Deus, passar por semelhante vergonha!...

EDUARDO

E eu, minha mãe, eu que sou responsável por todos esses escândalos!

AZEVEDO

C'est ennuyeux, ça!

VASCONCELLOS

Vamos, minha filha, deixemos para sempre esta casa onde nunca deveríamos ter entrado!

HENRIQUETA

Eduardo!...

EDUARDO

Adeus, Henriqueta!

HENRIQUETA

Carlotinha!...

CARLOTINHA

Ama-me! Tu ao menos não me farás chorar!

ALFREDO

Sou eu que a faço chorar, D. Carlotinha?

VASCONCELLOS

Vem, vem, Henriqueta! Não estamos bem neste lugar!

ALFREDO

É verdade, sofre-se muito aqui.

AZEVEDO

Com efeito, *il fait chaud.*

EDUARDO

A honra e a felicidade! Tudo perdido!

D. MARIA

(*Chorando.*) E tua mãe, meu filho!

PEDRO

E Pedro, senhor!

VASCONCELLOS

Oh! Está quem podia confirmar o que eu disse.

AZEVEDO

Justamente!

EDUARDO

Ah!... Escutem-me, senhores; depois me julgarão. É a nossa sociedade brasileira a causa única de tudo quanto se acaba de passar.

ALFREDO

Como?

VASCONCELLOS

Que quer dizer?

AZEVEDO

Tem razão, começo a entender!

EDUARDO

Os antigos acreditavam que toda casa era habitada por um demônio familiar, do qual dependia o sossego e a tranqüilidade das pessoas que nela viviam. Nós, os brasileiros, realizamos infelizmente esta crença; temos no nosso lar doméstico esse demônio familiar. Quantas vezes não partilha conosco as carícias de nossas mães, os folguedos de nossos irmãos e uma parte das afeições da família! Mas vem um dia, como hoje, em que ele, na sua ignorância ou na sua malícia, perturba a paz doméstica; e faz do amor, da amizade, da reputação, de todos esses objetos santos, um jogo de criança. Este demônio familiar de nossas casas, que todos conhecemos, ei-lo.

AZEVEDO

É uma grande verdade.

VASCONCELLOS

Tem toda a razão; a ele é que ouvi!

ALFREDO

Sim, não há dúvida.

CARLOTINHA

Eu adivinhava!...

D. MARIA

Como? Foste tu?

PEDRO

Pedro confessa, sim senhora.

D. MARIA

Mas para quê?...

PEDRO

Para desmanchar o casamento de Sr. Azevedo...

AZEVEDO

Que tal!

VASCONCELLOS

E para isso inventaste tudo o que me disseste?

PEDRO

E o que disse a Sr. Azevedo. Nhanhã Carlotinha nunca se importou com ele.

AZEVEDO

Assim, a flor?...

PEDRO

Mentira tudo.

ALFREDO

E a carta?

PEDRO

Nhanhã mandava a sinhá Henriqueta.

HENRIQUETA

Então é esta!

ALFREDO

Mas a sobrescrita?

HENRIQUETA

Uma brincadeira!

ALFREDO

Perdão, D. Carlotinha!

CARLOTINHA

Não! O que eu sofri!...

EDUARDO

Por quê, minha irmã? Todos devemos perdoar-nos mutuamente; todos somos culpados por havermos acreditado ou consentido no fato primeiro, que é a causa de tudo isto. O único inocente é aquele que não tem imputação, e que fez apenas uma travessura de criança, levado pelo instinto da amizade. Eu o corrijo, fazendo do autômato um homem; restituo-o à sociedade, porém expulso-o do seio de minha família e fecho-lhe para sempre a porta de minha casa. (*A Pedro.*) Toma: é a tua carta de liberdade, ela será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recairão unicamente sobre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas ações. Livre, sentirás a necessidade do trabalho honesto e apreciarás os nobres sentimentos que hoje não compreendes. (*Pedro beija-lhe a mão.*)

D. MARIA

Muito bem, meu filho! Adivinhaste o meu pensamento!

AZEVEDO

Mas agora, por simples curiosidade, dize-me, *gamin*, que interesse tinhas em desfazer o meu casamento?

PEDRO

Senhor moço Eduardo gosta de sinhá Henriqueta!

AZEVEDO

Ah!... Bah!...

EDUARDO

Sim, meu amigo. Eu amo Henriqueta e para mim esse casamento seria uma desgraça; para o senhor era uma pequena questão de gosto e para seu pai um compromisso de honra. Hoje mesmo pretendia solver essa obrigação. Aqui está uma ordem sobre o Souto; o Sr. Vasconcellos nada lhe deve.

VASCONCELLOS

Como? Fico então seu devedor?

EDUARDO

Essa dívida é o dote de sua filha.

HENRIQUETA

Oh! Que nobre coração!

EDUARDO

Quem me deu?

HENRIQUETA

Sou eu que sinto orgulho em lhe pertencer, Eduardo.

D. MARIA

Mas, meu filho, dispões assim da tua pequena fortuna. O que te resta?

EDUARDO

Minha mãe, uma esposa e uma irmã. A pobreza, o trabalho e a felicidade.

ALFREDO

Esqueceu um irmão, Eduardo.

EDUARDO

Tem razão!

AZEVEDO

E um amigo, *quand mème!*

EDUARDO

Obrigado!

VASCONCELLOS

À vista disto, D. Maria, vou tratar de pôr a Josefa nos cobres!

AZEVEDO

Decididamente, volto a Paris, meus senhores!

PEDRO

Pedro vai ser cocheiro em casa de major!

EDUARDO

E agora, meus amigos, façamos votos para que o demônio familiar das nossas casas desapareça um dia, deixando o nosso lar doméstico protegido por Deus e por esses anjos tutelares que, sob as formas de mães, de esposas e de irmãs, velarão sobre a felicidade de nossos filhos!...

FIM

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, **livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1. 123, 8º andar - Tel. : (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel. : _____

Nome do diretor ou responsável: _____

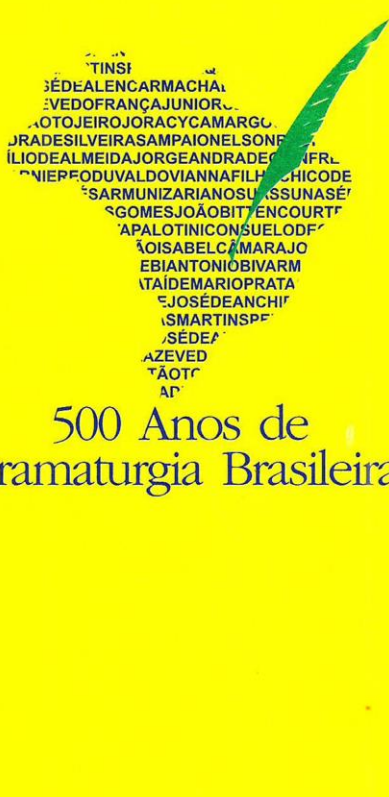
Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de _____ a _____ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua Mauá, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907



TINSI
SÉDEALENCARMACHAL
VEDOFRAÇA JUNIOR
OTOJEIROJORACYCAMARGO
JRADESILVEIRASAMPAIONELSON
LIODEALMEIDAJORGEANDRADE
NIERFODUVALDOVIANNAFILH
SARMUNIZARIANOSUSSUNASÉ
GOMESJOÃOBITTENCOURT
APALOTINICONSUELODF
OISABELCÂMARAJO
EBIANTONIÓBIVARM
TAÍDEMARIOPRATA
SÉJOSÉDEANCHI
SMARTINSPE
SÉDE
AZEVED
TÁOT
AD

500 Anos de Dramaturgia Brasileira



